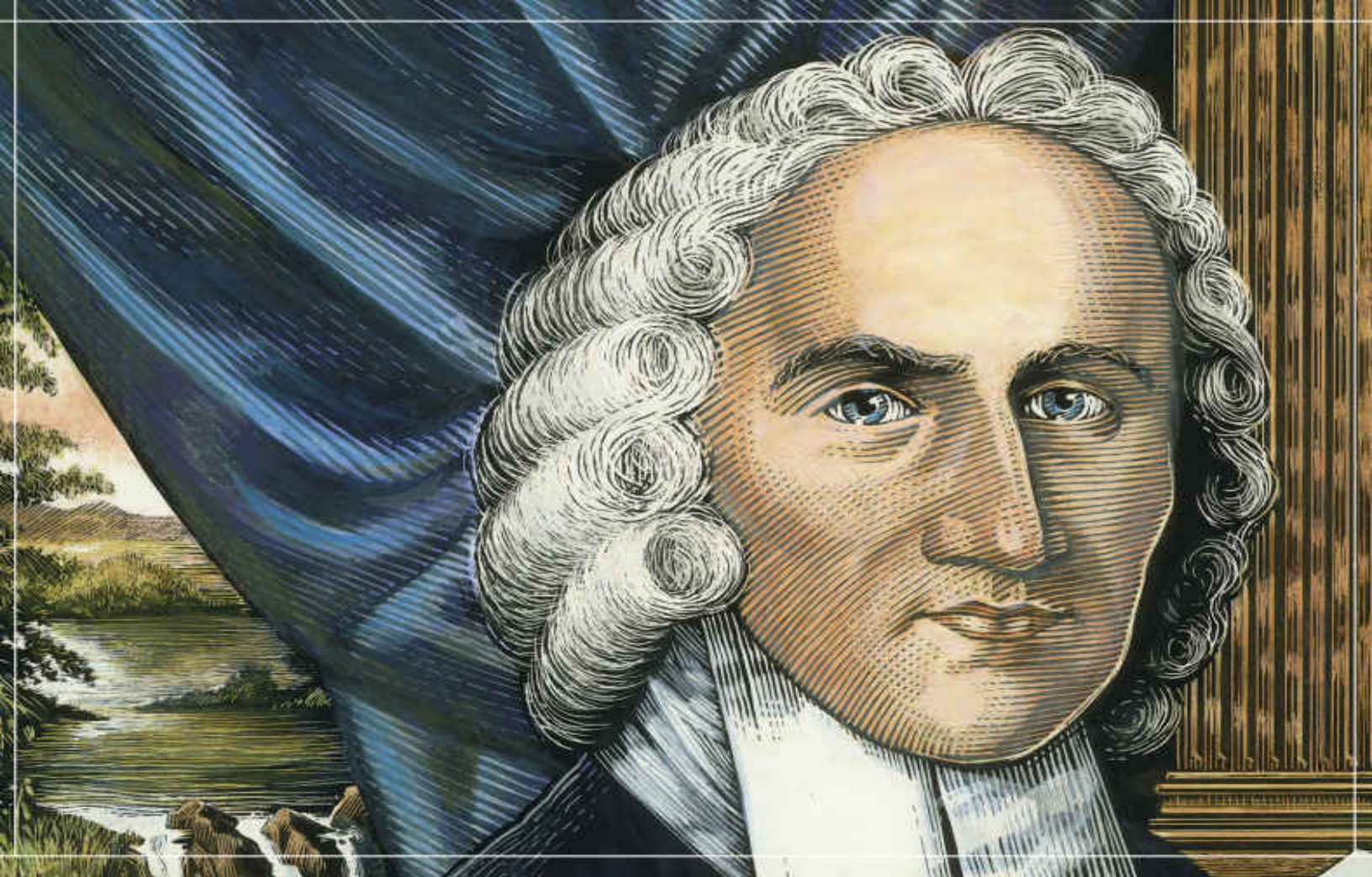




As Firmes Resoluções de

Jonathan Edwards

STEVEN J. LAWSON


FIEL
Editora

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS

STEVEN J. LAWSON

As Firmes Resoluções de

Jonathan Edwards

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS



A busca por uma piedade sistematizada não é exclusiva do cristianismo, mas é rara. Diferentemente das versões populares da fé cristã, Jonathan Edwards não buscava as disciplinas da piedade com fins utilitaristas como a preocupação com a auto-ajuda do cristianismo ocidental. Ele via a conformidade com Cristo como um meio, o único meio, de glorificar a Deus. Steven Lawson fez um trabalho maravilhoso, apresentando de uma maneira delicada e pastoral, a piedosa firmeza de Edwards; ajudando-nos assim a compreender a vida íntima, as lutas e os objetivos espirituais daquele que, talvez, seja o maior intelecto da América do Norte.

DR. JOHN D. HANNAH *Professor pesquisador de estudos teológicos
e ilustre professor de Teologia Histórica,
Seminário Teológico de Dallas.*

Você está cansado de levar uma vida cristã fragmentada? Cansado das buscas de um coração dividido? Então, você encontrou o livro certo. Aqui, Steven Lawson habilmente o leva a Jonathan Edwards, um modelo na busca por santidade, humildade, amor e pela rejeição ao pecado — tudo isso motivado por uma paixão inexorável pela “glorificação de Deus e pelo deleite eterno que o homem pode ter nEle”. Quando Edwards escreveu suas “Resoluções”, provavelmente não tinha idéia do quanto elas teriam impacto sobre sua vida. Tenha cuidado, elas farão o mesmo com você.

DR. STEPHEN J. NICHOLS *Professor pesquisador de cristianismo e cultura,
Faculdade Bíblica de Lancaster.*

A crescente aceitação do pensamento Reformado nos últimos anos tem sido muito encorajadora para aqueles que se deleitam nessa expressão bíblica do cristianismo. Os notáveis escritos de Jonathan Edwards, pela graça de Deus, têm desempenhado um importante papel nessa expansão da teologia reformada. Este novo livro de Steven Lawson ajuda-nos a encontrar a raiz do pensamento de Edwards em sua íntima caminhada com

Deus. Ele age como um poderoso lembrete de que a ortodoxia e a piedade reformadas andam juntas, e de que concentrar-se na primeira, em detrimento da segunda, não somente contraria o pensamento de Edwards, como também é antibíblico.

DR. MICHAEL A. G. HAYKIN *Professor de História Eclesiástica
e de Espiritualidade Bíblica,
Seminário Teológico Batista do Sul*

As Firmes Resoluções de Jonathan Edwards Um Perfil de Homens Piedosos

Traduzido do original em inglês: The Unwavering Resolve of Jonathan Edwards: A Long Line of Godly Men Profile por Steven J. Lawson

Copyright © 2008 – Steven J. Lawson Publicado por Reformation Trust, uma subdivisão do Ligonier Ministries

400 TECHNOLOGY PARK, LAKE MARY, FL 32746



Copyright © 2010 Editora Fiel 1ª Edição em Português: 2010



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios, sem a permissão escrita dos editores, salvo
em breves citações, com indicação da fonte.



Diretor: James Richard Denham III Editor: Tiago J. Santos Filho Tradução: Ana Paula Eusébio
Pereira Revisão: Waléria Coicev, Tiago J. Santos Filho Capa: Chris Larson e Kent Barton
Diagramação e Adaptação da capa: Edvânio Silva Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-070-0



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

Este livro é dedicado aos dois presbíteros com os quais sirvo na Igreja Batista Christ Fellowship, em Mobile, Alabama:

TOM GIBSON
E
DANNY CHANCE

Esses homens fiéis têm estado ao meu lado desde que Deus plantou a igreja, a qual agora temos o privilégio de servir e supervisionar. Como Jonathan Edwards, eles são marcados por uma firme determinação em sua busca pela santidade pessoal e no cuidado que dedicam ao rebanho de Deus. Um dia, o Céu revelará sua firme determinação de fazer a obra de Deus, do jeito que Ele quer que seja feita, para a sua glória. Até lá, o meu desejo é que vocês saibam a respeito do diligente ministério que eles desempenham.

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.

2 Coríntios 15.58

ÍNDICE

Prefácio: A Busca pela Santidade

Capítulo 1: A Vida e o Legado de Edwards

Por que Jonathan Edwards?
Um Puritano em Desenvolvimento (1703-1726)
Os Primeiros Anos em Northampton (1727-1739)
Os Propulsores do Avivamento (1740-1749)
A Dolorosa Separação (1750)
Missionário Pioneiro (1751-1757)
A Presidência de Princeton (1758)
Edwards Era resoluto

Capítulo 2: Uma Bússola Espiritual para a Alma

Contexto Histórico
Precedência Cultural
Propósito Espiritual
Raízes Teológicas
As Principais Categorias
Escritos Complementares
A Apaixonada Busca pela Piedade

Capítulo 3: O Pré-requisito da Fé

Incapacidade Pessoal
Capacitação Divina
Humilde Submissão
A Motivação mais Pura
Uma Revisão Constante
Uma Chamada ao Compromisso

Capítulo 4: A Glória de Deus Como Prioridade

A Maior Aspiração
Busca Incansável
Estratégia Abrangente
Esforço Intencional
Omissões Intencionais
Como Você Viverá?

Capítulo 5: O Abandono do Pecado

Arrependimento Genuíno
Tristeza Piedosa
Esquadrinhando o Coração
Batalha Resoluta
Confissão Plena
A Busca pela Santidade Pessoal

Capítulo 6: O Precipício da Eternidade

Tempo Limitado
Hora Final
Ação Imediata
A Última Trombeta
O Mundo Futuro
Vivendo sem Remorsos

Capítulo 7: A Paixão da Disciplina

Devoção de Coração
Rígido Controle Físico
Disciplinas Espirituais
Fervor Inabalável
Uma Busca Disciplinada por Santidade

Capítulo 8: A Prática do Amor

Atos Caridosos
Atitude Paciente
Palavras Graciosas
Espírito Pacificador
Coração Compassivo

Resolvido a Amar

Capítulo 9: A Postura do Auto-exame

Conversão Examinada

Pecado Exposto

Vida Inspecionada

Deveres Provados

Sentimentos Monitorados

A Busca pela Santidade

Conclusão: Soli Deo Gloria

Apêndice: As “Resoluções” de Jonathan Edwards

Notas

A Busca pela Santidade

Para viver o cristianismo, de acordo com todos os relatos bíblicos, é necessário uma busca intensa por santidade pessoal. A santificação nunca foi uma matéria opcional, que um crente pode ou não cursar. Também não é uma especialização exigida de uns poucos discípulos. Em vez disso, é um pré-requisito ordenado a todos os cristãos. A piedade é um estudo vitalício, pois ninguém se forma na escola de Cristo deste lado do céu.

O progresso na santidade pessoal é absolutamente crucial. A Bíblia diz: “Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). Em outras palavras, o caminho que conduz ao céu deve conduzir primeiro à santidade. Jesus disse: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5.8). O crescimento na piedade marca *todos* quantos estão no caminho estreito que conduz à vida.

Não há dúvidas de que essa busca precisa de autodisciplina. O apóstolo Paulo escreveu: “Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado” (1 Co 9.27). Nos jogos antigos, um atleta que não satisfizesse às exigências básicas de treinamento não poderia, de modo algum, tomar parte neles e, muito menos, ganhar a coroa. Da mesma forma, o crente que deixa de “esmurrar seu corpo” e conduzi-lo à submissão é colocado para fora da corrida. Se alguém falha em exercitar o domínio próprio, perde o prêmio.

O apóstolo não está dizendo que um crente assim, sem disciplina, perderá sua salvação, pois tal coisa é impossível. As Escrituras afirmam claramente a eterna segurança do crente. O discípulo sem disciplina perde a alegria pessoal, o poder espiritual e, finalmente, a recompensa eterna (1 Co 3.15). Para ganhar o prêmio, é preciso que todos nós, crentes, “desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta” (Hb 12.1). Simplificando, “não há benefício sem sacrifício”.

Paulo reforça esse desafio com as palavras: “Exercita-te, pessoalmente, na piedade” (1 Tm 4.7). Com essa exortação, Paulo alude ao tipo de treinamento rigoroso ao qual um atleta campeão se submete, a fim de ganhar a coroa. Na vida cristã, a disciplina rigorosa, motivada e capacitada pela graça, é exigida de todos quantos estão no caminho da vitória. Vocês que são preguiçosos nas coisas espirituais, tenham cuidado!

À luz desses ensinamentos bíblicos, é espantosa a grande quantidade de crentes professos que são negligentes quanto à autodisciplina necessária para o crescimento na piedade. Vivemos numa época de esgotamento espiritual. Muitos que confessam a Cristo mimam a si mesmos até à morte, em vez de impelirem a si mesmos em direção à santidade. Seus músculos espirituais estão destreinados e inadequados. As intenções deles não têm vigor e são irresolutas.

É por isso que um estudo sobre a vida de Jonathan Edwards é tão valioso. Considerado o grande personagem na história eclesiástica da América colonial — possivelmente o maior pastor, pregador, filósofo, teólogo e autor que a América do Norte já teve — Edwards viveu com um grande desejo de experimentar a piedade pessoal. Nessa busca, ele tornou-se um exemplo de disciplina, digno de ser imitado por nós.

Entre os dezoito e dezenove anos, em 1722 e 1723, Edwards escreveu setenta declarações, nas quais expunha os seus propósitos para sua vida. Essas declarações ficaram conhecidas como suas “Resoluções”. Embora

fosse cristão havia apenas um ano, Edwards sabia que precisava submeter a si mesmo a certa disciplina, a fim de que crescesse em santidade diariamente. Em consequência disso, com uma forte determinação, esse jovem ministro puritano escrevia e trabalhava duro para manter esses setenta votos. Eis a chave de seu crescimento espiritual: Edwards disciplinava a si mesmo no propósito da piedade. Ele entendeu que o crescimento na santidade não é uma ação que fica no passado, mas uma busca que permanece durante toda a vida, uma busca que exige uma determinação diária de viver de acordo com as verdades ensinadas nas Escrituras. De acordo com suas “Resoluções”, Edwards consagrou a si mesmo em todas as coisas, a fim de glorificar a Deus e ganhar a coroa incorruptível.

Este livro é o segundo de uma série intitulada *Um Perfil de Homens Piedosos*. No primeiro volume, *A Arte Expositiva de João Calvino*, examinamos o ministério de pregação do grande Reformador de Genebra do século XVI, que tão habilmente expôs as Escrituras. Neste volume, consideraremos a piedade de Edwards, que viveu nos Estados Unidos do século XVIII. Esse santo homem da Nova Inglaterra buscou uma espiritualidade autêntica, que o distinguiu como um homem de Deus. Os próximos volumes se concentrarão em Martinho Lutero, George Whitefield, Charles Spurgeon e outros, observando sua ampla influência na história da igreja. Há muito a se ganhar espiritualmente com o estudo da vida pessoal e dos ministérios públicos desses líderes espirituais.

Conforme nos concentramos em Edwards, descobriremos que ele apreciava a pureza pessoal, porque muito estimava o esplendor da santidade de Deus. “A beleza do Cristianismo é a beleza da santidade”, escreveu David Vaughan. “O contínuo encanto da vida e do ensino de Edwards não é a sua sutileza transcendente, nem seu intelecto sagaz, mas a beleza de sua santidade”.¹ Portanto, nossa ênfase neste volume será a apaixonada busca de Edwards por santidade pessoal, por meio de suas

“Resoluções”. O espaço não nos permite considerar cada resolução, mas estudaremos muitas delas em várias categorias. Para reflexões adicionais, o texto completo das resoluções encontra-se num anexo no final deste livro.

A principal finalidade deste livro é desafiar uma nova geração de crentes a buscar a santidade em seu cotidiano. Meu objetivo é que fixemos nossa atenção na forma como devemos nos disciplinar nessa busca. Para ilustrar o nosso ponto principal, suplementaremos nossa reflexão sobre as resoluções com passagens do diário de Edwards e com sua “Narrativa Pessoal”, a fim de obtermos uma compreensão clara do modo como ele as implementou. Ao fazermos isso, observaremos um modelo de vida cristã disciplinada.

Se você é crente, permita que a firme determinação de Jonathan Edwards o desafie a viver num grau mais elevado de compromisso em sua vida espiritual. Se você ainda não é um crente, eu espero que a vida dele revele como deve ser um verdadeiro cristão e faça com que você confie em Cristo e O siga.

Quero agradecer ao grupo de editores da Reformation Trust por seu compromisso com esta série de perfis. Mais uma vez, quero expressar minha gratidão a Greg Bailey, diretor de publicações, que tem feito um excelente trabalho na edição deste manuscrito e pelo encorajamento que dispensou a mim. Chris Larson, diretor de comunicações, também ajudou muito no belo design gráfico deste livro. Continuo orgulhoso da minha parceria com o Dr. R. C. Sproul e com a organização Ligonier Ministries.

Em relação à Igreja Batista Christ Fellowship, onde tenho a honra de servir como pastor, quero agradecer aos presbíteros e à congregação por me apoiarem enquanto escrevia este livro. Estes capítulos foram apresentados à igreja como uma série de mensagens, nas noites de quarta-feira; acredito que eles foram úteis para a edificação das pessoas. Desejo expressar minha gratidão à minha assistente executiva, Kay Allen, que digitou este documento e coordenou as tarefas. Também sou devedor

principalmente ao meu filho mais velho, Andrew, que ajudou na pesquisa inicial e na edição deste livro, e a Mark Hassler, que providenciou pesquisas adicionais e prestou assistência editorial.

Minha família continua sendo uma fonte de encorajamento para mim, em minha vida pessoal e no ministério. Minha esposa, Anne, e nossos quatro filhos, Andrew, James, Grace Anne e John formaram um só corpo comigo na produção deste livro. Eles crêm e vivem o que eu escrevo neste livro.

Soli Deo Gloria

STEVEN J. LAWSON
MOBILE, ALABAMA

A Vida e o Legado de Edwards

*Talvez seja tolice, mas sou tentado a comparar os puritanos aos Alpes, Lutero e Calvino ao Himalaia e Jonathan Edwards ao Monte Everest! Para mim, ele sempre foi o homem mais parecido com o apóstolo Paulo.*¹

— D. MARTYN LLOYD-JONES

Faz quase três séculos que Jonathan Edwards ministrou pela última vez na Nova Inglaterra colonial, e ele ainda é amplamente considerado o ministro mais distinto que já agraciou a igreja americana. Com uma permanente influência, Edwards continua elevado sobre a vida intelectual e espiritual da igreja evangélica. Seus escritos teológicos foram assombrosamente brilhantes, seu ministério pastoral rendeu frutos e sua caminhada cristã foi exemplar.

Providencialmente nascido no século XVIII, nos anos anteriores à formação dos Estados Unidos, Edwards viveu num ponto estratégico da história da igreja. Considerado “o último dos Teólogos Escolásticos Medievais”² e “o último representante da teologia e do pensamento puritano no Novo Mundo”,³ Edwards também foi “o primeiro dos modernos filósofos-teólogos norte-americanos”.⁴ Semelhantemente, George Marsden, autor de uma aclamada biografia de Edwards, o chama de “o mais perspicaz dos primeiros filósofos americanos”.⁵ O respeitado teólogo de Princeton, Benjamin B. Warfield, concorda com ele, asseverando

que Edwards “se destaca como o personagem de real grandeza na vida intelectual da América colonial”.⁶ B. K. Kuiper escreveu que ele era “o magnífico personagem intelectual da América colonial”.⁷

Muitos consideram Edwards como o mais eminente pregador vindo do lugar agora chamado de Estados Unidos. Ele pregou o sermão que muitos crêem ser o mais famoso da América do Norte: *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*. Outros avaliam Edwards como um dos maiores teólogos da América. Ele é reconhecido como “o teólogo do Primeiro Grande Avivamento”,⁸ pois se posicionou exatamente na nascente dos despertamentos”,⁹ nas décadas de 1730 e 1740. Também se diz que Edwards foi “o maior [teólogo] em todos os aspectos”,¹⁰ e um “dentre a meia dúzia dos maiores teólogos de todos os tempos”.¹¹

Edwards igualmente se sobressaiu como escritor. Marsden acredita que três dos muitos trabalhos de Edwards — *Religious Affections* [Afeições Religiosas], *Freedom of the Will* [Livre Arbítrio] e *The Nature of True Virtue* [A Natureza da Virtude Verdadeira] — são “obras-primas na mais ampla história da literatura cristã”.¹² O teólogo reformado R. C. Sproul considera que *Freedom of the Will* “é o trabalho teológico mais importante que já foi publicado na América do Norte”.¹³ Paul Ramsey, estudioso de Edwards, escreveu que *Freedom of the Will* “é suficiente para estabelecer seu autor como o maior filósofo-teólogo a agraciar o cenário americano até o momento”.¹⁴

A influência permanente de Edwards também pode ser medida de outras maneiras. No início do século XX, um estudo traçou a descendência de Edwards. Os resultados foram estonteantes. De Edwards veio uma grande e ilustre prole: trezentos ministros, missionários e professores de teologia; cento e vinte professores universitários; cento e dez advogados; mais de sessenta médicos; mais de sessenta autores de bons livros; trinta juízes; catorze reitores de universidades; numerosos gigantes da indústria norte-americana; oitenta detentores de importantes cargos públicos; três

prefeitos de grandes cidades; três governadores de estados; três senadores; um capelão do senado dos Estados Unidos; um fiscal da Fazenda e um vice-presidente dos Estados Unidos.¹⁵ É difícil imaginar alguém que tenha contribuído de forma mais vital para a alma dessa nação do que esse teólogo da Nova Inglaterra.

Não há dúvidas de que Edwards foi um gigante da fé cristã, um homem cuja influência ainda hoje é fortemente sentida. Conforme escreveu S. M. Houghton, Edwards tornou-se “uma estrela de primeira magnitude na história da Igreja de Deus”.¹⁶ Meic Pearse acredita que ele foi “a figura de mais influência no cristianismo norte-americano até o século XX — e possivelmente até hoje”.¹⁷ Harry S. Stout se admira com o fato de Edwards ter uma “capacidade permanente de falar através das eras”.¹⁸

POR QUE JONATHAN EDWARDS?

A partir desses fatos, fica óbvio que a vida de Edwards é digna de nosso estudo e imitação. Mas, é imprescindível que tratemos de certas perguntas: O que tornou Edwards um homem tão notável assim? O que fez com que esse homem fosse usado por Deus de forma tão eficaz? Resumidamente, por que Edwards? Em última instância, Deus, pela sua soberana graça, escolheu Edwards para ser um líder eminente e capaz de influenciar. Contudo, num nível mais pessoal e prático, Edwards combinou, de modo único, a piedade espiritual com um gênio intelectual. Tanto sua mente, quanto seu coração estavam engajados na busca por Deus; e sua piedade tanto quanto seu intelecto. D. Martyn Lloyd-Jones acreditava ser essa a chave das realizações de Edwards: “Nele, o espiritual sempre controlou o intelectual”.¹⁹ Em outras palavras: “Todos os seus ricos e brilhantes dons não somente eram mantidos em subserviência, mas eram usados como servos”.²⁰ Dizendo isso de outra forma, Lloyd-Jones escreveu que Edwards era “dominado por Deus”.²¹

Em suma, embora Edwards fosse intelectualmente brilhante e teologicamente extraordinário, sua verdadeira grandeza estava em seu incansável zelo pela glória de Deus. Ele foi reconhecido como um homem segundo o coração de Deus devido a sua “profunda... e excepcional espiritualidade”.²² A alma desse puritano americano era dedicada à busca da incomparável honra de Deus. Numa palavra, Edwards era *resoluto*. Era determinado a viver com uma resoluta fidelidade, por amor à grandeza de Deus. Sua visão era singular; sua alma, constante; seu desejo, firme. Essa determinação resoluta de buscar a majestade de Deus será o foco deste livro.

Começemos nosso estudo sobre Jonathan Edwards com uma avaliação de sua vida notável.

UM PURITANO EM DESENVOLVIMENTO (1703-1726)

Nascido em 5 de outubro de 1703, filho do Reverendo Timothy e de Esther Stoddard Edwards, em East Windsor, Connecticut, Jonathan Edwards foi o único filho entre dez filhas. Sua família era uma das mais respeitadas da América colonial. O pai de Edwards era um pastor formado em Harvard, que pregou fielmente na mesma igreja, em East Windsor, por mais de sessenta anos (1694-1758). Sua mãe era de uma das famílias mais proeminentes de Connecticut, e talvez de toda a Nova Inglaterra. Ela era filha de Solomon Stoddard, que pastoreou uma igreja por quase sessenta anos (1672-1729), a congregação em Northampton, Massachusetts, um dos rebanhos de mais prestígio nas primeiras colônias. Tamanha era a importância de Stoddard que ele ficou conhecido como o “Papa de Northampton” e o “Papa de Connecticut River Valley”.²³

Uma inteligência extraordinária marcou Jonathan em sua juventude. Seu pai, um “professor excelente [e] ... um rigoroso disciplinador”,²⁴ ensinou-o, juntamente com muitas outras crianças da cidade, dando-lhes um ensino elementar de qualidade superior, bem como a educação secundária. Timothy preparou o jovem Jonathan para o ministério, ensinando-lhe as Escrituras, o Breve Catecismo de Westminster e a Teologia Reformada. De seu pai, ele também recebeu, pela primeira vez, uma apresentação a respeito da vida cristã e das responsabilidades e recompensas do ministério pastoral. Sua mãe, Esther, era conhecida por sua “inteligência inata... [e também] por sua exigência”.²⁵ As dez irmãs de Jonathan foram todas enviadas a Boston, para concluírem os estudos e, quando voltaram para casa, auxiliaram seu irmão em seus estudos. Como resultado dessas influências, o jovem Edwards viveu de modo bem

centrado em Deus e nas riquezas da teologia puritana. Contudo, Jonathan não se converteu a Cristo durante esses anos de formação.

Quando Jonathan tinha treze anos, Timothy o matriculou numa escola fundada havia pouco tempo, a Collegiate School de Connecticut, que mais tarde seria conhecida como a Faculdade de Yale. Timothy foi educado em Harvard, que fora estabelecida como uma escola calvinista, mas que havia enfraquecido diante das influências arminianas. Essa erosão doutrinária levou Timothy a matricular Jonathan em Yale, que era abertamente leal à teologia reformada. No programa de bacharelado, Edwards recebeu uma ampla educação em ciências humanas, estudou gramática, retórica, lógica, história antiga, aritmética, geometria, astronomia, metafísica, ética, ciência natural, grego, hebraico, teologia cristã, filosofia natural e literatura clássica. Também recebeu uma sã exposição às maiores mentes puritanas e reformadas, lendo João Calvino, John Owen, William Ames e outros homens de Deus. Em 1720, formou-se como o melhor aluno de sua sala, recebendo o bacharelado em humanidades e fez o discurso de despedida.

Edwards imediatamente iniciou o programa de mestrado em Yale, o qual requeria dois anos de estudo independente. Durante seu segundo ano, Edwards, aos dezessete anos, repentinamente foi convertido a Jesus Cristo. Ele escreveu que enquanto contemplava 1 Timóteo 1.17, “veio à minha alma, como se estivesse espalhando-se nela, um senso da glória do Ser Divino; um novo senso, totalmente diferente de qualquer coisa que eu já havia experimentado antes”.²⁶ Seu coração imediatamente enlevou-se com pensamentos arrebatadores sobre Deus. Edwards mais tarde escreveria:

Comecei a ter um novo tipo de percepções e idéias sobre Cristo, sobre a obra redentora e os gloriosos caminhos da salvação por meio dEle. Um senso interior e agradável sobre essas coisas às vezes vinha ao meu coração, e minha alma foi levada em aprazíveis visões e contemplações a respeito delas. Minha

mente estava muito empenhada em passar o meu tempo lendo e meditando sobre Cristo, na beleza e excelência de sua pessoa e no amável caminho da salvação, pela livre graça nEle.²⁷

Ao completar o trabalho de classe requerido pelo programa de mestrado e antes de escrever suas teses, Edwards viajou para Nova Iorque para trabalhar temporariamente como pastor de uma pequena igreja presbiteriana escocesa, perto da Broadway e da Wall Street. Durante esse tempo de formação, “sentiu um forte desejo de ser, em tudo, um cristão completo”.²⁸ Esse provou ser um tempo de amadurecimento para sua alma; um tempo no qual Edwards pensou cuidadosamente nas prioridades que ele desejava que fossem os princípios orientadores de sua vida. Foi então que Edwards, aos dezoito anos, começou a escrever suas “Resoluções”. Finalmente ele redigiu setenta propósitos, cada um deles destinado a dirigir sua recém-iniciada jornada cristã. Elas eram “as diretrizes, o sistema de controle que ele usaria para projetar sua vida — seus relacionamentos, seu falar, seus desejos, suas atividades”.²⁹ Nesse tempo, Edwards também passou a manter um diário para monitorar sua disposição espiritual (1722-25, 1734-35). Além disso, Jonathan começou a escrever suas “Miscelâneas”, uma coleção de máximas, observações e reflexões, incluindo desde pensamentos filosóficos a discernimentos exegéticos num texto bíblico. Onde quer que estivesse, Jonathan registrava seus pensamentos perspicazes à medida que eles jorravam de sua mente, geralmente prendendo essas anotações ao seu casaco.

Quando seu pastorado temporário terminou, em abril de 1723, Edwards voltou para casa, em Connecticut, para escrever sua tese de mestrado e ajudar nas pregações. Em outubro de 1723, formou-se em Yale, com o grau de mestre em humanidades, após apresentar e defender sua tese sobre a doutrina da imputação do pecado. O título de sua tese era “Aos Olhos de Deus, um Pecador não é Justificado, Exceto por Meio da Justiça de Cristo,

Obtida pela Fé”. Depois, Edwards trabalhou por um breve período na Igreja Congregacional em Bolton, Connecticut, de novembro de 1723 a maio de 1724, antes de retornar a Yale para assumir um cargo de instrutor (1724-1726). Foi então que ele começou a cortejar a jovem Sarah Pierpont, filha de James Pierpont, um pastor de New Haven. Os dois se casariam em Julho de 1728, após um namoro de quatro anos.

Durante esse tempo, Edwards lutou intensamente com o seu chamado vocacional. Ele seguiria o mundo acadêmico ou o pastorado? Após uma minuciosa análise de suas convicções e motivações, Edwards se entregou à soberana vocação que seu pai e seu avô seguiram, a qual ele testemunhara de perto.

OS PRIMEIROS ANOS EM NORTHAMPTON (1727-1739)

Jovem e ativo, Edwards aceitou um convite para servir como pastor assistente em Northampton, Massachusetts, ao lado de seu avô materno, o renomado Solomon Stoddard, que tinha oitenta e três anos de idade. O velho Stoddard era “o ministro mais influente na região”,³⁰ mas muitas pessoas sentiam que ele precisava de ajuda. Jonathan foi ordenado como seu ajudante em 15 de fevereiro de 1727, com o acordo de que Stoddard treinaria o jovem Edwards para sucedê-lo. Quando Stoddard morreu, dois anos depois, Edwards, aos vinte e seis anos, foi repentinamente impelido a um dos púlpitos de mais destaque na Nova Inglaterra. Ele seria o pastor daquela igreja pelos vinte e dois anos seguintes, passando por momentos de grande importância, e por tempos muito difíceis.

No púlpito, um domingo após outro, Edwards logo se destacou como pregador. Seus sermões eram marcados por “empolgante habilidade expositiva... ampla variedade temática, por uma riqueza de pensamento evangélico, uma penetrante consciência acerca do que se refere à eternidade e uma fluência lógica e instigante que tornava os seus sermões cativantes, perscrutadores, devastadores e doxológicos; centrados em Cristo até ao grau mais elevado.”³¹ O estilo de sua pregação era “poderoso e, segundo a opinião geral, quase hipnótico em seu poder de prender a mente de seus ouvintes nas coisas divinas”.³² Durante esse tempo, Edwards também se revelou como “um determinado oponente do arminianismo”.³³ Roger Olson observou que “nenhum teólogo na história do cristianismo teve uma visão mais elevada ou mais firme do que a de Jonathan Edwards no que diz respeito à majestade de Deus, à sua soberania, à sua glória e ao seu poder”.³⁴ Ele “defendia ardentemente as doutrinas puritanas calvinistas... [declarando que] Deus é a verdade todo-

determinante, no sentido mais incondicional possível, e sempre age segundo sua própria glória e honra”.³⁵

Um excelente exemplo da confiante defesa que Edwards dedicava à doutrina calvinista foi seu discurso aos ministros puritanos de Boston, em julho de 1731. O jovem pregador escolheu por seu texto, 1 Coríntios 1.29-31, uma afirmação inequívoca da absoluta soberania de Deus na salvação. A mensagem intitulada “Deus Glorificado na Dependência do Homem” foi designada para se opor à crescente influência do arminianismo de seus dias, uma doutrina centrada no homem. Os ex-alunos de Harvard, que se reuniam ali, ficaram impressionados com a força de seu argumento, e o sermão logo se tornou o primeiro dos trabalhos de Edwards a ser publicado. Embora Edwards anteriormente tivesse lutado contra a doutrina bíblica da soberania divina — uma verdade que outrora havia chamado de “doutrina horrível”³⁶ — mediante um estudo pessoal, ele se convenceu de que Deus ordena, de forma irresistível, a salvação de seu povo eleito, e logo passou a ser um guardião dessa verdade sagrada.

Em dezembro de 1734, um movimento soberano do Espírito de Deus aconteceu na Nova Inglaterra. Começou quando Edwards pregou uma série de sermões sobre a justificação pela fé, que foi “direcionada contra a inclinação ao arminianismo... que então se desenvolvia na Nova Inglaterra”.³⁷ Durante aqueles meses de inverno, quase todas as pessoas de Northampton foram tomadas por uma profunda preocupação com sua alma, e mais de trezentas professaram fé em Cristo. Edwards escreveu: “A cidade parecia estar cheia da presença de Deus; ela nunca esteve tão cheia de amor, nem tão cheia de alegria... Havia notáveis sinais da presença de Deus em quase todas as casas... todos [estavam] concentrados na adoração pública”.³⁸

Após esse intenso despertar (1734-1736), Edwards registrou seus extraordinários efeitos numa carta de oito páginas a Benjamin Colman, um ministro de Boston. Mais tarde, Edwards expandiu o seu conteúdo e

Colman subsequêntemente o publicou como: *A Faithful Narrative of the Surprising Work of God in the Conversion of Many Hundred Souls in Northampton*(1736) [*Narrativa Fiel da Surpreendente Obra de Deus na Conversão de Centenas de Almas em Northampton*]. Esse relato logo chegou a Londres, onde Isaac Watts, o talentoso autor de hinos, e John Guyse, um ministro de Londres, publicaram-no na Inglaterra. Imediatamente, a influência de Edwards expandiu-se para além-mar.

Resumindo os efeitos do despertamento, Edwards escreveu:

Naquele momento, nossas reuniões públicas eram belas, a congregação alegrava-se no culto a Deus, todos se concentravam com sinceridade na adoração pública, cada ouvinte ansiava por sorver as palavras do ministro conforme elas lhe saíam da boca; de tempos em tempos a assembléia, em geral, ia às lágrimas enquanto a Palavra de Deus era pregada, alguns chorando de tristeza e angústia, outros de alegria e amor, outros sentindo compaixão e preocupação pela alma de seu próximo.³⁹

OS PROPULSORES DO AVIVAMENTO (1740-1749)

Uma copiosa medida do poder de Deus veio às colônias entre os anos de 1740 e 1742. Esse movimento, conhecido como o Grande Avivamento, estava ligado às pregações itinerantes do evangelista inglês George Whitefield, que viajava pelas colônias, chamando as pessoas ao arrependimento e à fé. Edwards convidou Whitefield para pregar em Northampton. Edwards sentou-se no banco da frente e chorou sob o poder do ministério de pregação do grande evangelista. Por toda a Nova Inglaterra, é estimado que “de uma população de 300.000 habitantes, de 25.000 a 50.000 novos membros foram acrescentados às igrejas”⁴⁰ durante o despertamento.

Em Edwards, o avivamento teve “um defensor vigoroso”.⁴¹ De fato, o avivamento alcançou seu auge em 8 de julho de 1741, quando Edwards pregou seu sermão mais famoso, intitulado “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado”. O sermão era baseado em Deuteronômio 32.35b: “A seu tempo, quando resvalar o seu pé”. Edwards o havia pregado um mês antes, em sua própria igreja, tendo poucos efeitos visíveis. Entretanto, quando ele o pregou em Enfield, um poderoso despertamento aconteceu. Pecadores foram convencidos de seus pecados e almas foram abaladas. Edwards foi forçado a pedir silêncio enquanto as pessoas se agarravam aos bancos, com medo de cair no inferno. Marsden comentou: “O que é extraordinário nesse sermão são... as figuras explicativas que Edwards emprega para tocar o coração dos ouvintes... ele concentra tudo no tema central; o que significa os pecadores estarem nas mãos de Deus... eles são deixados sem escapatória”.⁴²

Juntamente com o Grande Avivamento, vieram muitos excessos de sentimentalismo. Surgiu uma controvérsia entre as igrejas com respeito à verdadeira natureza desse movimento. Muitos ministros se opuseram ao

despertamento. Eles eram conhecidos como Velhas Luzes, enquanto que os pastores que apoiavam o avivamento eram chamados de Novas Luzes. A Faculdade de Yale foi dividida ao meio. Uma turbulenta reunião dos curadores aconteceu em 10 de setembro de 1741. Providencialmente, Edwards ficou encarregado de pregar a mensagem de abertura no dia seguinte e deu pleno apoio ao despertar. Numa exposição de 1 João 4.1-6, Edwards identificou cinco marcas pelas quais uma autêntica obra do Espírito deve ser reconhecida. Tal obra, ele disse, “(1) aumenta a consideração [das pessoas] por Jesus como o Filho de Deus e Salvador do mundo, (2) leva as pessoas a partirem de suas corrupções e lascívia rumo à justiça de Deus, (3) aumenta seu respeito pelas Sagradas Escrituras, (4) estabelece a mente delas nas verdades objetivas da fé revelada e (5) evoca um genuíno amor por Deus e o homem”.⁴³ Cada um desses acontecimentos, ele cria, estava presente no avivamento. Essa mensagem foi publicada um mês depois sob o título de *The Distinguishing Marks of a Work of the Spirit of God* (1741) [A Verdadeira Obra do Espírito — Sinais de Autenticidade] e teve ampla circulação.

Mais uma vez, Edwards escreveu sobre o despertar, num trabalho maior intitulado *Treatise Concerning Religious Affections* (1746) [Tratado Sobre Afeições Religiosas]. Nesse trabalho, o qual se tornou “a análise mais importante e precisa já escrita sobre a experiência religiosa... [Edwards] se esforçou para identificar o que constitui a verdadeira e autêntica espiritualidade”.⁴⁴ Ele lutou com a diferença entre a verdadeira e a falsa experiência cristã, comparando o que poderia não indicar *necessariamente* a fé salvífica com as verdadeiras marcas da conversão. Esse livro é considerado por muitos historiadores como “o principal clássico na história americana sobre a vida espiritual”.⁴⁵

Nesses anos, Edwards influenciou um exército de homens jovens na decisão de seguirem o ministério. Ele pregou o sermão de ordenação para numerosos jovens ministros. Outros moraram com ele, como Joseph

Bellamy, Samuel Buell e Samuel Hopkins, e “se tornaram pessoas influentes na Nova Inglaterra”.⁴⁶ Um jovem que viveu na casa de Edwards foi um destemido missionário que trabalhou com os índios Delaware em Nova Jérsei e na Pensilvânia, David Brainerd. De fato, Brainerd morreu de tuberculose, sob o teto de Edwards, em 9 de outubro de 1747. A filha de Edwards, Jerusha, foi a enfermeira de Brainerd em casa e, tragicamente, contraiu tuberculose e morreu meses depois. Posteriormente Jonathan editou e publicou o diário de Brainerd, um registro de sua “abnegada devoção ao trabalho missionário entre os índios”.⁴⁷ Além disso, escreveu uma biografia desse jovem, intitulada *A Vida de David Brainerd* (1749), a qual “ajudou a inspirar o movimento missionário do século seguinte”.⁴⁸

A DOLOROSA SEPARAÇÃO (1750)

Apesar dos sucessos do ministério de Edwards em Northampton, por mais de duas décadas, seu afamado pastorado chegou a um abrupto e amargo fim em “um dos grandes mistérios da história da igreja”.⁴⁹ Stoddard, seu antecessor e avô, permitia que as pessoas participassem da Ceia do Senhor baseado numa simples profissão de fé em Cristo. Edwards convenceu-se de que “elas devem professar o cristianismo [e produzir os frutos da conversão] antes de poderem participar da Ceia”.⁵⁰ Quando Edwards tentou inculcar esse padrão mais enérgico, desencadeou-se na igreja uma violenta resposta contra ele.

Numa carta a seu amigo escocês, John Erskine, em 1749, ano anterior à sua exoneração, Edwards revelou essa grande tensão:

Uma dificuldade muito grande surgiu entre eu e meu povo, relacionada às qualificações necessárias para participar da mesa do Senhor. Meu honrado avô Stoddard, meu antecessor no ministério nessa igreja, vigorosamente manteve a Ceia do Senhor como uma ordenança para a conversão e instava que viessem todos que não tivessem uma vida escandalosa, embora eles mesmos soubessem que não eram convertidos. Anteriormente me conformei a essa prática, mas tenho tido dificuldades com respeito a ela, as quais vinham aumentando até que não ousei mais continuar com aquilo, o que ocasionou grande inquietação entre meu povo e repercutiu negativamente por todo o país. Isso me forçou a escrever algo sobre o assunto, material esse que está agora sendo publicado. Tenho certeza de que essa questão resultará numa separação entre eu e meu povo. Desejo suas orações para que Deus me guie a cada passo nessa questão.⁵¹

A exigência de que fosse evidenciada a fé pessoal em Cristo provou ser demais para os membros mais velhos da congregação de Edwards. Várias

famílias proeminentes lideraram a maioria dos membros e foram bem-sucedidas em exonerar Edwards em 22 de junho de 1750 — verdadeiramente uma das grandes tragédias da história da igreja. Apenas dez por cento votou a favor da permanência de Edwards como seu pastor.⁵²

No domingo seguinte, Edwards pregou seu sermão de despedida em 2 Coríntios 1.14, falando do dia quando eles se reuniriam diante de Deus como pastor e congregação, e a Ele prestariam contas. Então, numa notável demonstração de humildade, Edwards permaneceu em Northampton por um ano, pregando ocasionalmente até que seu sucessor fosse encontrado. Numerosas ofertas de ministério chegaram até ele, incluindo convites para pastorear em lugares de prestígio como Boston e Escócia. Um grupo de pessoas de Northampton que o apoiava e era leal a ele até desejou começar uma nova igreja lá, mas Edwards recusou cada uma dessas ofertas. Uma vez que seu substituto foi encontrado, ele aceitou um chamado para ser pastor e missionário entre os indígenas americanos, no assentamento da fronteira de Stockbridge, Massachusetts.

MISSIONÁRIO PIONEIRO (1751-1757)

No inverno de 1751, Edwards mudou-se a fim de iniciar seu novo trabalho com os índios moicanos e mohawks, no isolamento de Stockbridge, a uns 64 km de distância de Northampton. Lá, Edwards fielmente pastoreou e pregou o evangelho a aproximadamente 250 índios e uma dúzia de famílias inglesas. Numa ironia histórica, esse grande gênio intelectual comunicou o evangelho num ambiente humilde, num nível equivalente ao da quinta série.

Longe da observação pública, Edwards passou por altos e baixos. Certamente Deus garantiu a Edwards muitas conversões e vidas transformadas, entretanto, por outro lado, mais uma vez houve conflitos e controvérsias. A família Williams, a qual lhe causou muitos problemas em Northampton, continuou a briga em Stockbridge. Ephraim Williams, um espinho na carne de Edwards, tentou difamar o nome de Edwards, acusando-o de desfalcas a escola estabelecida para ensinar os índios. Embora Edwards tenha sido inocentado desse mal, os mohawks deixaram a escola, cansados dos ataques contra seu líder. Como resultado, a escola foi forçada a fechar e mais tarde a missão foi encerrada.

Mas, nesses anos, deram tempo a Edwards para que colocasse no papel os seus pensamentos. Passando treze horas por dia estudando, ele escreveu suas três obras mais importantes: *Freedom of the Will* (1754) [Livre Arbítrio] – *The End for Which God Created the World* (1755) [O Fim para o Qual Deus Criou o Mundo] – publicado junto com *True Virtue* [Verdadeira Virtude] sob o título de *The Two Treatises* [Os Dois Tratados] e *Original Sin*, (1758) [Pecado Original]. *Freedom of the Will*, sua maior realização literária, foi uma monumental abordagem da incapacidade da vontade caída de crer em Cristo. Nela, “Edwards argumenta que somente a pessoa regenerada pode verdadeiramente escolher o Deus transcendente.

Essa escolha pode ser feita somente por meio de uma disposição que Deus introduz na regeneração”.⁵³ Edwards ensinou que aquele que deseja crer em Cristo é aquele em quem o Espírito Santo já realizou sua obra soberana e monergista no novo nascimento.

A PRESIDÊNCIA DE PRINCETON (1758)

O Sr. Aaron Burr — genro de Edwards, esposo de sua filha Esther — era diretor da Faculdade de Princeton, então conhecida como Faculdade de Nova Jérsei. Quando Burr morreu, em 24 de Setembro de 1757, os curadores se voltaram para Edwards. Inicialmente, Edwards declinou da oferta deles, insistindo que não era merecedor de posição tão elevada. Mas os curadores persistiram, e apesar de ainda relutar um pouco, Edwards aceitou a presidência. Ele chegou em Princeton em Janeiro de 1758, e Sarah não se juntou a ele até que o rigoroso inverno passasse. Em 16 de fevereiro de 1758, Edwards foi empossado como o terceiro presidente de Princeton, a escola que emergiria como a maior influência da teologia ortodoxa nos Estados Unidos do século XIX.

Então, Edwards se preparou para escrever o que ele acreditava que se tornaria sua *magnum opus*, uma obra teológica traçando a história da redenção por meio das Escrituras. Mas Deus tinha outros planos. Em seu primeiro mês como presidente, houve um repentino aparecimento de varíola, e Edwards decidiu ser inoculado para mostrar aos outros que eles não precisavam temer esse avanço da medicina. Numa estranha providência, Edwards contraiu uma infecção secundária e morreu no dia 22 de março, exercendo a presidência por apenas cinco semanas. Tendo ao seu lado somente suas filhas Esther e Lucy, ele sussurrou suas últimas palavras:

Parece-me ser a vontade de Deus que eu cedo as deixo, por isso, transmitam meu maior amor a minha querida esposa, e digam-lhe que a excepcional união, que por tanto tempo existiu entre nós, teve uma natureza espiritual e, portanto, conforme creio, continuará para sempre. Espero que ela seja

apoiada durante esta grande provação, e que se submeta alegremente à vontade de Deus.⁵⁴

Ao receber a trágica notícia da morte de Jonathan, Sarah escreveu para Esther, que havia perdido tanto seu esposo como seu pai, a fim de dar-lhe consolo:

Minha querida filha, o que devo dizer? Um Deus santo e bom cobriu-nos com uma nuvem escura. Oh, sejamos submissas ao mestre e tapemos a boca com as mãos! O Senhor fez isso. Ele me fez adorar sua bondade, por meio da qual o tivemos por tanto tempo. Mas o meu Deus vive e tem o meu coração. Oh, que legado meu esposo e seu pai nos deixou! Todos fomos dados a Deus, com Ele estou e amo estar com Ele.⁵⁵

A própria Esther morreu poucos dias depois, no dia 7 de abril, de uma reação semelhante à vacina contra varíola. Sarah não chegou a Princeton até aquele verão. Quando chegou, visitou as recentes sepulturas de seu genro, de seu esposo e de sua filha. Depois, ela mesma sofreu de uma disenteria e morreu em 2 de outubro de 1758. Sarah foi enterrada ao lado de seu esposo no cemitério de Princeton.

EDWARDS ERA RESOLUTO

O legado de Jonathan Edwards permanece firme até ao dia de hoje. O historiador Mark Noll concluiu que Edwards produziu “um dos mais completos e instigantes conjuntos de escritos teológicos da história da América do Norte”.⁵⁶ Mediante essa coleção de trabalhos, esse pastor puritano do período colonial fala ainda mais alto a esta geração do que falava em seu próprio tempo. Sua vida revela uma excelência moral que é imediatamente perceptível a todos os que estudam sua notável história. Até hoje, Edwards permanece como “um dos grandes pais do cristianismo evangélico na América do Norte”.⁵⁷

Retornemos, então à nossa primeira pergunta: Por que Edwards? O que o colocou num caminho de tamanha grandeza? A resposta está no seguinte fato: Edwards possuía uma rara combinação de teologia reformada, talento extraordinário e piedade fervorosa. Contudo, foi essa última virtude, sua verdadeira espiritualidade, marcada por uma segura determinação, que o qualificou para ser usado tão poderosamente por Deus. Poucos se igualaram a ele em sua busca implacável por santidade pessoal. A piedade de Edwards o qualificou para ser o poderoso instrumento que ele era nas mãos de Deus.

Foi durante sua juventude, enquanto trabalhava temporariamente como pastor na cidade de Nova Iorque, que Edwards registrou suas “Resoluções”, as quais estabeleceriam o curso para o resto de sua vida. Notavelmente, Edwards empenhou-se para seguir esses setenta propósitos até ao seu último fôlego de vida. Nesse sentido, não é difícil entender por que Deus o usou tanto. Edwards era singularmente concentrado em viver a vida cristã para a glória de Deus. Ele dedicava-se plenamente a honrar ao Senhor em *cada* área de sua vida e o fazia com uma firme determinação.

Que resoluções Edwards registrou? Quais eram as prioridades de sua vida? Em que direção elas o levaram? Convido você a virar a página e descobrir o caminho que Edwards seguiu em sua busca por piedade.

Uma Bússola Espiritual para a Alma

A intensidade da vida interior [de Edwards], nesses primeiros anos, era extraordinária. Suas famosas “Resoluções” transmitiam um pouco da notável paixão desse período da sua vida. Havia uma estabilidade em sua disposição mental que governava sua vida e o capacitava a realizar coisas sublimes.¹

— JOHN PIPER

Deus deu à sua igreja um pequeno número de homens que viveram com tamanha profundidade espiritual, a ponto de terem, como escreve Sereno E. Dwight, “sua própria imagem gravada na mente de sucessivas gerações”.² Essas pessoas iluminadas foram colocadas por Deus, de forma soberana, no palco da história humana, no devido momento, a fim de emitir luzes de influência de longo alcance. Tipicamente, elas se elevaram muito acima de uma congregação local, conduzindo ministérios que se estenderam muito além de um único lugar. Elas não fizeram parte apenas de seu próprio tempo, mas fazem parte de todas as épocas. Jonathan Edwards era um homem assim.

Possuindo um imenso poder intelectual, Edwards “percebia a verdade quase que intuitivamente”.³ Poucas pessoas foram mais proficientes do que ele no manuseio das Escrituras, e apenas uns poucos na história foram tão habilidosos em investigar temas doutrinários e filosóficos. Contudo, Edwards se destaca não só por sua inteligência, mas por sua piedade.

Impregnado de piedade puritana e identificado por uma singular devoção a Deus, ele se propôs a amar e a seguir Jesus Cristo até os limites de sua capacidade. Talvez, nenhuma outra pessoa tão dotada intelectualmente tenha sido tão determinada na busca pela santidade como Edwards o foi.

Quando Edwards tinha dezoito anos de idade, sendo recém-convertido, resolveu buscar e promover a glória de Deus com todo o seu ser. No decurso de aproximadamente um ano, por volta de julho ou agosto de 1722 a 17 de agosto de 1723, ele escreveu, com muito cuidado, as suas “Resoluções”, uma declaração de missão pessoal, que o guiaria e disciplinaria em sua busca por piedade. As “Resoluções” revelam a firme determinação com a qual ele procurava direcionar seus passos. Para Edwards, escreveu George Claghorn, as “Resoluções” não eram “esperanças devotas, sonhos românticos ou regras legalistas”.⁴ Em vez disso, elas eram intensamente positivas e práticas, compreendendo “instruções para a vida, máximas a serem seguidas em todos os aspectos”.⁵ As “Resoluções” revelam o “forte senso de dever e disciplina [de Edwards] em assuntos pessoais e públicos, e nas questões intelectuais e espirituais”.⁶ Coletivamente, elas formam uma declaração enfática, observou Stephen Nichols, da forma como ele procurava “projetar sua vida — seus relacionamentos, seu falar, seus desejos, suas atividades”.⁷

Neste capítulo, examinaremos os traços característicos das “Resoluções” a fim de termos uma orientação geral acerca dos setenta compromissos como um todo.

CONTEXTO HISTÓRICO

Qualquer introdução feita às “Resoluções” deve ser iniciada com uma consideração do contexto histórico em que elas foram escritas. Quando Edwards estabeleceu essas metas? Quais foram as circunstâncias de sua vida nessa época? Quais fatores as fizeram ser escritas? Edwards escreveu todas de uma vez ou durante um período de tempo? Conhecer o contexto histórico em que as “Resoluções” foram compostas auxiliará em nosso entendimento e apreciação delas.

Em 1722, quando Edwards tinha dezoito anos, ele havia completado dois anos de estudo em Yale, para obter o grau de mestre. Tudo o que restou do período anterior à sua graduação foi a produção de sua tese sobre a doutrina da imputação do pecado, um trabalho intitulado “*A Sinner is Not Justified in the Sight of God Except Through the Righteousness of Christ Obtained by Faith*” [Aos Olhos de Deus, um Pecador não é Justificado, Exceto por Meio da Justiça de Cristo Obtida pela Fé].⁸ Nesse tempo, ele viajou à cidade de Nova Iorque para trabalhar temporariamente como pastor da Primeira Igreja Presbiteriana, uma pequena congregação presbiteriana escocesa, localizada nas proximidades do que hoje é a Wall Street. Seu mandato de nove meses naquela igreja, do começo de agosto de 1722 ao final de abril de 1723, provou ser decisivamente importante para a caminhada cristã de Edwards, a qual iniciara havia pouco tempo.

Sendo um cristão havia apenas um ano, após sua conversão no primeiro semestre de 1721, Edwards tinha consciência de que sua fé em Cristo precisava de uma direção. Essa foi a primeira vez que ele viveu longe dos limites familiares de Connecticut River Valley. Naquele lugar estranho, sem a estrutura do lar ou da escola, sentiu que precisava de disciplina espiritual para equiparar-se à nova liberdade que lhe fora proporcionada. Além disso, como um jovem ministro, Edwards sentiu o grande peso da

responsabilidade pastoral sobre seus ombros inexperientes. O modo como ele ministraria era uma grande preocupação para ele. Mais ainda, Edwards estava lutando com seu chamado vocacional: Deus queria que ele ensinasse no mundo acadêmico ou que servisse à igreja local como um pastor?

Tudo isso impelia Edwards a começar a escrever suas “Resoluções”, para ajudá-lo a direcionar seu coração e vida em piedade. O processo exigiu aproximadamente um ano. A primeira resolução datada foi a de número 35, de 18 de dezembro de 1722, que se aproxima do tempo quando seu diário tem início.⁹ Assim, as trinta e quatro primeiras resoluções foram escritas antes dessa data. Dwight explica: “As primeiras vinte e uma foram escritas de uma vez, com a mesma caneta; assim como o foram as dez seguintes, num mesmo momento. As demais foram escritas ocasionalmente. Todas elas estavam em dois pedaços de papel destacados”.¹⁰ Acredita-se que as primeiras vinte e uma resoluções foram escritas no começo de 1722, enquanto Edwards ainda estava em Yale ou, mais provavelmente, entre os meses de setembro e dezembro desse ano.¹¹ Outras resoluções vieram conforme Edwards sentia a necessidade de governar sua espiritualidade em novas áreas. Ele escreveu sua última resolução em 17 de agosto de 1723, dois meses antes de seu aniversário de vinte anos.

Conseqüentemente, a maioria das resoluções de Edwards, se não todas, foram compostas durante seu pastorado temporário em Nova Iorque e, depois, durante uma breve estada em casa, antes de concluir o mestrado em setembro de 1723. Como podemos ver, as “Resoluções” foram escritas num “tempo de transição”¹² na vida de Edwards, quando ele ainda era um homem jovem, quando “estava deixando seus anos de formação como um estudante e entrando no período em que iniciou seu ofício como pastor e teólogo”.¹³

PRECEDÊNCIA CULTURAL

A tentativa de Edwards de escrever uma coleção de resoluções não era algo sem precedentes. Iain Murray observou: “Embora isso fosse algo novo para Edwards, não o era pelo menos para a tradição cristã da Nova Inglaterra”.¹⁴ Outras pessoas nas colônias puritanas adotaram essa prática, especialmente os eruditos. Kenneth Minkema escreveu: “A disciplina de fazer listas de resoluções era razoavelmente comum no tempo de Edwards”,¹⁵ porque a era puritana era um tempo em que se buscava o domínio próprio. Claghorn observou: “Redigir resoluções era uma prática padrão para as pessoas cultas no século XVIII”.¹⁶

Um exemplo disso era Benjamin Franklin (1706-1790), um dos pais fundadores dos Estados Unidos e autor renomado, tipógrafo, político, estadista, diplomata, cientista e inventor. Quando jovem, Franklin redigiu uma lista de treze virtudes morais que ele se propôs a seguir na vida diária. Embora Franklin nunca tenha se convertido a Cristo, ele tentou ser uma pessoa de boa moral, pelo menos exteriormente.

Deve ser observado que os “eruditos comparam, há muito tempo, as resoluções de Edwards e as de Benjamin Franklin”,¹⁷ ainda que a lista de Franklin seja significativamente mais curta que a de Edwards e, sem dúvida, não tão perscrutadora do coração.¹⁸ Os dois homens concordavam sobre o valor de redigir resoluções, avaliando a si mesmo apropriadamente e seguindo-as por toda a vida. A quarta virtude de Franklin até usa um vocabulário muito semelhante ao que Edwards emprega em suas “Resoluções”. Franklin escreveu: “4ª Resolução: Decida realizar aquilo que você deve fazer; realize sem falhas o que houver resolvido”.¹⁹ Mas Franklin representava a Idade da Razão, com sua ênfase neste mundo e na boa cidadania. Suas virtudes eram “breves, epigramáticas e ecléticas”,²⁰ com

Jesus e Sócrates merecendo igual imitação. Estabelecendo um contraste, Edwards foi o modelo do puritanismo, descrevendo a si mesmo como fraco e pecador, impotente sem a graça divina. A principal intenção das “Resoluções” de Edwards era “produzir uma alma preparada para a eternidade com Deus... [visto que] intimava a si mesmo a estudar as Escrituras e a orar constantemente; deveria confiar em Jesus como Senhor; Deus deveria ser presente, pessoal e fundamental”.²¹

Além disso, George Washington (1732-1799), o primeiro presidente dos Estados Unidos, copiou 110 “Regras de Civilidade” em seu caderno escolar, na esperança de ter uma vida disciplinada. Entretanto, mais uma vez, há uma grande diferença entre a lista de Washington e a de Edwards. Washington estava “cultivando uma moralidade pessoal... [com o objetivo de] tornar-se socialmente aceitável”.²² Estabelecendo um contraste, as “Resoluções” de Edwards compartilhavam da “autodisciplina e da auto-humilhação que o puritanismo pregava”²³ e foram designadas para ajudá-lo a tornar-se não meramente bom, mas piedoso. A era puritana foi uma era de rigorosa disciplina, e Edwards a abraçou.

PROPÓSITO ESPIRITUAL

Edwards tinha em mente dois alvos principais enquanto escrevia suas diretrizes para buscar a piedade. Cada um desses objetivos estava firmemente arraigado no amplo propósito espiritual de buscar a glória de Deus.

Em primeiro lugar, as “Resoluções” representavam “a firme determinação”²⁴ de Edwards de manter as prioridades espirituais continuamente diante de si. Como os olhos espirituais de Edwards estavam fixos na eternidade, Minkema observou, as setenta resoluções foram “todas compostas com um objetivo — o céu”.²⁵ George Marsden escreveu: “Muitas das resoluções são direcionadas à tentativa de nunca perder o foco nas coisas espirituais”.²⁶ Edwards desejava colocar *todas* as áreas de sua vida sob o senhorio de Jesus Cristo, mediante um rigoroso domínio próprio. Nenhuma parte da vida poderia ser ignorada ou deixada de forma incontestada. As “Resoluções” são “afirmações diretas de propósitos”,²⁷ nas quais “ele oferece seu próprio conselho a si mesmo”.²⁸ Em outras palavras, as “Resoluções” de Edwards constituíam votos pessoais para consigo mesmo, compromissos de buscar a santidade. Nelas, Edwards afirmou como desejava caminhar diariamente na presença do Senhor. Assim, elas o ajudavam a estabelecer seu curso rumo à firme devoção a Deus.

Com certeza, as “Resoluções” nunca perdem de vista a sua natureza prática para o viver diário. Murray declarou: “Nada mostra mais claramente a nova inclinação predominante da mente de Edwards e do seu coração do que suas setenta ‘Resoluções’”.²⁹ Em suma, as “Resoluções”, explicou Philip F. Gura, deveriam “guiá-lo na vida cristã”.³⁰

Em segundo lugar, as “Resoluções” deveriam servir como “diretrizes para a análise de si mesmo”;³¹ por meio delas, Edwards poderia sentir o

pulso de sua vida espiritual. Os puritanos procuravam “se submeter à análise divina e à monitoração de suas motivações e ações”.³² Esses crentes devotados almejavam “praticar a introspecção como um dever de grande consequência”.³³ Permanecendo firme nessa tradição, Edwards acreditava que somente por meio de uma avaliação regular de sua vida, poderia buscar a glória de Deus adequadamente.

Assim, Edwards esperava que suas “Resoluções” oferecessem critérios espirituais por meio dos quais ele sondaria cuidadosamente sua vida interior. Sua intenção era que elas fossem uma janela para sua alma, uma ferramenta útil para ajudá-lo a escavar as profundezas de seu coração, sem deixar sequer uma pedra no lugar. Como Nichols explicou, as “Resoluções” seriam “um sistema de controle que seria usado para projetar sua vida”.³⁴ Elas serviriam como uma auditoria, mediante a qual ele poderia avaliar a direção, a vitalidade e o progresso de seu caminhar cristão.

RAÍZES TEOLÓGICAS

Todos os escritos cristãos são influenciados, de um modo ou de outro, pela fundamentação teológica sobre a qual o autor se posiciona. Os escritos de Edwards, incluindo suas “Resoluções”, apóiam-se justamente na “teologia reformada em sua forma puritana inglesa”.³⁵ Esse sistema teológico, que enfatizava a glória de Deus e sua absoluta soberania, “ofereceu uma estrutura para o pensamento de Edwards”.³⁶ Em suma, Edwards era um “calvinista convicto”,³⁷ bebera intensamente das fontes das Escrituras e provara a suprema autoridade de Deus para a satisfação de sua alma. É seguro dizer que poucos na história do cristianismo tiveram uma visão mais elevada do que a de Edwards acerca da majestade de Deus, de sua soberania, glória e poder. Inequivocamente ele possuía uma “visão de mundo maravilhada com Deus em todas as coisas”,³⁸ uma visão que, segundo J. I. Packer, era “centrada em Deus, tinha o foco em Deus, era repleta de Deus e maravilhada em Deus”.³⁹

Duas obras clássicas — o *Breve Catecismo de Westminster* (1648) e as *Institutas da Religião Cristã*, de João Calvino (1559) — moldaram o pensamento de Edwards, de uma forma especial, durante seus anos de formação. Como resultado, as “Resoluções” de Edwards tornaram-se uma expressão prática de seu esforço diário de viver a teologia reformada num nível pessoal e experimental.

O pai de Edwards, Timothy, ensinou-lhe o *Breve Catecismo* enquanto ele estava na escola primária. Na faculdade, em Yale, Edwards foi exposto ainda mais a esse padrão de ensino e abraçou sua perspectiva reformada sobre a predestinação, a providência e outras doutrinas. Assim, quando Edwards empunhou sua caneta para escrever suas “Resoluções”, a rica teologia do *Breve Catecismo* veio fluindo, enfatizando a soberania de Deus, sua providência e suas leis, e também doutrinas como a eleição

incondicional, a depravação total, a graça irresistível e a eterna preservação que Deus propicia a seus santos.

As semelhanças teológicas entre as “Resoluções” de Edwards e o Breve Catecismo são perceptíveis. William S. Morris, bem como outros eruditos que estudam Edwards, observou que a primeira resolução é quase “uma tradução livre, numa linguagem mais filosófica, da primeira e da quadragésima segunda perguntas e respostas do Catecismo de Westminster”.⁴⁰ A primeira pergunta do Breve Catecismo é: “Qual é o fim principal do homem?”⁴¹ A resposta é: “O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-Lo para sempre”.⁴² Não é coincidência que as “Resoluções” de Edwards comecem nesse ponto — a glória de Deus. Três das quatro primeiras resoluções, de fato, são fortes afirmações do desejo de Edwards de viver para a glória de Deus.

Do mesmo modo, uma leitura das “Resoluções” de Edwards logo revela a influência das *Institutas* de Calvino em seu pensamento. As *Institutas* foram a *magnum opus* de Calvino, uma obra magnífica que ele expandiu de uma edição relativamente pequena, de seis capítulos em sua primeira edição (1536), para um grosso volume de setenta e nove capítulos (1559). O tema central das *Institutas* é a glória de Deus. O reformador de Genebra inicia com um estudo da transcendente grandeza de Deus, argumentando que, somente conhecendo a Deus, o homem pode obter o verdadeiro conhecimento de si mesmo. Morris escreveu que o leitor das “Resoluções” é surpreendido “pelo fato de elas se harmonizarem tão bem com o que Calvino disse sobre a vida do cristão, nas *Institutas*”.⁴³ Morris chama atenção para a perceptível sobreposição do Livro III, seções de 6 a 10, das *Institutas* com várias das resoluções de Edwards. Glorificar a Deus foi o mais alto objetivo da Reforma e tornou-se também o ponto mais alto das “Resoluções” de Edwards.

Além disso, Morris observa que a influência de Calvino e suas *Institutas* podem ser vistas especificamente naquelas áreas das “Resoluções” que

tratam da “auto-humilhação (nº 8), do domínio do orgulho e da vaidade (nº 12), da benevolência ativa para com o próximo (nº 13), da moderação em questão de comida e bebida (nºs 20 e 40), do auto-exame constante (*paixão*), do controle e direcionamento das afeições (nºs 45, 47, 52, 59, 60, 61, 64, 68), e do uso das aflições (nº 67)”.⁴⁴

AS PRINCIPAIS CATEGORIAS

Em termos da estrutura geral, as “Resoluções”, em sua maior parte, não possuem uma progressão de pensamento partindo de uma resolução para a seguinte. Contudo, resoluções específicas podem ser agrupadas de acordo com temas teológicos ou tópicos práticos. Minkema observou um possível agrupamento:

As “Resoluções”... geralmente se separavam em várias categorias. Algumas tratavam de hábitos específicos como o “aproveitamento” do tempo (nº 5), maximização do estudo (nº 11), controle da dieta (nºs 20, 40), leitura das Escrituras (nº 28) e combate à “indiferença” (nº 61). Outras, adentrando a alma mais profundamente, referiam-se à avaliação das motivações, do que antecedeu as ações, a fim de chegar à “intenção original, aos desígnios e objetivos delas” (nº 23, 24). Essas intenções incluíam vingança (nº 14), maledicência (nºs 16, 31, 36), profanação do sábado (nº 38) e desonra aos pais (nº 46).⁴⁵

Neste estudo, as setenta resoluções de Edwards serão organizadas em torno de seis títulos principais, os quais serão considerados do capítulo 4 ao capítulo 9, respectivamente. Eles são os seguintes:

* *Buscando a Glória de Deus*. Conforme foi observado acima, essa foi a principal prioridade de Edwards. Minkema escreveu: “Glorificar a Deus em cada pensamento, palavra e ação”⁴⁶ era o objetivo supremo de Edwards. Esse alvo era tão importante para ele que ele se dispôs a fazer “tudo o que considerar ser mais importante para a glória de Deus” (nº 1) e se “esforçar continuamente para descobrir novas formas e idéias de favorecer [a glória de Deus]” (nº 2). Edwards jurou nunca fazer qualquer coisa que não se

inclinasse para glorificação de Deus (nº 4). Mais tarde, ele adicionou um compromisso de nunca omitir coisa alguma intencionalmente, exceto no caso dessa omissão redundar em glória a Deus (nº 27).

* *Rejeitando o pecado.* Edwards entendeu que se quisesse glorificar a Deus, deveria rejeitar o pecado. Ele se comprometeu a se arrepender caso, algum dia, caísse e se tornasse “insensível, de forma a negligenciar qualquer parte destas Resoluções” (nº 3). Prometeu avaliar o que havia antecedido cada iniquidade em seu coração, até achar sua origem (nº 24). Edwards se propôs a “jamais dizer” coisas inadequadas “no dia do Senhor” (nº 38). Em suma, ele havia resolvido que sua consciência deveria permanecer limpa. Com uma firme determinação, ele se comprometeu a nunca ceder em sua luta contra as corrupções em si mesmo (nº 56), mas confessar francamente, a si mesmo e a Deus, todo pecado interior (nº 68).

Outras resoluções diziam respeito ao controle de sua ira, aparentemente uma área em que ele sentia uma forte necessidade de obter domínio. Edwards se propôs a “jamais experimentar qualquer das menores manifestações de ira em relação aos seres irracionais” (nº 15). Ele prometeu esforçar-se com toda a sua capacidade para negar qualquer coisa que não fosse adequada a um bom... temperamento (nº 47) e determinou que ao sofrer a tentação de agir com maldade e irar-se... [lutaria para agir] bondosamente (nº 59). Edwards estava determinado a resistir ao pecado em todas as suas formas variadas, principalmente ao pecado de ira.

* *Fazendo um uso apropriado do tempo concedido por Deus.* Está claro que o uso do tempo era essencialmente importante para Edwards, porque ele colocou resoluções sobre esse assunto logo no começo dessa lista. Como observou Claghorn, “seu objetivo era levantar cedo, trabalhar até tarde e usar cada momento com uma atividade construtiva”.⁴⁷ Edwards se comprometeu a “nunca perder um momento” (nº 5), propondo-se a “não

ceder a... desatenção... que deixa minha mente à vontade e relaxada, impedindo-a de manter-se plena e definitivamente inclinada à fé” (nº 61).

Edwards era motivado a usar bem o seu tempo porque tinha uma forte percepção de que estava, a cada momento, a um passo da eternidade. Deliberadamente ele escolheu pensar sobre “as circunstâncias comuns relacionadas à morte” (nº 9). Ele estava determinado a viver como se estivesse na hora anterior àquela em que ouviria “a última trombeta” (nº 19) e em conformidade com o juízo apropriado que faria quando chegasse no mundo porvir (nº 50). Ele tinha o objetivo de viver sem remorsos, no caso de chegar a uma idade avançada (nº 52). Para fomentar essa perspectiva, ele resolveu imaginar como viveria se já tivesse visto “a felicidade celestial e os tormentos do inferno” (nº 55).

* *Vivendo para o Senhor com todo o seu ser.* Edwards resolveu viver com todas as suas forças (nº 6). Ele fez o voto de “livrar-se” de tudo o que pudesse roubar a sua segurança (nº 26). Edwards se comprometeu a “estudar as Escrituras... de modo firme e constante” (nº 28) e a tentar, com todas as suas forças... atingir um patamar mais elevado no exercício da graça (nº 30).

Edwards prometeu que regularmente renovaria a consagração de si mesmo a Deus (nº 42); que agiria como se fosse “inteiramente de Deus” (nº 43), e que nenhum outro objetivo que não fosse religioso... [o] influenciaria (nº 44). Além disso, Edwards determinou que somente permitiria em sua vida coisas como “prazer ou aflição, alegria ou tristeza” quando elas ajudassem na sua prática da “fé” (nº 45). Apesar dos desafios, ele resolveu lançar... sua alma sobre o Senhor Jesus Cristo... [e] crer e confiar nEle (nº 53). Edwards escreveu que se houvesse “uma pessoa no mundo, em qualquer época, que fosse inerentemente um cristão completo”, ele lutaria para ser essa pessoa em sua época (nº 63). Com renúncia, ele afirmou que iria declarar seus caminhos a Deus e expor sua

alma para Ele (nº 65). Em resumo, Edwards adaptou a si mesmo para ter uma vida centrada em Deus, com o foco no Senhor Jesus Cristo.

Tal renúncia completa à vida exigia até mesmo uma moderação em sua dieta. Edwards acreditava que Deus deve ser glorificado em tudo, até no consumo de comida e bebida (1 Co 10.31). Assim, ele resolveu “manter a mais rígida temperança no comer e beber” (nº 20), e se propôs a “indagar”, a cada noite, se ele havia agido da melhor forma que poderia, com respeito a comer e beber (nº 40). Até essa área da vida terrena deve ser administrada para a glória de Deus.

** Buscando a humildade e o amor.* Edwards sabia que não podia glorificar a Deus com orgulho ou ódio em seu coração. Portanto, ele resolveu agir como se ninguém fosse tão vil quanto ele, e como se tivesse cometido os mesmos pecados... de outras pessoas (nº 8). Tal estilo de vida, ele reconhecia, exigia que ele lançasse fora o “orgulho” e a “vaidade” (nº 12).

Além disso, Edwards se propôs a demonstrar amor aos outros. Especificamente, isso incluía se esforçar para viver com “caridade e liberalidade” (nº 13) e “nunca fazer coisa alguma motivado por vingança” (nº 14), “jamais falar mal de qualquer pessoa” (nº 16), “jamais dizer coisa alguma” sobre qualquer pessoa de forma imprópria (nº 31), e estar sempre promovendo, mantendo e estabelecendo a paz (nº 33). Ainda mais, Edwards se comprometeu a demonstrar amor aos seus pais, de forma a nunca permitir que qualquer preocupação inquietante chegasse a seu pai e sua mãe (nº 46).

** Fazendo freqüentes auto-análises.* Edwards prometeu “examinar cuidadosa e constantemente” aquilo que o fizesse ter a menor dúvida sobre o amor de Deus (nº 25). Fez o voto de indagar, todas as noites... que pecado cometera (nº 37) e perguntar a si mesmo, ao final de cada dia, semana, mês e ano... [como poderia ter] agido melhor (nº 41). Estabeleceu

especificamente que analisaria o seu temperamento de forma rigorosa, a cada semana (nº 47). Comprometeu-se a inspecionar, com “rigoroso escrutínio”, a condição de sua alma quanto ao verdadeiro “interesse em Cristo” (nº 48). No caso de temer infortúnios, ele se determinava a examinar se cumprira sua obrigação (nº 57). Quando seus sentimentos estavam “desordenados” ou ele estava inquieto, resolvia sujeitar a si mesmo à mais rígida análise (nº 60).

ESCRITOS COMPLEMENTARES

Ao mesmo tempo em que Edwards escrevia suas “Resoluções”, ele escrevia seu diário e “As Miscelâneas”. Mais tarde, escreveu sua “Narrativa Pessoal”, na qual relembrou essa primeira época de sua vida. Qualquer consideração das “Resoluções” exige uma interação entre essas três fontes de apoio.

No diário de Edwards, há registros de sentimentos intensamente pessoais sobre seus esforços em seguir suas “Resoluções”. Ele é “a fonte biográfica mais importante do período em que Edwards esteve em Nova Iorque,”⁴⁸ oferecendo uma visão de sua vida quando ele começou a colocar em prática esses propósitos. O diário contém 148 registros, nos quais ele “expõe sua alma no que diz respeito as suas lutas”⁴⁹ para manter as “Resoluções”. “Como um raio-x da alma”,⁵⁰ eles são “uma revelação dos sentimentos e esforços dele”⁵¹ no início de sua vida cristã. Registrada no diário, está uma ampla variação de emoções, “tanto de triunfo quanto de derrota”.⁵² Em alguns registros, ele declara ser “extraordinariamente estúpido, insensível e inerte”⁵³ e “esmagado pela melancolia”.⁵⁴ Em outros trechos, ele se mostra exultante com temor, admiração e gratidão para com Deus.

Edwards iniciou “As Miscelâneas” em 1722, ano em que começou suas “Resoluções”. Elas permaneceriam como uma obra em progresso pelo resto de sua vida. Esse projeto incluiu tanto “pensamentos de apenas uma frase” quanto “reflexões de uma página inteira”.⁵⁵ “As Miscelâneas” consistiam em “papéis e folhetos que ele incrementaria constantemente por toda a sua vida”⁵⁶ — frases filosóficas, anotações exegéticas, registros de experiências espirituais e até de explorações científicas. Porém, um assunto em “As Miscelâneas” excede todos os outros, o qual “nunca deixou

de ser o primeiro em suas preocupações”⁵⁷ — a busca pela santidade. O mesmo foco na santificação ocupou sua mente na composição de suas “Resoluções”.

Em 1740, quando Edwards tinha trinta e sete anos de idade, ele escreveu sua “Narrativa Pessoal”. Dentre todos os escritos de Edwards, nada “oferece uma visão tão penetrante de sua própria alma, de suas lutas e triunfos espirituais” como sua “Narrativa Pessoal”.⁵⁸ Ela oferece uma compreensão do relacionamento dele com Deus, por meio da resposta a uma carta de seu futuro genro, Sr. Aaron Burr, e serve como uma curta autobiografia espiritual. As reflexões de Edwards em “Narrativa Pessoal” são essencialmente importantes para a compreensão das “Resoluções”.

A APAIXONADA BUSCA PELA PIEDADE

Quando jovem, Jonathan Edwards se propôs a ordenar sua vida espiritual, fazendo o voto de viver para a glória de Deus. Tal decisão exigiu dele uma vida de disciplina espiritual e uma persistente determinação em cada área de sua vida. Ele sabia que, nessa busca, o pecado deveria ser rejeitado, e sua inclinação à ira, resistida. O tempo deveria ser contado, a morte, avaliada e a eternidade, pesada. A vida deveria ser vivida com sinceridade. A humildade deveria ser demonstrada e o amor, praticado. Cada pessoa deveria avaliar-se regularmente em todas essas coisas.

Bem no começo de sua jornada cristã, Edwards perguntou a si mesmo: como quero viver? Qual é meu propósito na vida? Que tipo de pessoa desejo ser? Suas respostas a essas perguntas foram estruturadas em suas “Resoluções”.

Não importa onde estejamos em nossa vida cristã individual, nenhum de nós chegou ao ponto final. Ainda há muito amadurecimento espiritual para ser realizado. Há muito mais que Deus pode fazer em nós e por meio de nós. A abordagem de Edwards da vida cristã serve como uma motivação para que cada um de nós viva para a glória de Deus. Que você resolva viver não para si mesmo, mas para Deus.

O Pré-requisito da Fé

Portanto, a chave para entender Edwards, o seu caráter dominador e iluminado, e o traço que deu uniformidade a sua carreira é a sua espiritualidade.¹

— JOHN DEWITT

Quando Jonathan Edwards redigia suas “Resoluções”, estava plenamente consciente de que somente Deus é o agente da santificação. Embora soubesse que era responsável por obedecer a Palavra de Deus e buscar a santidade, entendia que não poderia fazê-lo por pura força de vontade. Edwards escreveu seus setenta votos “a fim de manter seu coração puro e dedicado a Cristo”,² sabendo que ele poderia fazê-lo apenas pela graça de Deus por meio da capacitação do Espírito Santo, que habita o cristão.

Edwards reconheceu sua dependência de Deus na introdução das “Resoluções”, uma introdução de duas frases. Esse “preâmbulo” revela muito sobre a teologia de Edwards, oferecendo uma valiosa compreensão da forma como ele via a Deus, a si mesmo e à vida cristã. Enquanto as setenta resoluções revelam *o que* ele se propôs a fazer, o preâmbulo indica *como* o faria. Ele reconheceu que deveria depender de Deus para cumprir sua obrigação espiritual, como é explicado nas “Resoluções”.

Sereno E. Dwight, um antigo biógrafo de Edwards, observou a importância crucial do preâmbulo: “O que ele coloca acima de todos os

outros importantes preceitos é que sua total dependência estava na graça de Deus”.³ Stephen Nichols concordou, escrevendo: “Longe de ser um advogado de si mesmo, Edwards percebeu que qualquer coisa que pudesse fazer e que agradasse a Deus ou correspondesse a algo significativo seria somente o resultado da obra de Deus por meio dele”.⁴ Isso significa dizer que Edwards concordava com o apóstolo Paulo, que escreveu: “pela graça de Deus, sou o que sou” (1 Co 15.10). Apenas mediante a graça santificadora, e não pelos seus esforços autônomos, Edwards poderia andar “de modo digno da vocação a que” foi chamado (Ef 4.1). O preâmbulo é um breve, porém preciso, atestado da humilde dependência que Edwards tinha de Deus na busca pela piedade. Ele diz:

Sendo sensível ao fato de que sou incapaz de fazer qualquer coisa sem ajuda de Deus, humildemente rogo-Lhe, pela sua graça, que me capacite a manter estas Resoluções, até ao ponto em que elas sejam agradáveis à sua vontade, por amor a Cristo.

Lembre-se de ler estas Resoluções uma vez por semana.

Neste capítulo analisaremos essas sentenças frase por frase e, às vezes, até palavra por palavra, para compreender o significado da abordagem de Edwards sobre o crescimento da piedade na vida cristã. Enquanto trabalhamos no preâmbulo, consideraremos cinco observações essenciais que dão uma compreensão clara do modo como Edwards esperava manter suas “Resoluções”.

INCAPACIDADE PESSOAL

No começo do preâmbulo, Edwards reconheceu ser incapaz de realizar qualquer bem espiritual por si mesmo. Ele escreveu: “Sendo sensível ao fato de que sou incapaz de fazer qualquer coisa sem ajuda de Deus”... A palavra *sensível* indica consciência. Edwards sabia que lhe faltava a habilidade para “fazer qualquer coisa” agradável a Deus ou de produzir seu próprio crescimento espiritual.⁵

Assim, o preâmbulo mostra que Edwards sabia que não poderia cumprir suas “Resoluções” simplesmente por resolver fazê-lo. A composição desses votos não indica que ele presumia possuir a habilidade natural para mantê-los. Edwards “era muito bem inteirado a respeito da fraqueza e da fragilidade humana, mesmo quando as intenções são as mais sinceras, para se comprometer em realizar qualquer resolução precipitadamente ou a partir de uma confiança em sua própria força”.⁶

Em seu diário, Edwards expôs sua alma no que diz respeito a sua incapacidade de conseguir qualquer avanço espiritual por suas próprias forças:

Quarta-feira, 2 de janeiro de 1722-23. Inerte. Descobri, por experiência própria, que mesmo fazendo resoluções e elaborando tantas estratégias para cumpri-las, como nunca aconteceu antes, tudo isso é nada e não tem propósito algum sem o mover do Espírito de Deus. Se o Espírito de Deus deixasse de se manifestar em mim sempre, como ocorreu na semana passada, apesar de tudo o que faço, eu não cresceria, mas definharia e desvaneceria miseravelmente. Percebo que se o Espírito de Deus deixasse de agir um pouco mais, eu não hesitaria em quebrar minhas resoluções e logo chegaria ao meu velho estado. Não há qualquer dependência de mim mesmo.⁷

Uma semana depois, mais uma vez Edwards admitiu sua fraqueza e incapacidade de manter as resoluções que estava tomando. O problema estava em seu coração, o qual permanecia enganoso. Ainda quando fazia uma “resolução firme”, não tinha a força para mantê-la: “Quarta-feira, 9 de janeiro, noite... quão enganoso é o meu coração! Tomo uma firme resolução, mas tão cedo ela enfraquece!”⁸ Edwards estava se tornando um perito em sua própria incapacidade.

A mesma percepção humilhante o atingiu novamente na semana seguinte. Edwards descobriu que era fraco demais para fazer qualquer coisa espiritualmente agradável a Deus. Ele lamentou: “15 de janeiro, terça-feira... Ai de mim! Como declino rápido! Oh, quão fraco, quão instável, quão incapaz de fazer qualquer coisa sozinho! Que pobre ser inconsistente! Que miserável infeliz, sem a assistência do Espírito de Deus... Quão fraco me encontro! Oh, que isso tudo me ensine a depender menos de mim mesmo, a ser mais humilde”.⁹

Mais tarde, naquele inverno, Edwards reconheceu a incapacidade dos eleitos fazerem qualquer coisa de valor espiritual sem a graça divina. Ele escreveu: “Quarta-feira, 6 de março, perto do pôr-do-sol. Senti as doutrinas da eleição, da graça gratuita, e senti, com maior prazer do que antes, o fato de não sermos capazes de fazer qualquer coisa sem a graça de Deus, e que a santidade é inteiramente obra do Espírito de Deus”.¹⁰

Edwards compôs suas “Resoluções” com uma avaliação apropriada de si mesmo. Ele entendeu que apesar do quão resolvido ou determinado estivesse, não poderia glorificar a Deus por suas próprias forças. Uma coisa era tomar uma resolução, e outra inteiramente diversa, mantê-la. Ele viu que viver a vida cristã envolvia muito mais do que meramente selecionar um caminho para seguir. Ele precisava de mais.

CAPACITAÇÃO DIVINA

Aliado à consciência de Edwards a respeito de sua fraqueza, estava o reconhecimento de que ele precisava do poder de Deus a fim de manter suas “Resoluções”. O preâmbulo continua: “Humildemente rogo-Lhe, pela sua graça, que me capacite a manter estas Resoluções”. Com essas palavras, Edwards admitiu que a experiência do poder divino em sua busca por piedade não era automática. Ele viu que tinha uma responsabilidade real de “rogar” ao Senhor pela graça santificadora,¹¹ o que era um testemunho e uma garantia de sua total dependência de Deus.¹²

George S. Claghorn escreveu: “Edwards dependia da força sustentadora de seu onipotente Deus, para capacitá-lo a cumprir [suas Resoluções]”.¹³ De forma semelhante, Nichols observou que Edwards iniciou as “Resoluções” com “um humilde reconhecimento de dependência de Deus”.¹⁴ Dwight escreveu:

Ele [Edwards], portanto, logo no princípio, voltou os olhos para Deus em busca de auxílio. Somente Deus pode proporcionar o sucesso no uso dos melhores meios e na pretendida realização dos melhores propósitos. O que Edwards coloca acima de todos os outros importantes preceitos é que sua total dependência estava na graça de Deus, embora ainda se propusesse a fazer periodicamente uma séria avaliação deles, a fim de que esses preceitos pudessem se tornar o guia habitual de sua vida.¹⁵

Vários registros do diário de Edwards expressam seu desejo de buscar a Deus, a fim de obter graça para andar em seus caminhos. Essa era uma confiança que ele nem sempre achava fácil:

Quarta-feira, 2 de janeiro... Nossas resoluções podem estar com força total num dia e, ainda assim, no dia seguinte, numa miserável condição de apatia, em nada semelhante à pessoa que tomou as resoluções, de forma que não há propósito em tomar resoluções se não dependermos da graça de Deus, pois se não fosse simplesmente por sua graça, um homem poderia ser muito bom num dia, e muito mau no dia seguinte.¹⁶

15 de janeiro, terça-feira... Enquanto estou de pé, há prontidão em mim para pensar que estou de pé por minhas próprias forças e por causa das minhas próprias pernas, e que encontro-me pronto para triunfar sobre meus inimigos espirituais, como se fosse eu mesmo que os fizesse fugir — quando, ai de mim! Sou apenas um pobre infante sustentado por Jesus Cristo, que me sustenta e me dá liberdade para sorrir ao ver meus inimigos fugirem, quando Ele os lança de diante de mim. Então, dou risada como se eu mesmo o houvesse feito isso, quando é Jesus Cristo quem me conduz e luta contra meus inimigos... Oh, que isso me ensine a depender menos de mim mesmo, a ser mais humilde e a dar mais do louvor da minha capacidade a Jesus Cristo!¹⁷

William S. Morris escreveu que Edwards era muito consciente do perigo da autoconfiança ao manter as “Resoluções”. Ele observou: “Não se deve permitir que a busca pela santidade pessoal, mediante a autodisciplina, cause cegueira quanto à verdade. Esta verdade mostra que somente a soberana graça de Deus, agindo na alma para fortalecê-la, capacita-lhe a obter aquela santidade possível aos homens, pela qual a alma tanto anseia”.¹⁸ Ao admitir a sua necessidade da ajuda divina, Edwards se protegeu contra a sutil armadilha de depender de sua força inadequada.

HUMILDE SUBMISSÃO

Edwards sabia que não poderia esperar que Deus respondesse aos seus apelos por ajuda para manter suas “Resoluções”, a menos que eles fossem, como ele colocou em seu preâmbulo, “agradáveis à sua vontade”. Em suma, Edwards sabia que Deus não o ajudaria se ele planejasse fazer algo contrário aos desejos de Deus. Assim, ao redigir seus votos, ele se propôs a não mostrar os seus próprios planos e a esperar que Deus os abençoasse. Em vez disso, as “Resoluções” deveriam ser uma humilde tentativa de submeter a si mesmo à vontade de Deus, em todas as coisas, pois a vontade de Deus é que *governa*.¹⁹ Deus desenhou uma trajetória para a sua vida que era “boa, agradável e perfeita” (Rm 12.2), e ele deveria se submeter a esse plano divino em suas “Resoluções” e por meio delas.

Edwards reconheceu que a submissão à vontade de Deus exige completa dedicação a Deus. Como resultado, ele se comprometeu a lutar por essa completa rendição. Sam Storms escreveu: “Ainda que profundamente concentrado nas coisas celestes, Jonathan Edwards não era menos dedicado a um vibrante e produtivo viver para Deus na terra. Ele jamais pensaria em usar a vida celeste para justificar a lassidão na vida terrestre”.²⁰

Em seu diário, Edwards descreveu sua consagração a Deus num notável registro, o qual, segundo George Marsden observou, “tornou-se um marco em sua autobiografia espiritual”:²¹

Sábado, 12 de janeiro [1723]. De manhã... estive diante de Deus e dei a mim mesmo, tudo o que sou e tenho, a Deus; de modo que não sou, em nenhum aspecto, meu. Não posso disputar por direito algum neste entendimento, nesta vontade, nestas afeições, os quais estão em mim. Nem tenho direito algum sobre este corpo ou sobre qualquer um de seus membros — não tenho

direito sobre esta língua, sobre estas mãos, sobre estes pés; nenhum direito sobre estes sentidos, estes olhos, estes ouvidos, este olfato ou este paladar. Dei a mim mesmo abertamente e não conservei coisa alguma como minha... Estive diante dEle nesta manhã e disse-Lhe que me dei a Ele inteiramente. Dei-Lhe todo o poder, a fim de que, no futuro, não contenda por direito algum sobre mim mesmo, em qualquer aspecto... Nesta manhã, disse-Lhe que O tomei por minha completa porção e felicidade, não olhando para coisa alguma como parte de minha felicidade, nem agindo como se isso fosse possível. Disse-Lhe que tomei sua lei por constante norma de minha obediência e que lutaria com todas as minhas forças contra o mundo, a carne e o demônio, até ao fim da minha vida, e que cri em Jesus Cristo e O recebi como um Príncipe e Salvador, e que me prenderia à fé e à obediência do evangelho, por mais arriscado e difícil que fosse confessá-lo e praticá-lo.²²

Nesse mesmo registro, Edwards declarou que havia se apresentado a Deus como um sacrifício vivo:

Eu oro para que Deus, por amor a Cristo, olhe este meu compromisso como uma dedicação de mim mesmo e para que me receba agora como inteiramente seu, e que me trate como tal, em todos os aspectos, quer me aflija, quer me favoreça, ou seja o que for que Lhe agrade fazer comigo, sou dEle. Daqui em diante, não devo agir, em circunstância alguma, como se pertencesse a mim mesmo. Agirei como se pertencesse a mim mesmo, se alguma vez fizer uso de algum de meus recursos para qualquer coisa que não seja para a glória de Deus e se não fizer da glorificação dEle toda a minha ocupação; se murmurar na menor aflição, se sofrer por causa da prosperidade dos outros, se de alguma forma não tiver caridade, se ficar irado por causa de injúrias, se me vingar delas, se fizer qualquer coisa puramente para agradar a mim mesmo ou se rejeitar qualquer coisa pelo bem de meu próprio conforto, se omitir qualquer coisa para fugir de uma grande abnegação, se confiar em mim mesmo, se tomar para mim algum louvor em relação ao bem que faço ou que Deus faz por meio de mim, ou se for, de algum modo, orgulhoso.²³

Claramente Edwards percebeu que sua vida não era dele mesmo, mas que pertencia inteiramente a Deus e, portanto, deveria viver entregue a Ele. Conforme escreveu David Vaughn: “Ele estava determinado a dedicar-se a Deus. De fato, essa é a chave para entender seu poder e sua vida”.²⁴ Edwards sabia que não podia tomar uma resolução que fosse contrária à vontade de Deus e esperar seu auxílio para mantê-la. Antes, cada resolução deveria estar de acordo com a vontade de Deus.

A MOTIVAÇÃO MAIS PURA

Era desejo de Edwards que tudo quanto ele fizesse, como indica o preâmbulo, fosse “por amor a Cristo”. Em outras palavras, ele queria que a suprema majestade de Cristo fosse a força motriz por trás de cada resolução. De uma forma ou de outra, todos os setenta votos deveriam promover a glória do Pai revelada em seu Filho, Jesus Cristo. Com essas palavras, Edwards declarou a suprema motivação por trás da composição das “Resoluções”: a honra de Jesus Cristo.²⁵ Como escreveu Nichols, Edwards acreditava que “há um ponto central que dá forma e significado à vida e ao mundo... [e] esse ponto central é o próprio Cristo”.²⁶ Portanto, ele observou, “as Resoluções... revelam a determinação extrema de Edwards de colocar cada área de sua vida sob o senhorio de Cristo”.²⁷ *Tudo* deve fluir de um forte desejo de magnificar a incomparável honra de Cristo.

Edwards ansiava por amar, honrar e magnificar a Cristo mais plena e consistentemente. Ele escreveu em seu diário: “22 de dezembro, sábado. Hoje, reanimado pelo Espírito Santo de Deus, agitado pelo senso de excelência da santidade, senti mais a prática do amor por Cristo do que o habitual. Também senti um consciente arrependimento por um pecado, porque ele foi cometido contra um Deus tão misericordioso e bom”.²⁸ Dois dias depois, Edwards foi atraído mais uma vez ao engrandecimento de Cristo: “Segunda-feira, 24 de dezembro. Pensamentos mais elevados do que o habitual sobre a excelência de Cristo e seu reino”.²⁹ Logo após, enquanto se recuperava de uma doença, no início de 1723, Edwards escreveu que não deveria permitir-se ficar preocupado com coisas temporárias, mas que deveria permanecer concentrado em seu amor pelo Salvador: “Quinta-feira, 10 de janeiro. É uma grande desonra para Cristo,

em quem espero ter interesse, estar preocupado com meu estado e condição neste mundo”.³⁰

Edwards acreditava que *todas* as coisas em sua vida eram “por amor a Cristo”. Cada pensamento, emoção e desejo devem levar à glória e honra de Cristo. Ele sabia que não era seu mesmo, mas que pertencia a Cristo. Portanto, ele deveria diminuir e Cristo, crescer, assim ele se alegrava na exaltação do reino de Cristo. Ele refletiu em sua “Narrativa Pessoal”:

Meu coração está na exaltação do reino de Cristo no mundo. As histórias do avanço do reino de Cristo no passado têm sido agradáveis para mim. Quando leio histórias de épocas passadas, a coisa mais agradável para mim, em tudo que leio, é a exaltação do reino de Cristo. Tenho essa expectativa ao ler e quando encontro algum trecho com essa característica, fico meditando nele ao longo de minha leitura e minha mente muito celebra e se deleita com as promessas e profecias das Escrituras sobre a futura gloriosa exaltação do reino de Cristo na terra.³¹

Para Edwards, a exaltação da glória de Deus em Cristo era *tudo*.

UMA REVISÃO CONSTANTE

Edwards acreditava que deveria manter continuamente diante de si os objetivos espirituais que havia estabelecido em suas “Resoluções”. Portanto, encerrou o preâmbulo com uma breve exortação para si mesmo: “Lembre-se de ler estas Resoluções uma vez por semana”. Os puritanos eram conhecidos por submeterem a si mesmos “a uma análise divina... a fim de monitorar suas motivações e ações”.³² Conseqüentemente, os crentes do período colonial praticavam a “introspecção como um dever de grande importância”.³³ Leal à sua herança puritana, Edwards resolveu que “leria cada uma [das resoluções] em voz alta, uma vez por semana, pelo resto de sua vida”,³⁴ como uma manutenção programada de seu homem interior.³⁵

Descuido não estava no vocabulário de Edwards. A composição das “Resoluções” não foi, de modo algum, um ímpeto passageiro. Em vez disso, quando as escreveu, ele se propôs a mantê-las até ao seu último suspiro. De acordo com o que Nichols escreveu: “Por toda a sua vida, as *Resoluções* foram sua companhia constante”.³⁶ John Gerstner concordou, observando que as “Resoluções” “foram colocadas em prática conscientemente pelo resto de sua vida”.³⁷ Edwards fez isso mediante a leitura das “Resoluções” com regularidade, a fim de fazer uma estimativa de seu progresso espiritual. Ele escreveu em seu diário:

Segunda-feira, 24 de dezembro... Ao final de cada mês, concluo a observação, do número de violações que cometi contra as resoluções, para ver se elas aumentaram ou diminuíram, começando deste dia, e para calcular, a partir do valor semanal, meu progresso mensal, e com o valor total, meu progresso anual, começando com os primeiros dias do ano.³⁸

Na estimativa de Edwards, essa constante análise de sua alma era essencial para que ele pudesse crescer em graça. Ele até tentou rever seu progresso no cumprimento de suas “Resoluções” enquanto ocupava-se com outros assuntos: “Manhã de terça-feira, 18 de junho. *Memorandum*. Farei essa parte específica de meu exercício, o qual facilmente posso fazer enquanto trabalho em outras coisas como auto-avaliações, resoluções, e coisas semelhantes, a fim de que eu possa recordar o restante em menos tempo”.³⁹

UMA CHAMADA AO COMPROMISSO

Cada crente hoje em dia encontra-se exatamente onde Edwards se encontrava muito tempo atrás. A incapacidade humana de agradar a Deus não mudou nem um pouco nos últimos três séculos. Todos os cristãos permanecem em constante carência da graça divina para capacitá-los a buscar a santidade. Isso exige, como exigiu de Edwards, humilde submissão e dedicação a Deus, tudo pela honra de Cristo. Somente por meio dessa abnegação, a graça divina é multiplicada na vida de alguém.

Se alguém deseja impactar o mundo por Jesus Cristo, é preciso viver como Edwards viveu, com um extraordinário propósito e uma firme determinação. Deus está procurando por pessoas nesta geração que se erguerão acima do estado atual do cristianismo e dirão juntamente com Edwards: “Sou completamente teu”. Nesta hora, Deus está procurando por essas pessoas que lutarão para ser, nesta geração, aquele cristão mais completo.

Que Deus o traga para esse lugar de submissão a Cristo. Que você apresente seu corpo como um sacrifício vivo a Ele. Que você não se conforme a este mundo, mas seja transformado pela renovação de sua mente. Somente assim você provará qual é a vontade de Deus, a qual é boa, agradável e perfeita.

Foi isso que Edwards descobriu. Como podemos nos decidir por algo inferior a isso?

A Glória de Deus Como Prioridade

*Algo comum a toda a teologia e piedade de Edwards era uma paixão pela glória de Deus... Edwards defendeu cuidadosa e logicamente a posição de que o propósito supremo de Deus é glorificar a si mesmo em todas as suas obras.*¹

— JAMES MONTGOMERY BOICE

Todo grande líder cristão tem uma paixão principal, uma aspiração dominante que governa sua vida e dirige sua alma. É em tal paixão que ele mais acredita, é ela que prende mais a sua mente e estimula seu coração. Esse objetivo superior controla-o e define a sua própria razão de existir. Esse senso supremo de propósito torna-se uma motivação tão forte que capacita-lhe a superar todos os obstáculos e sobrepujar toda adversidade. Para Jonathan Edwards, essa paixão era o *summum bonum* demonstrado nas Escrituras, o bem mais excelente do universo — a glória de Deus.

Edwards acreditava que o propósito supremo de Deus em todas as coisas é a manifestação de sua glória. Em sua obra-prima teológica, *Dissertation on the End for Which God Created the World* [Dissertação sobre o Fim Para o Qual Deus Criou o Mundo], escrita perto do fim de sua vida (1755), ele argumentou que Deus fez o mundo para sua própria glória. “Pois parece que todas as coisas ditas nas Escrituras como sendo a finalidade principal das obras de Deus”, afirmou Edwards, “estão incluídas

nessa única frase: a glória de Deus”.² Sendo assim, Edwards concluiu que trazer glória a Deus deveria ser seu propósito preeminente. Ele estabeleceu essa busca firmemente, desde o início de sua caminhada cristã.

Quando Edwards viajou à cidade de Nova Iorque para pastorear temporariamente a Primeira Igreja Presbiteriana, em agosto de 1722, ele estava cheio de paixão por servir a Deus. Em sua “Narrativa Pessoal”, um trabalho autobiográfico escrito anos depois (1740), Edwards escreveu: “Meus anseios por Deus e por santidade aumentaram muito. O puro, humilde, santo e celeste cristianismo pareceu muitíssimo amável para mim. Senti em mim um urgente desejo de ser, em tudo, um cristão completo”.³

Entre os meses de setembro e dezembro de 1722, Edwards começou a canalizar esse entusiasmo por suas “Resoluções”, com a expectativa de que elas “o guiassem no viver cristão”.⁴ Como revelam as “Resoluções”, Edwards havia se tornado notavelmente decidido, realmente concentrado, na busca pela glória de Deus; e as “Resoluções” foram o instrumento pelo qual ele esperava governar sua vida para esse mais elevado objetivo.

Este capítulo analisará as resoluções nas quais Edwards se concentrava na glória de Deus, resoluções de números 1, 2, 4, 23 e 27. Nelas vemos cinco aspectos de sua caminhada cristã.

A MAIOR ASPIRAÇÃO

A primeira resolução dá o tom para todas as seguintes. Nessa afirmação, Edwards declarou que a glória de Deus seria seu alvo principal e o fator que guiaria todas as suas ações e decisões. Edwards escreveu:

1. Resolvi que farei tudo o que considerar ser mais importante para a glória de Deus e para o meu próprio bem, ganho e prazer, por todo o tempo que eu viver, sem levar em conta quando, quer seja agora ou num futuro muito distante. Resolvi fazer tudo que eu pensar ser o meu dever, principalmente para o bem e proveito da humanidade em geral. Resolvi fazer isso, sejam quais forem as dificuldades que eu encontre, ainda que muitas e grandes.

A palavra *resolvi* aparece no início dessa resolução e em quase todas as resoluções que se seguem. Sessenta e seis das setenta resoluções começam com a palavra *resolvi*; só na última ela não é encontrada. Nessa primeira resolução, a palavra *resolvi* ocorre três vezes, enfatizando o firme propósito espiritual de Edwards. Estar resolvido é “ser estável, firme, plenamente determinado, resoluto e decidido”.⁵ Em suma, as “Resoluções” eram “determinações permanentes”.⁶ Edwards havia tomado a decisão de que viveria com a resoluta determinação de promover a glória de Deus.

Primeiro, Edwards fez a seguinte resolução: “farei tudo que considerar ser mais importante para a glória de Deus”. Como muitos afluentes correm para uma intensa corrente, assim Edwards desejava que cada corrente de sua vida alimentasse este rio impetuoso: sua busca pela glória de Deus. Todos os seus alvos, todas as suas aspirações e atividades deveriam ser canalizadas para a exaltação e glorificação de seu Criador. Essa resolução inicial, é claro, fluiu diretamente dos picos mais elevados de sua teologia

centrada em Deus. Comentando sobre o alvo principal de Edwards, Sereno E. Dwight escreveu:

A glória de Deus era seu objetivo supremo, quer estivesse ocupado em seus exercícios devocionais, em seus estudos, em seus relacionamentos sociais, no desempenho de seu ministério público ou na publicação de seus escritos. Todas as motivações inferiores a essa parecem não ter exercido sobre ele uma influência perceptível.⁷

Além disso, Dwight declarou:

[Edwards] sempre colocava o Senhor diante de si, encorajando, em todas as ocasiões, um interesse sincero pela glória de Deus, o grandioso objetivo pelo qual ele desejava viver tanto na terra quanto no céu; um objetivo que se comparado a todas as outras coisas, as fazia parecer ninharias aos seus olhos.⁸

Além disso, Edwards declarou em sua primeira resolução que priorizar a glória de Deus seria para o seu “próprio bem, ganho e prazer”. Em outras palavras, Edwards acreditava que considerar Deus acima de tudo seria o seu maior benefício. Esses dois objetivos — a glória de Deus e o bem de Edwards — não estavam competindo, mas eram complementares. Como explicou David Vaughn, “a glória de Deus e a felicidade do homem não são dois objetivos principais; em vez disso, esses dois objetivos são um só”.⁹ Dwight escreveu que o estado emocional de Edwards estava inseparavelmente associado à sua busca pela glória de Deus: “Se ela fosse alcançada, todos os seus desejos estavam satisfeitos, mas se ela se perdesse ou fosse obtida imperfeitamente, sua alma se encheria de angústia”.¹⁰

Quanto mais Edwards procurava a glória de Deus, mais ele encontrava sua profunda alegria. Quando ele perguntava a si mesmo “se alguma

alegria ou satisfação deveria ser permitida... além das alegrias e satisfações religiosas”,¹¹ sua resposta era afirmativa, pois a alegria em Deus permitia-lhe que desfrutasse de todas as coisas legítimas da vida:

Sábado, 12 de janeiro... Respondo, sim, porque, se nunca nos permitíssemos ficar alegres, exceto para alcançar um objetivo religioso, nunca nos alegraríamos por ver os amigos; não nos permitiríamos ter qualquer prazer em nossa alimentação, de forma que a disposição biológica seria retraída e a boa digestão estorvada. Mas a questão deve ser respondida deste modo: Nunca devemos nos permitir qualquer prazer ou tristeza que não contribua para a religião.¹²

Com esse ponto de vista, Edwards declarou que sua alegria estava ligada ao avanço da glória de Deus.

Visto que Edwards abraçou a Deus como seu maior prazer, ele demonstrou uma disposição mental puritana. É de comum acordo que uma vida assim, cheia de alegria, vai contra os estereótipos modernos, que descrevem os puritanos como severos e frios. Mas conforme Stephen Holmes observou corretamente:

Esses calvinistas eram mais otimistas e afirmavam os aspectos positivos da vida muito mais do que a maioria das pessoas. Eles acreditavam num Deus que era totalmente comprometido com seu povo; que criou este mundo como o lugar perfeito para eles e que ainda prometeu alegria e prazeres eternos à sua destra.¹³

Isso certamente era verdade sobre Edwards.

Prosseguindo, Edwards escreveu: “Resolvi fazer tudo o que eu pensar ser o meu dever, principalmente para o bem e proveito da humanidade em geral”. Edwards era comprometido com o cumprimento de seu “dever” de

viver até o fim, os mandamentos bíblicos de amar o próximo de forma real. Ele sabia que um foco vertical na glória de Deus produziria um foco horizontal no bem das outras pessoas. Em outras palavras, amar o próximo era um meio significativo de trazer glória a Deus. Edwards acreditava que a busca da glória de Deus e do bem da humanidade estavam indivisivelmente ligados.

Edwards foi cuidadoso em observar que deveria servir aos outros de forma abnegada, sem pensamentos sobre a honra que possivelmente ganharia com isso:

Noite de sábado, 18 de maio... acho que, em geral, a melhor forma de não procurar ser honrado de qualquer maneira, de modo geral, é procurar ser bom e fazer o bem. Posso buscar o conhecimento, a religiosidade, a glória de Deus e o bem da humanidade com extremo vigor, mas devo deixar toda a honra proveniente disso inteiramente à disposição de Deus, como algo com o que não tenho uma preocupação imediata.¹⁴

Tal viver abnegado foi um meio de glorificar a Deus.

Finalmente, Edwards percebeu que viver para a glória de Deus nunca seria fácil. Então, concluiu sua primeira resolução com estas palavras: “Resolvi fazer isso, sejam quais forem as dificuldades que eu encontre, ainda que muitas e grandes”. Com isso, Edwards queria dizer que buscaria a glória de Deus, não importando o que custasse. Mesmo em perseguições e pobreza, Edwards estava determinado a defender a glória de Deus em sua vida.

Mesmo quando jovem, Edwards enfrentou muitas dificuldades, e admitiu que geralmente elas eram desencorajadoras. Mas aprendeu a ver suas provações como bênçãos enviadas por Deus, para favorecer o seu crescimento em santidade. Tomou a decisão de entregar a Deus suas ansiedades e preocupações, glorificando-O por meio disso:

Tarde de terça-feira, 23 de julho... Aperfeiçoar as aflições de todos os tipos como oportunidades abençoadas para impulsionar-me forçosamente em meu curso cristão; apesar das coisas que são tão aptas a desencorajar-me, a amortecer o vigor de minha mente e a tornar-me inerte... O que me conforta é a própria natureza das aflições: tornar melhor o coração. Se por meio delas eu me tornar melhor, que necessidade tenho de me preocupar, por mais dolorosas que elas pareçam no presente?¹⁵

Em outras palavras, Edwards chegou à crença de que maiores problemas trazem maiores triunfos.

Ele observou que até a glória de Cristo foi intensificada mediante o sofrimento que Ele passou:

Manhã de quarta-feira, 7 de agosto... A religião é mais doce, e o que se ganha pelo trabalho é abundantemente mais precioso, como quando uma mulher ama mais ainda seu filho ao dar à luz em angústia. Até para o próprio Cristo Jesus, para sua glória mediadora, sua vitória e triunfo, para o reino que Ele adquiriu; como é muito mais glorioso, muito mais excelente e precioso que Ele tenha feito tudo isso em agonia.¹⁶

Edwards veria a verdade dessa declaração em sua vida.

BUSCA INCANSÁVEL

A segunda resolução desenvolveu-se sobre a primeira, conforme Edwards continuou a se concentrar na glória de Deus. Ele escreveu:

2. Resolvi me esforçar continuamente para descobrir novas formas e idéias para favorecer as coisas supracitadas.

Com esse voto, Edwards se propôs a procurar continuamente novos meios de “favorecer” a realização do objetivo exposto na primeira resolução — a glória de Deus. Ele temia cair na rotina, que leva à mediocridade no viver cristão. Assim, ele se empenhou em procurar constantemente “novas formas e idéias” que exaltassem a Deus.

O que Edwards tinha em mente aqui? Poderia ser um novo local onde pregar a Palavra ou uma nova forma de favorecer a oração com outras pessoas. Poderia ser uma nova maneira de conduzir seus devocionais pessoais, um novo lugar para ficar sozinho com Deus, ou um novo ministério para empreender. Edwards simplesmente queria descobrir cada meio de contribuir para a glória de Deus que estivesse à sua disposição.

Um dos principais brados da Reforma foi *semper reformanda*, que significa “sempre reformando”. Ou seja, os crentes devem estar constantemente buscando conformar suas crenças e a forma como vivem ao imutável padrão da Palavra de Deus. Com essa resolução, Edwards procurou estar sempre reformando sua vida para uma melhor busca da glória de Deus.

ESTRATÉGIA ABRANGENTE

Na quarta resolução, Edwards garantiu que sua busca pela glória de Deus seria abrangente. Nenhuma área de sua vida seria excluída desse alvo maior:

4. Resolvi nunca fazer qualquer coisa, quer por meio da alma, quer por meio do corpo, nada mais, nada menos, que não glorifique a Deus; nem ser, nem sujeitar-me a tal coisa, se puder evitá-la.

Com essa resolução, Edwards jurou nunca fazer o que deixasse de contribuir para a glória de Deus. Essa “conduta” incluiria *todas* as ações da alma, tais como pensamentos, afeições e escolhas, bem como as ações do corpo, as quais se referiam a todas as suas atividades. Quer se tratasse de uma atitude interna ou de um ato externo, todas as coisas (nada mais, nada menos) deveriam ser para a glória de Deus. O fator determinante em cada esforço seria escolher aquilo que mais contribuísse para a honra divina.

De fato, Edwards buscou continuamente a glória de Deus em cada arena da vida, conforme testifica a conclusão de seu longo pastorado em Northampton, Massachusetts. Quando se aproximava o final de seu tempo na igreja (1728-1752), ele teve a convicção de que as pessoas que participariam da Ceia do Senhor deveriam primeiro professar a Cristo e viver de uma maneira digna. Essa foi uma renúncia marcante do ensino de seu avô e antecessor, Solomon Stoddard, que via a Ceia do Senhor como uma ordenança, mediante a qual a conversão aconteceria. Como resultado dessa posição, Edwards foi alvo de considerável oposição de seu rebanho, mas ele estava mais preocupado em agradar a Deus do que a homens.

Tragicamente, sua congregação em Northampton o repudiou como seu pastor, rejeitando o homem que, junto com George Whitefield, fora o líder do Grande Avivamento.

Depois que foi expulso, Edwards poderia ter ido para a Escócia ou para lugares proeminentes nas colônias. Em vez disso, ele tomou a difícil decisão de ministrar num nível básico, aos índios americanos, numa fronteira em Stockbridge. Um dos maiores pensadores da história americana se dispôs a comunicar o evangelho num nível simples, porque acreditava que glorificaria mais a Deus desse modo.

ESFORÇO INTENCIONAL

Além disso, Edwards resolveu fazer coisas que pareciam improváveis de serem feitas para a glória de Deus. Na resolução 23, ele escreveu:

23. Resolvi que freqüentemente praticarei ações deliberadas para a glória de Deus, as quais pareçam improváveis de serem feitas. Depois analisarei as suas motivações iniciais, os seus desígnios e as suas finalidades, e as considerarei como uma violação da 4^a resolução, se descobrir que elas não foram feitas para a glória de Deus.

Essa resolução era um voto de buscar meios para promover a honra de Deus, da qual Edwards achava “muito improvável” que ele mesmo pudesse encarregar-se. Em outras palavras, ele queria fazer aquilo que era mais desafiador e, às vezes, contrário às suas próprias inclinações pecaminosas. Ele sabia que não devia seguir o caminho mais fácil, mas, buscar aquelas tarefas que exigiam o maior sacrifício de sua parte. Isso poderia ser levar o evangelho às novas regiões, um novo estudo da Palavra ou uma nova forma de servir os outros. Edwards aplicou-se a desempenhar tais ações “freqüentemente”. Ele também especificou que essas ações deveriam ser “deliberadas”, uma palavra que transmite como ele procurou ser intencional na promoção da glória de Deus. Ele refletiria cuidadosamente sobre uma ação difícil e depois a empreenderia.

Edwards também resolveu que após realizar uma ação “improvável”, ele avaliaria a mesma. Primeiro, ele sentiu que deveria analisar tudo que fazia até as “motivações iniciais”. Essa era a sua motivação essencial, que deveria ser pura. Deveria ser para o louvor e honra de Deus, não para a promoção de si mesmo. Em segundo lugar, ele deveria examinar seus “desígnios” ou os meios práticos que escolheu para efetuar a ação. Essas coisas deveriam

ser consistentes com o ensino das Escrituras sobre honrar a Deus. Se a motivação fosse certa, mas o meio, errado, Deus seria difamado. Em terceiro lugar, os meios deveriam ser aqueles que mais honrassem a Deus. Se a avaliação de Edwards verificasse que suas intenções, desígnios e objetivos não haviam sido motivados e moldados pela glória de Deus, garantiu que “consideraria” seus esforços como uma violação de sua quarta resolução. Ou seja, ele se arrependeria e rejeitaria qualquer ação que não promovesse verdadeiramente a glória de Deus. A *razão*, o *método* e a *ação* deveriam ser apropriados, se Edwards quisesse acertar o alvo.

OMISSÕES INTENCIONAIS

Na resolução 27, Edwards se propôs a fazer tudo o que ele acreditasse ser a vontade de Deus. Negligenciar qualquer responsabilidade dada por Deus seria pecar contra o próprio Deus — a menos que a omissão fosse a conduta apropriada:

27. Resolvi nunca me omitir em nada de livre vontade, a menos que essa omissão traga glória a Deus, e a examinar minhas omissões freqüentemente.

À medida que Edwards examinava sua vida, ele enfrentava difíceis decisões sobre o que omitir. Sempre havia muito a fazer, e as demandas em sua vida aumentaram quando ele se tornou pastor da congregação de Northampton. Havia sermões a escrever, membros da igreja a pastorear, visitas a fazer, pessoas a aconselhar, cartas a escrever, orações a oferecer, livros a ler e muito mais. Edwards logo descobriu que nenhum homem pode fazer tudo. Como ele administraria tanta coisa a ser feita? O que ele omitiria?

Edwards resolveu que deveria fazer coisas que glorificassem a Deus, mas ele omitiria cada questão que não se inclinasse tão fortemente à exaltação da honra de Deus. Em outras palavras, rejeitaria o que fosse *bom*, pelo *melhor*. Ele tinha tempo para fazer apenas aquilo que promovesse mais a honra do nome de Deus. Entretanto, como essas escolhas eram muito importantes, ele se propôs a “examinar com freqüência” suas omissões. Ele queria ter certeza de estar removendo de sua vida as coisas que traziam menos glória a Deus.

COMO VOCÊ VIVERÁ?

Edwards possuía um compromisso intenso com a glória de Deus, o qual permeava tudo quanto fazia, dizia e escrevia, e que ofuscava as demais aspirações. Tal compromisso tornou-se sua paixão predominante e seu desejo profundo. O Deus da glória havia apanhado o seu coração.

Viver para a honra de Deus deve ser o objetivo principal na vida de cada pessoa. Mas o que traz a maior glória a Deus? Essa é a chave interpretativa para cada decisão da vida. Você quer saber a vontade de Deus para sua vida? Quer saber com quem se casar? Quer saber que emprego aceitar? Quer saber que ministério deveria seguir? Quer saber como investir seus recursos? Quer saber como gastar seu tempo ou como usar a sua língua? Cada decisão e direção deve vir de seu amplo objetivo de trazer glória a Deus.

Uma vida de resoluções vem com um preço a ser pago. Você será testado pela cilada do mundo, mas deve tapar os ouvidos para a multidão e viver para a aprovação de Cristo. Sempre haverá uma cruz antes de uma coroa, um sacrifício antes do sucesso e uma reprovação antes da recompensa. O chamado ao discipulado lhe custará popularidade, posses e posição, mas Deus usará seu compromisso. A graça de Deus será multiplicada em sua vida, se você cultivar uma resolução permanente de viver para a glória de Deus.

Que você não se disponha a viver meramente pelo que é *bom*. Que você busque o que é *melhor* — a glória de Deus em todas as coisas.

O Abandono do Pecado

A espiritualidade de Edwards apresentava-se não só numa profunda humildade, mas também numa profunda santidade. Todos que o conheciam ficavam impressionados com sua integridade, honestidade, imparcialidade e modéstia; tudo isso estava arraigado na conformidade de sua alma à vontade de Deus.¹

— DAVID VAUGHAN

O pecado é o oposto da glória de Deus, uma contradição de sua natureza santa. É tudo o que está aquém do caráter irrepreensível de Deus, equivalendo a nada menos do que uma traição grandiosa contra o Criador. Jonathan Edwards entendeu isso, e ainda mais, ele tinha convicção do poder contaminador que o pecado exerce dentro de nós. Edwards sabia que se ele quisesse glorificar a Deus, deveria resistir ao pecado com todas as suas forças e lidar com ele decisiva e radicalmente.

Edwards permaneceu na tradição teológica reformada, a qual lhe ensinou que ele enfrentaria um contínuo conflito interior contra o pecado em sua vida. Como George Marsden escreveu: “A própria base calvinista, adotada por Edwards, demandava que até mesmo os maiores homens de Deus reconhecessem sua contínua pecaminosidade”.² Devido à sua determinação de glorificar a Deus e à sua compreensão de que o pecado era um impedimento a esse objetivo, Edwards resolveu que lutaria intensamente contra o pecado enquanto vivesse.

No livro *Jonathan Edwards: A New Biography* [Jonathan Edwards: Uma Nova Biografia], Iain Murray intitulou um capítulo de “Nova Iorque: A Busca por Santidade”, que expressava a motivação da vida de Edwards durante o tempo em que ele escreveu suas “Resoluções”. Foi uma temporada na qual “um novo interesse central o dominou”,³ quando um novo “interesse todo-cativante”⁴ entrou em sua vida. Essa “nova inclinação predominante da mente e do coração de Edwards”⁵ foi resultado da regeneração, a qual lhe deu um novo desejo pela santidade. Entretanto, Edwards logo descobriu que a realização desse desejo era uma “imensa luta”.⁶ Marsden escreveu: “Apesar do imenso intelecto e da disciplina heróica, ele era, como qualquer outra pessoa, alguém com fragilidades e contradições”.⁷

Em sua “Narrativa Pessoal”, Edwards refletiu sobre a beleza da santidade que ele procurava alcançar: “A santidade... pareceu ser de uma natureza doce, agradável, encantadora, serena e calma. Pareceu-me que ela trazia pureza, esplendor e quietude inefáveis, e arrebatamento à alma”.⁸ Edwards escreveu que essa santidade transformou seu homem interior, tornando-o progressivamente “agradável, encantador e tranquilo”.⁹ Esse crescimento na graça lhe permitiu “uma doce calma e os raios gentilmente vivificantes do sol”.¹⁰ Sua alma era a de um verdadeiro cristão; desfrutando da santidade, mas combatendo o pecado.

Este capítulo se concentra no desejo de Edwards de abandonar o pecado. Entre as resoluções que tratam dessa questão encontram-se as de número 3, 8, 24, 37, 56 e 68. Nesses votos, vemos o compromisso de Edwards de resistir ao pecado e de arrancá-lo de sua vida.

ARREPENDIMENTO GENUÍNO

Em sua vida cristã, Edwards resolveu entregar-se a um estilo de vida de constante arrependimento. A palavra *arrependimento* significa uma mudança de mente, mas da forma como é usada nas Escrituras, ela inclui o conceito de uma mudança de coração e de vontade. O resultado dessas mudanças é uma nova direção na vida. Arrependimento envolve abandonar o pecado com uma tristeza piedosa, confessando-o como pecado e voltando-se para Deus, a fim de buscar a santidade. Em resumo, arrependimento é uma mudança de direção de 180 graus — uma mudança de 170 graus não é aceitável. Em sua terceira resolução, Edwards se propôs a arrepender-se sempre que achasse que havia falhado em manter uma de suas resoluções. Ele escreveu:

3. Resolvi que se eu cair e me tornar insensível de forma a negligenciar qualquer parte destas Resoluções, arrepender-me-ei de todas as coisas das quais puder me lembrar quando recobrar a lucidez.

Mesmo enquanto escrevia as “Resoluções”, Edwards se preocupava com a possibilidade de transgredi-las inconscientemente. Portanto, ele estabeleceu um procedimento a ser seguido quando “recobrasse a lucidez”, ou seja, quando percebesse como havia falhado. Ele revistaria sua memória e se arrependeria pela falha, da forma mais completa possível.

É claro que Edwards se preocupava em lidar com todos os pecados em sua vida e não só com a quebra das “Resoluções”. Seus escritos indicam que todas as vezes em que ele se conscientizava de *qualquer* pecado, procurava abandoná-lo. Com sua mente, ele concordava com Deus no que dizia respeito à malignidade desse pecado em sua vida. Então, com o seu

coração, ele se angustiava por tal pecado e, finalmente, com a sua vontade, escolhia removê-lo de sua vida.

Como indica o registro no diário de Edwards, de 4 de maio de 1723, ele entendeu que o seu arrependimento necessitava de “correções” em seus caminhos pecaminosos. Percebeu que deveria alterar o curso de sua vida, desviando-se de pecados específicos:

Noite de sábado, 4 de maio. Oh, que Deus me ajude a descobrir todas as falhas e defeitos do meu temperamento e dos meus relacionamentos, que me ajude no difícil trabalho de corrigi-los, e me conceda tamanha medida do cristianismo vital, de modo que a base de todas aquelas irregularidades desagradáveis sejam destruídas, e que o contrário disso, a doçura e a beleza possam fluir delas.¹¹

Todas as falhas e todos os defeitos, como ele escreveu, deveriam ser decisivamente tratados e corrigidos. Isso incluía abandonar o pecado presente em seu “temperamento” e em seus “relacionamentos”. Tal arrependimento era difícil, demandava trabalho e exigia a graciosa “ajuda” de Deus. Edwards percebeu que o próprio Senhor deveria conceder a habilidade do arrependimento. Somente quando seus pecados, os quais ele chamou de “irregularidades desagradáveis”, fossem removidos, a “doçura e a beleza” da santidade surgiriam.

TRISTEZA PIEDOSA

Edwards entendia que o verdadeiro arrependimento deveria ser acompanhado por uma tristeza piedosa. Na resolução 8, ele escreveu:

8. Resolvi agir e falar, em todas as circunstâncias, como se ninguém fosse tão vil quanto eu, e como se eu tivesse cometido os mesmos pecados ou tivesse as mesmas fraquezas e defeitos de outras pessoas. Resolvi que deixarei que o conhecimento dos defeitos delas contribua apenas para que eu me envergonhe de mim mesmo, e me permita uma ocasião para confessar meus próprios pecados e minha miséria a Deus.

Quando Edwards via pecado em outra pessoa, fazia uma descrição detalhada de sua própria alma, a fim de procurar a mesma iniquidade. Ele preocupava-se profundamente com a possibilidade de que suas observações dos pecados em outras pessoas produzissem orgulho em seu coração. Assim, empenhou-se em considerar a si mesmo como a pessoa viva mais pecaminosa e como se tivesse cometido todos os pecados ou enfrentado as mesmas tentações daqueles cujas transgressões ele observava. Quando via pecado em outros, ele queria que isso o impelisse a sentir vergonha de seus próprios delitos e o levasse a confessá-los a Deus.

Quando ainda era um novo cristão, Edwards veio a perceber que muitas vezes se enganava no que se referia ao seu progresso espiritual. Ele admitiu em seu diário que geralmente supunha, de modo errôneo, que estava se saindo melhor do que realmente estava: “Noite de quarta-feira, 9 de janeiro... Às vezes sou inclinado a pensar que tenho bem mais santidade do que realmente tenho”.¹²

Reconhecendo essa ilusão, Edwards examinava seus próprios pensamentos, suas atitudes e afeições, encontrando, por diversas vezes,

muito engano:

20 de janeiro, dia do Senhor. É noite... Percebo o meu coração tão enganoso que estou quase desencorajado para tomar mais resoluções. Em que fui negligente durante a semana passada e como poderia ter agido melhor para evitar o terrível e desprezível estado em que me encontro submerso?¹³

Muito pior, Edwards viu a poluição do orgulho em seu coração. Seu desejo por humildade diante do Senhor era constantemente contrário à arrogância auto-glorificadora. Essa tendência o preocupava grandemente:

Sábado, 2 de março. Oh, como sou muito mais desprezível e vil quando sinto meu orgulho trabalhando em mim... Quão detestável é um homem orgulhoso! Quão detestável é um verme que se exalta com orgulho! Que verme tolo, estúpido, miserável, cego, enganado e pobre eu sou quando age o orgulho!¹⁴

Ele tocou no mesmo tema em sua “Narrativa Pessoal”, na qual confessou: “Estou grandemente angustiado com um espírito orgulhoso e cheio de justiça própria. Muito mais sensivelmente... vejo aquela serpente erguendo-se e estendendo sua cabeça, em toda parte ao meu redor”.¹⁵

A atitude de Edwards de examinar sua alma produziu um forte senso de sua pecaminosidade. Ele escreveu:

Tenho obtido um senso amplamente maior de minha própria perversidade e da maldade do meu coração do que jamais tive desde a minha conversão. Muitas vezes me parece que se Deus fosse atribuir iniquidade a mim, eu seria o pior de toda a humanidade, de todos quantos já existiram desde o começo do mundo até esta época e, sem dúvida, teria o pior lugar no inferno.¹⁶

Ele também admirou-se de que pudesse ter sido tão cego em relação aos seus caminhos maus por tanto tempo: “Causa-me comoção pensar em como era ignorante, quando era um jovem cristão, acerca da infinita profundidade da maldade, do orgulho, da hipocrisia e do engano que resta em meu coração”.¹⁷

Quando Edwards olhava para dentro de si, geralmente lamentava por causa de seu coração inconstante. Em suas palavras, ele sentia que deveria lamentar o seu pecado. Em seu diário, Edwards escreveu:

Segunda-feira, 21 de janeiro... Eu deveria ter gastado tempo lamentando meus pecados e cantando salmos, especialmente salmos ou hinos de arrependimento, pois essas eram as obrigações mais apropriadas à disposição de espírito em que me encontrava. Não passo tempo suficiente esforçando-me para influenciar a mim mesmo com as glórias do cristianismo.¹⁸

Edwards foi ainda mais longe. Ele não só sentia que deveria detestar seu pecado, mas afirmava que seu pecado era razão suficiente para “abominar” a si mesmo. A feiúra da natureza de seu pecado era-lhe repulsiva:

Tarde de segunda-feira, 23 de julho... Também para aproveitá-las como oportunidades para me arrepender do meu pecado, lamentá-lo e abominar a mim mesmo, e como uma oportunidade abençoada para exercitar a paciência, confiar em Deus e livrar minha mente da aflição, fixando-me nas práticas religiosas.¹⁹

Essas expressões revelam evidências da tristeza piedosa que Edwards procurava no arrependimento. Como ele poderia ser insensível àquilo que ofende o coração de Deus?

ESQUADRINHANDO O CORAÇÃO

Para Edwards, abandonar o pecado significava analisá-lo até às suas motivações originais. Por essa razão, Edwards decidiu na resolução 24, retroceder até chegar à “causa original” de seu pecado:

24. Resolvi que todas as vezes que praticar uma ação visivelmente má, analisarei a mesma até chegar a sua causa original e então me esforçarei cuidadosamente para não repeti-la, bem como para lutar e orar, com todas as minhas forças, contra o que a originou.

Edwards não tinha ilusões sobre impecabilidade nesta vida. Ele sabia que a regeneração não removera seu pecado. Embora ele houvesse iniciado um novo curso na vida, com novos desejos, a prática real da justiça nem sempre estava presente. Conseqüentemente, essa resolução começa assim: “Todas as vezes que eu praticar uma ação visivelmente má” — não “se”.

Quando descobria um pecado em sua vida, Edwards se sentia impelido a analisá-lo até a sua origem — o coração. Uma mera modificação comportamental não era bastante para Edwards. Um atraente aspecto de religiosidade apenas disfarçaria o problema real — a podridão de seu coração. A fim de tornar-se santo, ele deveria analisar o caminho do pecado até que alcançasse as fontes das quais sua iniquidade fluíu — suas motivações. Ele escreveu:

Noite de terça-feira, 30 de julho. Decidi que me esforçarei para cumprir minhas obrigações, buscando analisar todos os motivos reais pelos quais não as cumpro, averiguando todos os sutis subterfúgios de meus pensamentos, reagindo contra eles com todas as minhas forças, a fim de que eu conheça as origens de meus defeitos no que se refere ao desejo pelo arrependimento, ao

amor a Deus e ao desprezo por mim mesmo — e, de vez em quando, fazer isso durante os sermões.²⁰

Como mostram a resolução 24 e o registro de seu diário, citado acima, Edwards acreditava que o arrependimento é algo difícil e rigoroso. Ele sabia que deveria lutar e orar com todas as suas forças para corrigir as motivações perversas que incitavam seu pecado. Esse era um esforço sincero, e conforme ele colocou em seu diário, a luta exigia “todas as minhas forças”. Arrependimento indiferente *não* é arrependimento.

BATALHA RESOLUTA

Embora a luta contra seu pecado fosse desencorajadora e o acusasse, Edwards sabia que não podia se dar ao luxo de descansar na glória que tivesse. Portanto, na resolução 56, decidiu que nunca diminuiria seus esforços na luta, não importando quantas derrotas sofresse:

56. Resolvi nunca ceder, o mínimo que seja, para diminuir minha luta contra minhas corrupções, por mais mal-sucedido que eu venha a ser.

Nesse ponto, Edwards se comprometeu a batalhar contra as corrupções que descobria em sua vida. Estava numa missão interminável de eliminar o seu pecado. Ele escreveu: “Noite de segunda-feira, 14 de janeiro. As grandes ocasiões de mortificação são feridas profundas feitas no corpo do pecado; fortes golpes que o fazem cambalear... Após as maiores mortificações, sempre encontro o maior conforto”.²¹

Era como se Edwards visse sua batalha contra o velho homem como uma luta de vida ou morte. Esse não era um momento de preservação. Pequenos golpes também não seriam suficientes. Pelo contrário, ele deveria infligir “feridas profundas” e desferir fortes pancadas que fariam sua carne “cambalear”. Deveria fazer um nocaute em cada *round*. Deveria surrar o velho homem até ele chegar ao chão e, depois, surrá-lo quando ele estivesse no chão.

A batalha de Edwards certamente incluía as luxúrias típicas da juventude. Marsden escreveu:

Sua disposição irritável associada ao seu orgulho, bem como a atitude que disso resultava, em relação aos outros, eram os pecados que ele combatia mais

abertamente; mas podemos estar certos de que ele lutava contra os desejos sexuais, ainda que não tenha registrado diretamente suas lutas com essas tentações.²²

Marsden observou que uma possível alusão a tais seduções encontra-se num registro em seu diário, de uma manhã de sábado, em julho:

“Manhã de sábado, 27 de julho. Quando for violentamente atacado por uma tentação ou quando não conseguir me livrar de pensamentos maus, devo fazer alguma soma aritmética, geométrica ou algum outro estudo, que necessariamente ocupe todos os meus pensamentos e inevitavelmente os impeça de vaguear”.²³

Conforme ganhava experiência na luta, Edwards percebeu que o triunfo viria mediante rigorosa disciplina. Ele escreveu:

Tarde de terça-feira, 23 de julho... Devo considerar como ocasiões de alegria, aquelas de grande auto-negação, pois, dessa maneira, tenho uma gloriosa oportunidade para causar ferimentos mortais ao corpo do pecado, confirmar e estabelecer firmemente a nova criatura. Busco mortificar o pecado e crescer em santidade.²⁴

Mas Edwards também percebeu que lhe faltava a força para superar o pecado dentro de si. Suas corrupções internas deveriam ser derrotadas no poder de Deus. Somente o Espírito Santo pode capacitar o crente a superar o pecado de forma bem-sucedida e a mortificá-lo: “Noite de sábado, 5 de janeiro... O pecado não é mortificado suficientemente. Sem as influências do Espírito de Deus, a velha serpente começaria a erguer-se de seu estado congelado e chegaria à vida novamente”.²⁵ A ajuda divina era *essencial* na luta contra o pecado.

CONFISSÃO PLENA

Edwards estava determinado a ser extraordinariamente honesto sobre o seu pecado. Na resolução 68, ele prometeu que sempre que a análise de seu coração encontrasse pecado, ele o confessaria a si mesmo e a Deus:

68. Resolvi confessar a mim mesmo, com franqueza, tudo o que eu achar em mim mesmo, tanto os pecados quanto as fraquezas, e se essas coisas estiverem relacionadas à minha religiosidade, resolvo confessar tudo a Deus e implorar pela necessária ajuda dele. Dia 23 de julho e 10 de agosto de 1723.

Edwards acreditava que o verdadeiro arrependimento envolvia a revelação do pecado. Ele não deveria escondê-lo, minimizá-lo ou fingir que não o via. Desprezava a tentação de transferir a culpa que era sua, de argumentar inocência ou de ser conivente com o pecado. Não deveria viver negando sua falha moral. Em vez disso, deveria reconhecer a si mesmo como um pecador, que merecia legitimamente a ira de Deus e seu desprazer e, então, confessar suas transgressões a Deus, a fim de buscar seu perdão. Confessar o pecado é concordar com Deus sobre o pecado. É reconhecer o pecado diante de Deus como ele é: uma grandiosa rebelião contra um Deus santo.

Edwards sentia que mediante a confissão do pecado que via em sua vida, seria capacitado a se aprofundar mais na análise das raízes do mal em seu coração. Numa reafirmação da resolução 68, ele escreveu em seu diário:

Manhã de sábado, 10 de agosto... Como uma ajuda contra aquela vergonhosa hipocrisia, resolvi confessar a mim mesmo, com franqueza, tudo o que eu achar em mim mesmo, tanto os pecados quanto as fraquezas, e se essas coisas estiverem relacionadas à minha religiosidade, resolvo confessar tudo a Deus e

implorar pela necessária ajuda dEle, sem me esforçar, o mínimo que seja, para sufocar o que está em meu coração, mas levar tudo a Deus e à minha consciência. Por meio disso, posso chegar a um maior conhecimento de meu próprio coração.²⁶

Numa surpreendente passagem de sua “Narrativa Pessoal”, Edwards expressou seu aguçado senso da profundidade de sua pecaminosidade:

Do jeito em que me encontro, parece que minha maldade há muito tem sido perfeitamente inefável e tem consumido infinitamente todo pensamento e imaginação, como um dilúvio infinito ou montanhas infinitas sobre minha cabeça. Não conheço uma maneira melhor de expressar o que meus pecados parecem ser para mim, do que dizer que eles parecem se amontoar como o infinito sobre o infinito e se multiplicar infinitamente, vezes o infinito... Quando olho para o meu coração e examino minha maldade, ela parece um abismo infinitamente mais profundo que o inferno.²⁷

Edwards sabia que *sempre* haveria pecado para ser confessado a Deus. Enquanto ele estivesse vivo, precisaria confessar suas iniquidades.

A BUSCA PELA SANTIDADE PESSOAL

Cada crente que deseja buscar a santidade compromete-se na luta contra o pecado. A santificação é uma guerra contínua contra o mundo, a carne e o diabo, para ganhar a piedade, que é superior a tudo. Isso exige de cada soldado cristão um compromisso sincero. A vitória nunca virá se você não travar uma guerra no campo de batalha de seu coração. Edwards lutou como um incansável guerreiro na luta contra o pecado e, assim, ofereceu grande inspiração a todos quantos desejam seguir seu exemplo.

O cristão deve trazer sua carne pecaminosa em sujeição ao Senhor. Na batalha contra o pecado, comum a todos os crentes, o pecado deve ser recusado e também mortificado, mediante o poder do Espírito Santo. Enquanto isso, devemos procurar crescer na semelhança com Cristo. Como Neemias, devemos lutar com uma espada numa mão e construir com uma colher de pedreiro na outra. Devemos resistir à tentação e mortificar o pecado; ao mesmo tempo, devemos crescer na fé e fortificar o novo homem. Ambas as coisas são necessárias na realização do objetivo total da santidade.

Que tal desejo por santidade pessoal se torne a sua paixão. Busque o caminho da santidade, descobrindo o seu pecado e confessando-o a Deus em verdadeiro arrependimento. Curve-se diante de Deus para que você se torne nada e Ele se torne tudo.

O Precipício da Eternidade

*Edwards passou sua vida inteira se preparando para morrer.*¹

— GEORGE MARSDEN

A busca pela glória de Deus nunca é uma experiência mística, desconectada do âmago das questões da vida cotidiana. Não é uma existência que evita a realidade dos problemas, divorciada das responsabilidades práticas deste mundo. Se alguém se propõe a trazer honra a Deus, essa busca, que é a mais elevada de todas, influenciará até as áreas aparentemente menos significativas de sua existência.

Para Jonathan Edwards, glorificar a Deus incluía algo tão básico quanto o uso apropriado de seu tempo à luz da eternidade. Ele sabia que se quisesse honrar a Deus, deveria usar sabiamente o tempo que lhe havia sido confiado. Cada momento era inestimável. Ele não podia desperdiçar tempo e trazer honra a Deus. Do ponto de vista de Edwards, o tempo era infinitamente valioso e absolutamente insubstituível quando perdido. Ele entendia que Deus lhe havia outorgado soberanamente uma medida específica de tempo, um número preciso de anos, dias, horas e até segundos nos quais ele deveria viver. Seus dias eram, literalmente, contados. Ele era meramente um despenseiro de seu tempo e prestaria contas a Deus por seu uso.

Isso não significa dizer que Edwards estava cegamente concentrado nos segundos de seus dias. Ele também entendia a importância crucial de ver o quadro todo. Com esse objetivo, ele procurou manter sua mente presa às realidades sensatas de sua própria morte, do retorno de Cristo e do mundo vindouro, para ajudar a si mesmo a viver para Deus no presente.

Acerca da forma como Edwards administrava seu tempo, Don Whitney escreveu:

“Na raiz de toda disciplina está o uso disciplinado do tempo. Sem essa disciplina, não há outras disciplinas... Edwards reconheceu isso cedo e, assim, três de suas primeiras resoluções — nesse caso, as de número 5 a 7 — tratavam da mordomia do tempo”.²

George Marsden escreveu: “Fiel à sua herança puritana, ele reconsiderava freqüentemente o uso do tempo”.³

Em suma, Edwards tinha convicção de que estava sobre o precipício da eternidade e que deveria investir seu tempo inteligentemente, com a maior quantidade de retorno. Tendo sua vida diante de si, esse jovem puritano prometeu que cada momento de sua vida contaria estrategicamente para a glória de Deus. Ele via sua *vida* e seu *tempo* inseparavelmente ligados. As resoluções 5, 7, 11, 19 e 50 tratam do tempo, da morte e da eternidade.

TEMPO LIMITADO

Edwards entendia que poderia perder dinheiro e possivelmente recuperá-lo mais tarde. Poderia perder a saúde e ainda recuperá-la. Poderia até perder um relacionamento e restaurá-lo depois, mas a perda de tempo nunca poderia ser recuperada. Assim, na quinta resolução, Edwards se propôs a usar seu tempo o máximo que pudesse:

5. Resolvi nunca perder um momento, mas aproveitar o tempo da forma mais vantajosa que puder.

Havia muitas exigências sobre o uso do tempo do jovem Edwards. Quando escreveu essa resolução, ele estava trabalhando como pastor temporário e descobrindo as muitas responsabilidades das quais se encarregam os ministros do evangelho. Tinha também um trabalho de mestrado a completar. Além disso, Edwards possuía muitos interesses, incluindo ciências naturais e acontecimentos mundiais. Ele desejava priorizar suas atividades de forma a glorificar melhor a Deus em cada momento.

Edwards era tão zeloso em aproveitar o tempo que calculava maneiras de ganhar minutos em tarefas demoradas ou breves:

Noite de quinta-feira, 2 de janeiro. Estabeleço essas coisas — que o tempo ganho em assuntos de menor importância também é ganho naqueles de maior importância; e que um minuto ganho em momentos de confusão, interação social ou numa viagem é tão bom quanto um minuto ganho em meu estudo, em meus momentos de maior recolhimento e assim por diante; em geral, um minuto ganho num momento é tão bom quanto um minuto ganho num outro momento.⁴

Qualquer momento ganho era precioso para Edwards.

Ele era particularmente consciente de que sua responsabilidade de aproveitar o seu tempo estava ligada à sua batalha contra o pecado. Em seu diário, Edwards escreveu:

Noite de domingo, 6 de janeiro. Estou muito preocupado com o aproveitamento do precioso tempo. Pretendo viver em contínua mortificação, sem cessar, até fatigar-me nisso, enquanto estiver neste mundo, e nunca esperar ou desejar qualquer tranquilidade ou prazer mundanos.⁵

Assim, o tempo empregado em aniquilar o pecado era bem empregado.

No relato acima, Edwards afirmou que estava “muito preocupado” com o “aproveitamento” do seu tempo. Ele percebeu que deveria sempre procurar o uso mais eficaz e estratégico de seu tempo de acordo com a vontade de Deus. Algumas exigências de seu tempo eram questões da “tirania do urgente” — elas exigiam sua atenção, mas não eram prioridades. A essas preocupações, menos tempo deveria ser dado. Outros assuntos muito mais importantes deveriam ser priorizados, e mais tempo deveria ser dado a eles. Outros assuntos ainda requeriam sua atenção numa hora do dia em que ele estivesse mais alerta.

HORA FINAL

Para ajudar a si mesmo a valorizar o seu tempo, Edwards determinou que não perderia de vista a hora final de sua vida — a hora em que se encontraria no limiar de sua entrada na presença de Deus. Na resolução 7, Edwards fez o seguinte voto:

7. Resolvi nunca fazer qualquer coisa da qual eu devesse ter medo, caso esteja vivendo a última hora de minha vida.

Essa resolução foi designada, essencialmente, para ajudar Edwards na mortificação de seu pecado. Ele esperava que algo que poderia ajudá-lo a manter-se afastado da tentação seria fazer a si mesmo a pergunta: “Eu me ocuparia nesta atividade específica se tivesse apenas uma hora para viver?” Ele estava persuadido de que não desejaria entrar na presença de Deus após ter cometido qualquer pecado. Se ele tivesse que dizer que evitaria qualquer atividade em sua hora final, saberia que deveria evitá-la em qualquer momento de sua caminhada cristã. Essa perspectiva restringiria seus pensamentos, suas atividades e palavras pecaminosas.

Edwards geralmente valorizava muito o fato de concentrar-se na certeza de sua morte como um meio de santificação. Ao combater pensamentos mundanos, ele escreveu em seu diário: “Manhã do dia do Senhor, 1 de setembro. Quando sou violentamente atacado por pensamentos mundanos, para ter um alívio, penso na morte e nas dolorosas circunstâncias da mesma”.⁶ Pensamentos sobre a morte levavam sua mente a se voltar para as realidades eternas, fazendo com que as tentações mundanas do momento parecessem vazias e sem atrativos. Viver como se

estivesse em sua *última* hora o ajudou a manter as coisas pecaminosas distante.

Os pensamentos sobre a morte também ajudaram Edwards a manter uma perspectiva apropriada sobre os bens materiais. Em seu diário, ele fez a si mesmo uma pergunta que o colocaria à prova:

Segunda-feira, 3 de fevereiro. Que todas as coisas tenham o mesmo valor agora que teriam se eu estivesse num leito de enfermidade; e que, em qualquer busca que eu estiver empreendendo, essa questão venha com frequência à minha mente. 'Quanto valor eu daria a isso se estivesse em meu leito de morte'? ⁷

Edwards acreditava que contemplar os seus últimos momentos de vida o forçava a valorizar o que era mais importante no presente.

A contemplação de sua morte certamente ajudou Edwards a preparar-se *para* ela. Edwards registrou:

Manhã de sexta-feira, 5 de julho. Na noite passada, quando pensava sobre o que deveria desejar ter feito se estivesse prestes a morrer, pensei que deveria desejar ter insistido mais com Deus para me preparar melhor para a morte e me conduzir a toda a verdade e não ter me enganado sobre o estado de minha alma. ⁸

Embora Edwards tenha escrito essas palavras quando jovem, em plena primavera da vida, ele queria estar preparado para encontrar seu Senhor, recebendo a aprovação dEle.

O fato de concentrar o pensamento no final da vida ajudou Edwards a priorizar o que era mais importante em sua vida. Essa perspectiva reprimiu suas atividades, palavras e seus pensamentos pecaminosos. Além disso, ela o ajudou a escolher os mais elevados objetivos na vida. Quanto

ao uso de seu tempo, nem todas as escolhas eram entre o bem e o mal. Algumas das escolhas mais difíceis eram entre o bom, o melhor e o melhor de tudo. Viver sempre como se estivesse no fim de sua vida o levou a viver pelo que era melhor, pela glória de Deus.

AÇÃO IMEDIATA

Quando Edwards se conscientizava de uma ação que devia tomar, procurava realizá-la *imediatamente*. Na resolução 11, ele aplicou essa determinação aos problemas teológicos:

11. Resolvi que, ao pensar em qualquer problema teológico que precise ser esclarecido, farei imediatamente o que puder para esclarecê-lo, caso as circunstâncias não me impeçam de fazê-lo.

Quando Edwards estudava e lia, geralmente chegava a “proposições teológicas” ou a questões teológicas que não eram facilmente compreendidas. Em tais casos, ele fez o voto de tratar dessas dificuldades doutrinárias imediatamente, a fim de chegar a uma compreensão apropriada. Não devemos perder tempo, ele pensava, para resolver questões importantes como essas.

Nessa resolução, Edwards reconheceu a soberania de Deus, pois adicionou: “Caso as circunstâncias não me impeçam de fazê-lo”. Mesmo ao resolver difíceis questões teológicas, Edwards humildemente se submetia à mão dominante de Deus.

Edwards acreditava que a procrastinação era um obstáculo à glória de Deus. Demorar para obedecer não é obediência. Lentidão em executar uma tarefa desonra-O. Assim, Edwards sentia que devia cumprir suas obrigações o mais rápido possível. Entretanto, admitia francamente que lutava com a procrastinação. Ele escreveu:

Quarta-feira, 9 de janeiro. Não pareço estar sendo muito cuidadoso em aproveitar o tempo para fazer tudo rapidamente e no menor período possível para mim; nem pareço estar tão empenhado em pensar sobre a fé como

ontem e no dia anterior, nem como estive em certos momentos, talvez há um ano.⁹

Em outra ocasião, ele observou: “Noite de sábado, 11 de maio. No mês passado mereci ser culpado por não tratar a minha inclinação com veemência suficiente, forçando a mim mesmo a fazer um melhor uso do tempo”.¹⁰ Edwards sentia que deveria sempre impulsionar a si mesmo com “veemência” para usar melhor o seu tempo.

A ÚLTIMA TROMBETA

Edwards acreditava que nem todos os cristãos deixariam esse mundo mediante a morte. Alguns estariam vivos na segunda vinda de Cristo. Refletindo essa crença, num eco de sua sétima resolução, Edwards escreveu:

19. Resolvi jamais fazer qualquer coisa da qual eu deva ter medo, no caso de não restar mais do que uma hora para eu ouvir a última trombeta.

Com essa resolução, Edwards se propôs a nunca fazer qualquer coisa que lhe trouxesse remorso se Cristo retornasse naquele momento. Saber que Cristo poderia entrar em cena inesperadamente impedia certas atitudes e atividades dele.

Embora sua escatologia ainda estivesse para ser desenvolvida quando Edwards escreveu suas “Resoluções”, ele amava as profecias bíblicas a respeito da vinda de Cristo. Stephen J. Stein observou:

O livro do Apocalipse fascinava Jonathan Edwards... Para ele, o apocalipse era vivificado a cada nova leitura... Edwards passava muitas horas estudando Apocalipse, o único livro da Bíblia que ele favoreceu com um comentário separado. Essa preocupação... se estendeu por todos os seus anos.¹¹

John Gerstner escreveu que o retorno de Cristo era um “conceito controlador no pensamento de Edwards”.¹²

Edwards se convenceu a tempo de que a volta de Cristo era iminente. Gerstner acrescentou: “Edwards pensou que os últimos dias estavam se aproximando rapidamente... [Edwards acreditava que] as Escrituras não

permitem o cálculo da data exata da Segunda Vinda, mas que elas indicam o período em geral”.¹³ O próprio Edwards afirmou:

Cristo aparecerá na glória de seu Pai, com todos os seus santos anjos, vindo nas nuvens do céu... Essa será a mais inesperada visão para o mundo ímpio, a qual virá como um grito à meia-noite... Mas com respeito aos santos, ela será uma visão de júbilo e a mais gloriosa de todas... Assim, ver o seu Redentor vindo nas nuvens do céu encherá o coração deles de alegria.¹⁴

A expectativa do retorno de Cristo instigou Edwards em sua busca por santidade. Ele desejava não ser encontrado em pecado quando soasse a última trombeta, mas sim numa vida piedosa.

O MUNDO FUTURO

Quando Edwards olhava para além desta vida, concentrava-se no mundo futuro, no qual ele se encontraria um dia. Na resolução 50, ele se propôs a fazer o máximo para viver de uma forma que ainda consideraria a melhor quando chegasse naquele mundo:

50. Resolvi que agirei da forma que julgar ser a melhor e a mais prudente, quando chegar ao mundo vindouro (5 de julho de 1723).

Edwards sabia que teria uma perspectiva muito diferente depois que fosse levado ao céu e glorificado. O pecado não mais confundiria seu pensamento. Finalmente veria, de um modo claro, como era melhor viver para a glória de Deus. Entretanto, ele queria essa perspectiva imediatamente, por essa razão, dispôs-se a tentar averiguar como pensaria quando chegasse lá.

Edwards era muito honesto quanto à sua necessidade de ser afastado deste mundo e de tornar-se preocupado com o mundo vindouro. Ele escreveu:

Manhã de quarta-feira, 1 de maio... Senhor, concede que, daqui para a frente, eu aprenda a retirar do mundo os pensamentos, as afeições, os desejos e as expectativas; concentrando-os na pátria celestial, onde há plenitude de alegria; onde reina um amor celestial, doce, calmo e encantador; onde continuamente se fazem presentes as mais preciosas expressões desse amor; onde há o prazer desse amor sem jamais haver separação, e onde as pessoas que parecem tão amáveis neste mundo serão indescritivelmente mais amáveis e cheias de amor por nós. Quão agradavelmente se unirão aqueles que amam assim, mutuamente, cantando os louvores de Deus e do Cordeiro. Como nos

encherá plenamente de alegria pensar que esse prazer, essas práticas agradáveis, nunca cessarão ou chegarão ao fim, mas permanecerão por toda a eternidade.¹⁵

Edwards desejava viver com seu coração fixo no céu, de forma que pudesse viver melhor para a glória de Deus no presente. Enquanto ele vivia aqui, as glórias que o aguardavam diante do trono de Deus o impeliam para frente.

VIVENDO SEM REMORSOS

Manter diante de si as importantes verdades do tempo, da morte, do retorno de Cristo e do céu ajudou Edwards a obter uma perspectiva eterna. Ele viveu como se estivesse sempre pronto a sair deste mundo e entrar no próximo. Tal estilo de vida, por sua vez, o ajudou ainda a cumprir outra de suas resoluções. Ele escreveu:

52. Frequentemente ouço as pessoas idosas dizerem como teriam vivido, se pudessem voltar ao início de sua vida novamente. Resolvi que viverei da forma como desejarei ter vivido no caso de chegar a uma idade avançada (8 de julho de 1723).

Edwards desejava apaixonadamente viver de tal modo que nunca viesse a ficar cheio de remorsos por conta de uma vida desperdiçada. Ele afirmou que muitas vezes ouvia os homens velhos segredarem que desejavam reviver sua vida, traçando caminhos diferentes e buscando alvos diferentes. Edwards decidiu que *não* seria assim com ele.

É claro que evitar um dia de remorsos exigia que Edwards desse passos significativos cedo na vida. Os mesmos passos devem ser dados por todos nós *agora*, se quisermos encontrar o futuro com satisfação. Assim como Edwards, devemos fazer da busca pela glória de Deus nosso mais elevado objetivo e mais intenso chamado.

Jonathan Edwards viveu sem remorsos. E você, como viverá?

A Paixão da Disciplina

*Edwards mantinha o rigor de seu horário de estudo, exceto quando dava uma estrita atenção à dieta e aos exercícios. Tudo era calculado para otimizar sua eficiência e poder nos estudos.*¹

— JOHN PIPER

Possuindo um dinamismo interno que já foi descrito como tendo “proporções paulinas”,² Jonathan Edwards era persistente em sua busca por santidade. “A aspiração que ele tinha em sua juventude era a de ser o mais ‘completo cristão’ de sua época”, explicou George S. Claghorn. “Ele aceitou o ferrenho esforço que isso envolvia e dedicou cada pensamento e cada ação para estimular esse objetivo. Sua única ambição era usar o seu maior potencial e a sua utilidade máxima para a glória de Deus”.³ Em suma, Edwards era sincero em sua paixão por Deus e pelo seu reino.

Segundo seu próprio testemunho, Edwards desejava “ser entregue a Deus no céu e passar como que pela experiência de ser absorvido em Deus”.⁴ Disposto a pagar qualquer preço necessário nesse esforço, Edwards se preparou “para perder todo senso de individualidade”,⁵ a fim de buscar a Cristo. Edwards acreditava que a “complacência era um grande impedimento à vida cristã”,⁶ e que a frieza nunca produziria santidade, por essa razão, recusava-se a permitir a presença dela em si mesmo. Fiel às

suas convicções, Edwards “nunca abandonou sua crença no valor das rigorosas disciplinas espirituais”.⁷

Este capítulo se concentrará na disciplina espiritual de Edwards. Recusando-se a viver de uma maneira desorganizada, ele se propôs a conhecer e a servir a Deus, mediante uma vida altamente controlada. As resoluções 6, 20, 28 e 61 expressam aspectos dessa busca decidida.

DEVOÇÃO DE CORAÇÃO

O desejo que Edwards tinha por uma disciplina pessoal começou com um compromisso fundamental de viver intensamente. Ele se recusou a contentar-se com uma mera existência, simplesmente realizando atividades que nada significavam, de uma maneira mecânica. Para Edwards, a verdadeira vida necessitava de disciplina pessoal em cada área do viver cristão. Por esse motivo, Edwards escreveu em sua sexta resolução, que jamais viveria a vida cristã numa fria complacência, mas que sempre impulsionaria a si mesmo para graus mais elevados de piedade. Ele escreveu:

6. Resolvi que enquanto estiver vivo, viverei com todas as minhas forças.

Essa curta resolução diz muito sobre Edwards. Ele estava disposto a dedicar a totalidade de seu ser à sua busca por santidade. Viveria sinceramente para Cristo, não toleraria parcialidade ou sujeições que competissem entre si. Depositaria todas as suas energias em cada esforço enquanto vivesse. Nunca se permitiria ficar negligente em sua busca pela vontade de Deus, mas se empenharia inteiramente em tudo o que empreendesse para Cristo. Edwards se propôs a viver, *de fato*. Onde quer que se encontrasse, estaria lá por *completo*.

Num eco da resolução 63, Edwards prometeu em seu diário que procuraria ser o mais completo cristão de sua geração. Ele próprio estabeleceu o alvo de viver num nível de intimidade com Deus e plenitude de espiritualidade que nenhum outro cristão estava alcançando:

Segunda-feira, 14 de janeiro... Supondo que no mundo nunca haveria mais de um cristão completo por vez, uma pessoa de caráter correto em todos os aspectos e na qual o cristianismo brilharia em seu verdadeiro esplendor, resolvi agir como puder, se eu lutar com todas as minhas forças para ser essa pessoa em minha época.⁸

Isso não significa sugerir que Edwards sempre viveu com todas as suas forças. De fato, ele registrou algumas de suas lutas para se manter consistente em sua busca. Às vezes, ele se encontrava negligente em sua disciplina espiritual. Se ele fosse mais firmemente comprometido, acreditava, poderia fazer duas vezes mais pelo Senhor:

Sábado, 23 de fevereiro. Encontro-me miseravelmente negligente. Eu poderia agir duas vezes melhor se me empenhasse. Vejo como meus pensamentos sobre esse assunto logo serão diferentes do que são agora. Há um bom tempo tenho tolerado uma preguiça horrenda e não o sabia. Posso fazer sete vezes mais agora como o posso fazer em qualquer outro momento, não porque minhas habilidades estejam numa sintonia melhor, mas por causa do fogo da diligência que sinto queimando dentro de mim. Se eu pudesse sempre continuar assim, não teria um quarto dos problemas. Eu deveria correr a corrida cristã muito melhor e deveria partir do mundo como um homem muito melhor.⁹

Enxergando a vida cristã como uma corrida, Edwards fez o voto de se apressar rumo à linha de chegada. Ele não se tornaria complacente, mas lutaria pelo prêmio e correria para ganhar (1 Co 9.24). Com essa finalidade, também resolveu disciplinar seu corpo (v. 27).

RÍGIDO CONTROLE FÍSICO

A disciplina física era um forte aspecto do sincero compromisso de Edwards para com Deus. Edwards acreditava que a restrição e o equilíbrio deveriam marcar cada área de sua vida física, incluindo sua dieta, seu sono e seu exercício físico. Cria que seu corpo era o templo no qual ele adorava e servia a Deus. Portanto, sua vida física deveria ser disciplinada se quisesse que sua vida espiritual fosse desenvolvida. Edwards se comprometeu, na resolução 20, a dar alguns passos práticos com esse fim:

20. Resolvi manter a mais rígida temperança no comer e beber.

A palavra *temperança* significa “moderação” ou “restrição” e era isso que Edwards procurava obter em seu comer e beber. George Marsden observou que Edwards mantinha uma “dieta espartana”,¹⁰ mas que “constantemente se submetia à provas, observando o quanto comia além do necessário e evitando todos os excessos que entorpeceriam sua mente ou despertariam suas paixões. Por toda a sua vida, observadores comentaram sobre seus rigorosos hábitos alimentares e sua aparência emagrecida. Embora ele vivesse no meio do mundo, ele o fez como um asceta”.¹¹

John Piper acrescentou que Edwards “cuidadosamente observava os efeitos dos diferentes tipos de comida e selecionava aqueles mais convenientes à sua constituição e que lhe renderiam uma melhor condição para o trabalho mental”.¹²

Mas a busca de Edwards por temperança não acontecia sem luta. Ele observou que poderia se esquecer de sua resolução enquanto comia:

Noite de sábado, 15 de fevereiro. Percebo que no momento em que estou comendo, posso não me dar conta de que se comer mais, ultrapassarei os limites da rigorosa temperança, embora já tenha dois anos de experiência em relação a isso. Ainda assim, três minutos depois de ter ultrapassado esses limites, convenço-me do que fiz. Entretanto, quando como novamente e me lembro disso, fico plenamente convicto de que não comi além do que é necessário e não consigo me convencer de que meu apetite e sentimento estão como eram antes. Parece-me que eu ficaria um pouco fraco se parasse naquele momento, mas quando termino, mais uma vez me convenço e isso acontece ocasionalmente.¹³

Edwards também observou que precisava exercitar um cuidado especial para conter a si mesmo quando uma refeição fosse especialmente agradável ao seu paladar ou oferecesse uma variedade de pratos:

Dia do Senhor, 23 de fevereiro... Quando estou diante de um banquete ou de uma refeição que muito agrada meu paladar, a minha preocupação não deve ser meramente parar ao atingir o mesmo nível de apetite ao qual chego após refeições costumeiras, pois quando há uma grande variedade de pratos, posso fazer isso depois de ter comido duas vezes mais do que em outras refeições.¹⁴

Em outra ocasião, durante uma viagem, ele admitiu ser culpado por negligenciar sua rígida supervisão em matérias de comida, bebida e sono: “Manhã de sábado, 15 de junho, Windsor. Sou culpado, nesta viagem, com respeito à rigorosa temperança no comer, beber, dormir e no sofrer por coisas pequenas demais, ao ponto de interromper minha habitual cadeia de práticas religiosas”.¹⁵

O valor de limitar cuidadosamente a sua dieta era claro para Edwards. Em seu diário, ele proferiu diversos benefícios disso:

Terça-feira, 2 de setembro. Mediante uma dieta frugal, comendo o quanto for preciso, o que é leve e de fácil digestão, indubitavelmente serei apto a pensar de forma mais clara e ganharei tempo. Em primeiro lugar, prolongo minha vida; em segundo, precisarei de menos tempo para a digestão depois das refeições; em terceiro, poderei estudar melhor, sem prejudicar minha saúde; em quarto, precisarei de menos tempo para dormir; em quinto, raramente serei importunado por dor de cabeça.¹⁶

Além disso, Edwards viu uma conexão direta entre seus hábitos físicos — comer, beber e dormir — e sua dureza espiritual. O autocontrole em sua vida física, ele constatou, afetava o autocontrole em sua vida espiritual. Ambas as áreas exigiam abnegação. Edwards escreveu: “Quinta-feira, 10 de janeiro, por volta do meio-dia... Acho que encontro-me muito mais animado e saudável, tanto no corpo quanto na mente, devido a minha abnegação no comer, beber e dormir”.¹⁷

Os limites de Edwards quanto a ingestão de comida tornaram-se quase prejudiciais algumas vezes. Edwards observou que sua disciplina ao comer era tão rigorosa que geralmente o deixava fisicamente fraco. Nesse momento Edwards escreveu:

Manhã de sábado, 12 de janeiro... Parece-me que uma mortificação demasiadamente constante e uma dedicação demasiadamente vigorosa à religiosidade pode ser prejudicial à saúde. Apesar disso, continuarei sentindo e experimentando claramente essa fraqueza por causa de minha dieta. Não importa o quão cansado e esgotado eu esteja, desde que minha saúde não seja prejudicada.¹⁸

Edwards também ajustava cuidadosamente seus padrões de sono. Por causa da importância que o tempo a sós com Deus tinha para ele, Edwards adotou a prática de acordar horas antes do amanhecer. Ele acreditava que Cristo deu o exemplo desse padrão tanto em sua vida (Mc 1.35) quanto em

sua ressurreição: “Janeiro de 1728. Penso que Cristo nos recomendou que levantássemos cedo de manhã ao ter ressuscitado do túmulo bem cedo”.¹⁹ Marsden escreveu: “Edwards geralmente levantava às quatro ou cinco horas da manhã, a fim de passar treze horas em seus estudos... A disciplina era parte de um constante e heróico esforço para fazer de sua vida um símbolo de Cristo”.²⁰ Edwards era sempre ávido para começar seu trabalho diário.

Finalmente, o exercício físico era importante para Edwards. Ele sentia que seu corpo devia ser ativo se desejasse que sua mente permanecesse alerta, por essa razão, ele se permitia ocupar-se em atividades como cortar lenha, andar a cavalo, e coisas semelhantes. Piper escreveu:

Além de cuidar de sua dieta, a fim de aumentar sua força mental, ele também dava atenção à sua necessidade de exercitar-se. No inverno, cortava lenha todos os dias por meia hora e, no verão, cavalgava nos campos e andava sozinho, meditando.²¹

Enfim, Edwards acreditava que os exercícios o ajudavam a manter seu coração forte com respeito a Deus.

DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

Edwards também controlou a si mesmo rigorosamente nas disciplinas espirituais da vida cristã, tais como estudo bíblico, leituras sobre teologia, meditação, oração e canto. Essas disciplinas espirituais são necessárias para a saúde espiritual. Como escreveu Donald Whitney, elas promovem “intimidade com Cristo e conformidade (tanto interna quanto externa) com Cristo”.²² Por essa razão, Edwards se dedicou às disciplinas espirituais com grande diligência. Vemos uma clara manifestação dessa disciplina na resolução 28:

28. Resolvi estudar as Escrituras do modo mais firme, constante e freqüente que puder, e perceber com clareza que estou crescendo no conhecimento delas.

Edwards certamente buscava tempo para estudar a Palavra com grande diligência. “As Escrituras foram fundamentais na sua conversão”, observou Michael Haykin. “Não surpreende o fato de que ele... sustentava que as Escrituras precisam ser o centro de toda... a piedade cristã”.²³ A devoção com a qual Edwards lia e estudava a Bíblia rendeu, segundo Haykin, um “profundo conhecimento bíblico” e uma “familiaridade incomum com a Bíblia”.²⁴ Samuel Hopkins, cunhado de Edwards e autor de sua biografia, escreveu que “ele estudava a Bíblia mais do que todos os outros livros e mais do que a maioria dos outros teólogos”.²⁵ Essa “espiritualidade modelada de acordo com a Palavra”²⁶ governaria sua vida inteira.

Edwards escreveu sobre a força que ele encontrava nas Escrituras: “Sábado, 23 de maio. Como isso acontece não sei, mas tenho observado que nos períodos em que leio mais as Escrituras, fico mais animado e com

uma disposição melhor”.²⁷ Em outra ocasião ele acrescentou: “Manhã de terça-feira, 13 de agosto... Creio que há muita vantagem em estar inteiramente familiarizado com as Escrituras”.²⁸ Por experiência própria, ele acreditava que as Escrituras eram “vivificantes”:

Às vezes tenho um emocionante senso da excelência da Palavra de Deus como uma Palavra de vida; como a luz da vida, como uma doce, excelente e vivificante Palavra. Tal senso vem acompanhado de uma sede por essa Palavra, para que ela habite ricamente em meu coração.²⁹

A abordagem disciplinada de Edwards sobre as Escrituras não foi de forma alguma penosa para ele. Pelo contrário, alimentar-se da Bíblia era algo que o encantava, porque produzia o conhecimento sobre Deus:

Naquele e em outros momentos, tive maior deleite nas sagradas Escrituras do que em qualquer outro livro. Muitas vezes, ao ler a Bíblia, cada palavra parecia tocar meu coração. Sentia uma harmonia entre algo em meu coração e aquelas doces e poderosas palavras. Muitas vezes eu parecia ver tanta luz exibida por meio de cada frase, e era-me transmitido um alimento tão restaurador e arrebatador que não conseguia prosseguir a leitura. Muitas vezes, costumava demorar-me longamente numa frase para ver as maravilhas contidas nela, e quase toda frase parecia estar cheia de maravilhas.³⁰

Edwards também arranjava tempo para ler vários livros teológicos e polêmicos. Para Edwards, o estudo bíblico exigia uma séria e árdua exploração do texto, e essas outras obras auxiliavam sua compreensão do mesmo. Edwards escreveu: “Manhã de terça-feira, 13 de agosto... Quando estou lendo livros doutrinários ou de controvérsia, posso proceder com muito mais confiança, posso ver onde estou pisando”.³¹

Contudo, Edwards não se permitia ser seduzido a gastar tempo excessivo em livros escritos por homens, ao ponto de negligenciar a Palavra de Deus. Era muito melhor, ele escreveu, passar um tempo extra estudando ou refletindo sobre as Escrituras do que ler livros que não eram “muito bons”. Em seu diário, ele prometeu:

Noite de quarta-feira, 28 de agosto. Quando quero ler livros, sim, quando não tenho livros muito bons, não bons o suficiente para que gaste tempo lendo-os, leio as Escrituras, examino as Resoluções, reflexões, etc.; escrevo sobre as Escrituras e outras coisas; estudo línguas e passo mais tempo em minhas obrigações pessoais.³²

Além disso, Edwards dedicava algum tempo à meditação sobre as Escrituras, contemplando as glórias de Cristo em sua Palavra. Hopkins observou que Edwards gastava muito tempo “em devotada leitura da palavra de Deus e meditação na mesma”.³³ A disciplina espiritual da meditação nas Escrituras “era parte da herança puritana de Edwards... [e] era fundamental para a caminhada de Edwards com Deus”.³⁴ Whitney escreveu:

“A meditação sobre as Escrituras era a prática de Edwards desde seus primeiros dias como um discípulo de Jesus... Edwards parecia particularmente apaixonado pela meditação nas Escrituras enquanto caminhava sozinho ou cavalgava, quer cavalgasse para relaxar ou numa viagem”.³⁵

Isso envolvia pensar “de uma forma prolongada e concentrada sobre uma verdade num texto bíblico”.³⁶

Tal meditação em momentos de solidão provou ser uma parte crucial de sua vida espiritual, produzindo grande alegria em seu coração. Haykin

escreveu que uma satisfação interna “dominava sua alma conforme ele meditava no que as Escrituras dizem a respeito de Deus, de Cristo e de sua livre e soberana graça na salvação”.³⁷ Refletindo sobre os meses imediatamente posteriores à sua conversão, Edwards recordou: “Eu costumava me retirar muito freqüentemente para um lugar solitário, às margens do rio Hudson, um pouco distante da cidade, a fim de ponderar sobre as coisas divinas e conversar reservadamente com Deus. Lá eu tive muitas horas agradáveis”.³⁸

Às vezes, Edwards achava suas meditações tão satisfatórias que até deixava de fazer uma das refeições:

22 de janeiro de 1734. Quando estou numa boa disposição para meditar sobre Deus ou engajado na leitura das Escrituras, ou em qualquer estudo sobre assuntos teológicos, julgo que, habitualmente, é melhor, não ser interrompido pelo momento do jantar. Prefiro renunciar o jantar a ser interrompido.³⁹

Esse era o amor de Edwards pela comunhão com Deus.

Edwards também acreditava que a oração era uma disciplina espiritual essencial. Como Whitney observou, “... a idéia de um cristão que não orava era absurda. Era inconcebível que alguém pudesse conhecer o Deus que ele conhecia e não ser impelido a orar, ainda que testemunhando a doçura, o amor e a satisfação encontrados em Deus. Parecia contrário ao entendimento que Edwards possuía acerca das Escrituras, que alguém pudesse ser habitado pelo Espírito que leva os filhos de Deus clamarem ‘Aba, Pai’ (Rm 8.15; cf. Gl 4.6) e ainda não clamar ao Pai em orações regulares e privativas”.⁴⁰

Edwards se adaptou para chegar a Deus em oração, em intervalos regulares durante todo o dia. “Edwards era tão dedicado à oração,” escreveu Whitney, “que é difícil encontrar uma rotina diária dele que não fosse

permeada pela oração. Ele orava sozinho quando se levantava... Orava durante seus estudos e orava enquanto caminhava ao anoitecer. A oração era uma disciplina e uma parte de seu lazer”.⁴¹

Entretanto, Edwards confidenciou em seu diário que, geralmente, lutava para manter períodos regulares de oração: “Manhã de segunda-feira, 6 de maio. Acho que o melhor é chegar diante de Deus três vezes por dia, exceto quando eu for intensamente incapacitado de cumprir esse dever”.⁴² Em outra ocasião, Edwards expressou a mesma luta para manter seus momentos de oração enquanto viajava:

Manhã do dia do Senhor, 19 de maio. Com respeito a minha viagem na semana passada, não fui cuidadoso o suficiente para observar as oportunidades de me aproximar solenemente de Deus, três vezes por dia. Semana passada, quando estava para colocar em prática a Resolução da Quarta-feira,⁴³ foi proposto a mim, em meus pensamentos, que a omitisse até que chegasse em casa, porque haveria uma oportunidade mais conveniente.⁴⁴

Enfim, Edwards adorava a Deus individualmente com frequência, levantando a sua voz ao cantar salmos. A Palavra de Deus produzia dentro dele a adoração por Deus. Whitney observou: “Edwards não concebia a adoração particular sem [cantar]... Edwards falou de suas canções particulares e espontâneas para Deus como algo que ‘parecia natural’ e fluía da doçura das suas meditações sobre Deus”.⁴⁵ Assim, Edwards prometeu: “Noite de domingo, 22 de setembro. Louvo a Deus cantando salmos em prosa e cantando as meditações de meu coração em prosa”.⁴⁶

Essas diversas disciplinas — estudo bíblico, leitura de material teológico, meditação, oração e canto — trabalharam de mãos dadas, uma apoiando as outras, na busca de Edwards pela santidade. Essas obrigações

religiosas ajudaram Edwards a manter uma comunhão vibrante com Deus. Sua teologia o levava à doxologia.

FERVOR INABALÁVEL

Geralmente, Edwards ficava desapontado com suas falhas na busca pela glória de Deus. Em seu diário, ele muitas vezes confessava ser “apático”, “insensível” e “desatento” em seu fervor espiritual. Conseqüentemente, na resolução 61, Edwards se propôs a não ceder à sua apatia espiritual:

61. Resolvi não ceder à desatenção, a qual percebo que deixa minha mente à vontade e relaxada, impedindo-a de manter-se plena e definitivamente inclinada à fé; seja qual for a desculpa que eu tenha para essa falta de atenção — a fim de que minha mente me incline a fazer o melhor a ser feito (21 de maio e 13 de julho de 1723).

Para Edwards, a “desatenção” era um estado no qual sua mente ficava menos do que plenamente firmada nas coisas espirituais. Tornar-se desatento era perder sua espiritualidade, tornar-se indiferente e apático e, para Edwards, não havia desculpa para isso. Essa resolução era tão importante para ele que chegou ao ponto de relatá-la duas vezes, o que era uma indicação de que ela estava afirmada duas vezes em seu coração.

Apesar dessa tão notável determinação, Edwards experimentou momentos de aridez. Alguns registros de seu diário revelam esses períodos em sua vida:

Sexta-feira, 21 de dezembro. Hoje e ontem fui excessivamente apático, insensível e desanimado.⁴⁷

Sábado, 29 de dezembro. Encontrei-me estúpido e inerte hoje ao pôr-do-sol.⁴⁸

Terça-feira, 1 de janeiro. Por vários dias tenho sido apático. Até analisei se não estou sendo culpado de negligência hoje, e decidi que, hoje não o sou.⁴⁹

Contudo, Edwards também recordava que o Espírito Santo geralmente despertava seus anelos espirituais. Ao contemplar as glórias de Cristo, ele acreditava que o Espírito iluminava seu coração com a beleza da santidade de Deus:

Sábado, 22 de dezembro de 1722. Hoje fui despertado pelo Espírito de Deus. Fui afetado pelo senso da excelência da santidade. Senti que pratiquei mais o amor por Cristo do que de costume. Também senti um consciente arrependimento dos pecados, porque foram cometidos contra um Deus tão misericordioso e bom. Nesta noite fiz a 37ª resolução.⁵⁰

Mas ao mesmo tempo em que dependia do Espírito Santo para ser despertado, Edwards tinha o compromisso de fazer tudo quanto podia para permanecer zeloso em seu amor por Deus e por Cristo. Dois dias depois, Edwards escreveu: “Segunda-feira, 24 de dezembro. Tive pensamentos mais elevados do que de costume sobre a excelência de Jesus Cristo e de seu reino”.⁵¹ Esse rejuvenescimento era uma consequência do fato de Edwards declarar os seus caminhos a Deus e de abrir sua alma para Ele, bem como da leitura que fez dos sermões do notável puritano Thomas Manton, sobre o salmo 119.

UMA BUSCA DISCIPLINADA POR SANTIDADE

O persistente senso de missão de Edwards colocou todas as áreas de sua vida sob um controle disciplinado. Nenhum aspecto de sua vida passou sem minuciosas análises — comer, beber, dormir, exercitar-se, o estudo das Escrituras, leituras teológicas, meditação, oração, adoração e afeições. Em tudo isso, Edwards fazia averiguações cuidadosas e regulares quanto ao seu progresso e mudanças necessárias.

Mediante a autodisciplina, Edwards procurou fazer com que a busca pela glória de Deus fosse concreta e específica em sua vida. Sabendo de tão rígido autocontrole, ficaríamos admirados com o fato de Deus ter usado Edwards tão grandemente?

Edwards permanece como um exemplo positivo para todos os crentes hoje. Ele mostra como um cristão pode disciplinar a si mesmo, tendo como propósito, a piedade. Que o Senhor dê graça a todos quantos procuram viver com o rigoroso compromisso de um atleta campeão, esforçando-se para receber o prêmio no dia final. Que todos corramos de forma a vencer.

A Prática do Amor

*O valor do trabalho de Edwards não se encontra apenas em sua mente lúcida e penetrante. O mais singular é a sua combinação de análises racionais com o fervor espiritual. Eis um homem cujo coração era radiante de amor e devoção pela doçura e excelência de Cristo. De seu trabalho, emana uma afeição religiosa autêntica. Ele era, acima de tudo, uma pessoa que amava a Deus... As coisas de Deus prendiam o coração de Edwards e o envolviam com uma paixão amorosa todo-consumidora.*¹

— R. C. SPROUL

Jonathan Edwards acreditava que tão certo como a noite sucede o dia, e o verão sucede a primavera, seu dever cristão de amar os outros fluía de seu fervoroso amor por Deus. Estas afeições: amor por Deus e pelos outros, estão entrelaçadas. Quanto mais se aprofunda a devoção de alguém por Deus, mais ele deseja seguir os mandamentos das Escrituras de ser rico em amor pelos seus semelhantes. Edwards percebeu que, em Cristo, ele tinha um débito de amor que *deveria* retribuir. Ele aceitava o ensino das Escrituras de que ainda que falasse a língua dos homens e dos anjos, possuísse todo conhecimento e doasse tudo o que tivesse, isso seria nada se não demonstrasse amor (1 Co 13.1-3). O amor que ele mostrava pelos outros demonstraria seu amor por Deus.

Portanto, a prática do amor era vitalmente importante para Edwards — assim como deveria ser para cada cristão. Em consequência disso, quando

esse jovem pastor puritano pegava uma caneta para registrar suas “Resoluções”, prometia amar os outros — quer fossem amigos ou inimigos — em qualquer atitude necessária. Para Edwards, o amor era uma parte essencial da busca pela santidade.

Geralmente, Edwards é estereotipado hoje como um indivíduo infeliz, frio, carrancudo e sem amor. Essa visão tem proliferado porque, quase vinte anos depois que escreveu suas “Resoluções”, Edwards pregou um sermão aterrorizante sobre o juízo final e o inferno, intitulado “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado”. Essa mensagem “de fogo e enxofre” sobre uma punição futura, a qual agora é famosa, fez seus ouvintes agarrarem-se às extremidades dos bancos, aterrorizados. Desde então, muitos tomaram por certo que um pregador tão intenso não poderia ter sido uma pessoa amorosa. Além disso, Edwards era “naturalmente tímido e anti-social”,² alguém que preferia um estudo sério a conversas sem importância. J. I. Packer escreveu que ele era “sério, taciturno com pessoas estranhas e levemente retraído sempre”.³ Elizabeth Dodds o descreveu como “socialmente desajeitado, entrincheirado pela ostentação da própria timidez”.⁴ Esse elemento solitário em Edwards tem acentuado essa percepção errônea de que ele era austero, sem sentimentos e indelicado.

Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Edwards, de fato, possuía um coração cheio de compaixão e misericórdia pelos outros. Não há dúvidas de que ele era singularmente concentrado nos estudos e de que permaneceu socialmente desajeitado; mas como temos visto, ele tinha um veemente amor por Deus, o qual transbordou numa calorosa afeição pelas pessoas. Seu amor por sua esposa, Sarah, por exemplo, é inquestionável, assim como sua dedicação a seus filhos. Sua compaixão pelas outras pessoas era igualmente autêntica.

Conforme Edwards redigia suas setenta resoluções, seu desejo sincero de amar os outros se tornou um tema recorrente. Vemos aspectos desse objetivo nas resoluções 13, 14, 16, 33 e 47.

ATOS CARIDOSOS

Conforme Edwards buscava santidade pessoal, estava persuadido de que deveria dar o primeiro passo quanto a amar aqueles ao seu redor. Ele não podia ficar sentado esperando que os outros demonstrassem amor por ele primeiro. Portanto, escreveu na resolução 13:

13. Resolvi esforçar-me por descobrir objetos apropriados de caridade e liberalidade.

Nesse compromisso, Edwards se dispôs a “esforçar-se” para demonstrar amor. Essa é uma palavra forte, indicando sua determinação de ter um propósito. Ele estava determinado a ser o primeiro a demonstrar afeição pelos outros. Em outras palavras, não esperaria que os outros o amassem, demonstraria amor primeiro.

Uma maneira significativa mediante a qual ele efetuou essa resolução foi tentando iniciar conversas sobre coisas espirituais. Ele se preocupava muito com o destino eterno das pessoas e queria falar com elas sobre o evangelho. Ele escreveu em sua *Narrativa Pessoal*:

Sobre aquele tempo, lembro-me que costumava desejar intensamente a conversão de alguém com quem estava preocupado. Parecia-me que eu poderia honrá-los alegremente e ser servo deles com prazer, e estar aos seus pés se eles fossem verdadeiramente santos.⁵

Ele acreditava que deveria ser cuidadoso para aproveitar as oportunidades de falar com os outros sobre Deus. Isso é amor *verdadeiro*.

Como era introvertido, iniciar conversas era uma tarefa desafiadora, na qual ele sabia que precisava melhorar. Ele escreveu:

Noite de terça, 20 de agosto. Não fui cuidadoso o suficiente na observação das oportunidades para iniciar uma conversação cristã de livre vontade. Nessa arte santa, não me exercito o necessário, nem tenho coragem suficiente de dar continuidade a ela de boa vontade. Vide 2 de setembro.⁶

Ele sabia que deveria tirar vantagem de tais encontros possibilitados por Deus.

Edwards sentiu que escrever cartas era outra forma prática de expressar amor cristão, um amor que ele deveria praticar com mais frequência. Observando que desejava cumprir suas obrigações sociais, Edwards confessou suas falhas nessa área em seu diário: “16 de novembro... Uma coisa na qual tenho errado, motivo de não ser completo em todas as minhas obrigações sociais, é na minha negligência em escrever cartas aos amigos”.⁷

Desses exemplos, podemos concluir que Edwards se comprometeu, em sua décima terceira resolução, a ser sensível às pessoas ao seu redor e a mostrar-lhes amor cristão de modo tangível. Esse compromisso foi articulado novamente conforme Edwards redigia resoluções adicionais.

ATITUDE PACIENTE

Para Edwards, um aspecto importante do exercício do amor cristão era conter seu temperamento com relação àqueles que o irritavam ou enfureciam. Ele entendia que a dificuldade para o cristão não está em amar as pessoas fáceis de amar — Jesus disse que qualquer um, até uma pessoa não-convertida pode amar seus amigos (Mt 5.46). Em vez disso, o desafio reside em amar aqueles com quem é difícil viver em harmonia. O amor cristão exige atitudes e ações piedosas até para com aqueles que provocam impaciência e ira. Edwards compôs a resolução 14 para ajudar a si mesmo a reagir de maneira piedosa:

14. Resolvi jamais fazer coisa alguma motivado por vingança.

A partir dessa resolução, compreendemos que Edwards podia ser facilmente provocado e que às vezes era tentado a procurar retribuir. Kenneth P. Minkema observou que a tentação de se vingar era “algo com o que Edwards aparentemente lutava”.⁸

Edwards admitiu que em sua juventude era inclinado a discutir, especialmente quando convicto de que estava certo. O desejo de provar o seu ponto de vista poderia se elevar gradativamente até chegar a uma discussão exaltada, que prejudicaria seus relacionamentos com os colegas de escola. Em seu diário, Edwards escreveu: “28 de agosto e 15 de janeiro. Noite. Quando tenho certeza de que estou certo e outros estão persuadidos a me contradizer, creio que é loucura entrar num debate veemente ou longo sobre isso”.⁹

Outras evidências das lutas de Edwards quanto aos relacionamentos vêm de seu tempo em Yale. Marsden escreveu que a magnificência

intelectual de Edwards “não se traduzia em ser apreciado por seus iguais”.¹⁰ Por exemplo, quando na faculdade, ele tinha sérias desavenças com seu primo e colega de quarto, Elisha Mix. Suas personalidades opostas com frequência entravam em conflito, sendo Elisha despreocupado e brincalhão, e Jonathan, sério. Esses temperamentos incompatíveis causaram uma grande tensão no relacionamento entre os dois, visto que Jonathan mal podia suportar gracejos imaturos.¹¹ Em outro incidente, Jonathan fez amizade com um aluno mais velho, Isaac Stiles, mas foi rápido demais em dar-lhe aconselhamento pessoal, prejudicando o laço de amizade.¹² Edwards também era excessivamente disposto a expressar “opiniões adultas”¹³ sobre as travessuras de outros alunos, o que os enfurecia.

O resultado de todo esse conflito foi que o jovem Edwards afastou-se de seus companheiros estudantes. Conseqüentemente, ele lutava para responder-lhes com a gentileza apropriada e pode ter sofrido a tentação de revidar-lhes de várias formas.

Em seu diário, Edwards registrou vários exemplos de suas lutas para resistir à tentação de vingar-se. Um desses registros, datado de 24 de agosto de 1723, refere-se a uma ocasião quando ele secretamente esperou que outra pessoa se prejudicasse:

Manhã de sábado, 24 de agosto. Nunca pratiquei a vingança propriamente dita. Embora nunca tenha feito algo diretamente movido por vingança, talvez tenha omitido algumas coisas que deveria ter feito ou, talvez, tenha alterado as circunstâncias ou modos de agir, esperando que por meio disso acontecesse algum tipo de vingança secreta. Tenho sentido um pouco de satisfação quando penso que algum mal poderia acontecer a eles mediante minhas ações, um acontecimento que os faria arrepender-se do que fizeram. Estar satisfeito com o arrependimento deles, quando se arrependem a partir do senso de que erraram, é certo; entretanto, uma satisfação com o arrependimento deles por causa do mal que lhes sobrevém é vingança.¹⁴

Em outra ocasião, pessoas inoportunas da igreja desafiaram a paciência de Edwards, mas ele sabia que precisava mostrar uma benignidade maior. Ele escreveu em seu diário:

Noite de quinta-feira, 11 de julho. Hoje fui muito impaciente no encontro da igreja. Ciladas e arbustos espinhosos colocaram-se em meu caminho na tarde de hoje. É bom que, em tempos assim, manifestemos uma boa índole, ainda que fiquemos em desvantagem, como talvez fosse imprudente em outras ocasiões.¹⁵

Outra virtude que Edwards sabia que muito lhe faltava era a gentileza. Ele próprio admitiu que podia ser abrupto em sua conduta interpessoal. Sentia que um grau mais elevado de gentileza tornaria todo o seu caráter mais atraente. Edwards escreveu:

Terça, 16 de fevereiro. Uma virtude que preciso num grau mais elevado, para dar beleza e brilho ao meu comportamento, é a gentileza. Se eu tivesse mais atitudes gentis, seria muito melhor.¹⁶

Edwards percebeu que deveria controlar a forma como reagia às pessoas irritantes em sua vida. Ele estava determinado a não permitir que sua impaciência abatesse seu estado emocional. Quando outros o irritavam, ainda quando acreditava que estava certo, Edwards resolveu que evitaria qualquer traço de vingança pessoal — mas sabia que não poderia fazê-lo sozinho. Assim, ele desabafou numa oração registrada em seu diário: “Noite de sábado, 4 de maio... Oh, que Deus me ajude a discernir todas as falhas e defeitos de meu temperamento e relações sociais e que me ajude no difícil trabalho de corrigi-los”.¹⁷ Só pela graça de Deus ele poderia se conter.

PALAVRAS GRACIOSAS

Em seus esforços para demonstrar amor, Edwards sabia que deveria limitar suas palavras em situações desagradáveis. Poucas coisas podem ser mais danosas do que palavras imoderadas proferidas num momento de irritação. A Resolução 16 trata desse problema em potencial:

16. Resolvi jamais falar mal de qualquer pessoa, em qualquer grau de intensidade, ou em qualquer caso, de forma que haja a possibilidade de trazer-lhe desonra, a não ser que isso seja feito para bem real.

Essa resolução era tão importante para Edwards que ele se referiu a ela em seu diário como a “Resolução da Quarta-feira”.¹⁸ O fato dele ter dado um apelido a essa resolução deixa claro que falar mal dos outros era um pecado contra o qual Edwards lutava. Essa resolução era parte de seu esforço para conter a si mesmo, a fim de que não falasse palavras que desonrassem os outros.

Certa vez, Edwards inventou um “estratagema” para ajudar a si mesmo a vencer essa tentação:

Noite de sábado, 18 de maio... na última quarta-feira tomei a resolução de abster-me de qualquer fala pecaminosa por uma semana. Resolvi tentar fazer isso e observar o efeito que seguiria, na esperança de que descobriria que tal fala – pecaminosa, ilícita, que eu costumava permitir em minha vida, considerando-a legítima – não era legítima, de acordo com as resoluções que havia formado em relação ao assunto. Isso me daria vantagem sobre a tentação, para não cair na armadilha. Estando firmemente ligado à minha obrigação no que diz respeito a esse assunto, por meio dessa estratégia,

poderia vencer essa corrupção, que não consigo vencer com todas as minhas forças.¹⁹

Nesse registro, Edwards expressou a esperança de que evitando “qualquer tipo de fala pecaminosa”, pelo período de uma semana, poderia desenvolver uma sensibilidade mais profunda em relação às palavras danosas que ele vinha se permitindo dizer. Nisso vemos seus esforços para mortificar constantemente seu pecado. Tendo falhado em superar “essa corrupção” por “todas as suas forças”, ele procurou esse meio para conseguir vitória sobre sua língua.

Em outra ocasião, Edwards resolveu que sempre que fosse vítima das “faltas” de outra pessoa, esperaria algum tempo antes de dirigir-se a ela:

Sábado, 22 de maio. Quando critico alguém por falhas, pelas quais estou sendo de alguma forma prejudicado, adio a conversa até que a situação esteja terminada e resolvida, pois essa é a forma de criticar corretamente, sem que haja uma mistura do temperamento com as emoções, bem como de fazer críticas eficazes e não suspeitas.²⁰

Ele queria chamar a atenção para o comportamento errado da outra pessoa depois que suas emoções em relação a sua própria dor tivessem se acalmado, a fim de que não dissesse algo prejudicial na fúria do momento.

ESPÍRITO PACIFICADOR

Outra forma muito importante segundo a qual Edwards procurava mostrar amor era sendo um pacificador. Na resolução 33 ele resolveu buscar a paz sempre que isso pudesse ser feito sem produzir efeitos danosos. Ele escreveu:

33. Resolvi sempre fazer o possível para promover, manter e estabelecer a paz, desde que isso não seja feito em detrimento de outras áreas da vida cristã (26 de dezembro de 1722).

Ele queria ser um cristão que não causasse divisões desnecessárias, mas que, em vez disso, ajudasse a reconciliar as pessoas entre si. Contudo, ele reconhecia, nessa resolução, que a paz não seria apropriadamente conquistada por meio de seu “descontrole” — ou seja, sacrificando princípios. Esse tipo de paz *não* é paz, é apenas uma trégua momentânea à custa da verdade. Por exemplo, Edwards preferia evitar controvérsias que mais tarde pudessem marcar seu ministério em Northampton e Stockbridge; mas a seu ver, havia princípios bíblicos em jogo, os quais não podia sacrificar por amor à paz.

Ainda assim, Edwards deu passos práticos para tornar-se um pacificador melhor. Um deles era orar pedindo graça para que fosse mais generoso com seus inimigos. Ele escreveu em seu diário:

Noite de sábado, 14 de abril. Hoje à noite eu poderia orar mais sinceramente pelo perdão de meus inimigos do que antes. Estou um tanto inclinado a ficar cansado disso, após ter feito a mesma petição tantas vezes, mas agora estou determinado a não ceder a essa inclinação.²¹

Nesse registro, Edwards reconheceu sua tendência para se cansar de orar por uma coisa específica muitas vezes, e podemos concluir que, visto que esse reconhecimento aparece no contexto da oração por um espírito perdoador, Edwards lutava para perdoar os outros. Contudo, está claro que ele *persistiu* em procurar ajuda para perdoar e se alegrou porque, ao menos, tinha conseguido orar “sinceramente”, pedindo que conseguisse perdoar seus inimigos. Essa persistência em buscar um espírito generoso refletiu seu desejo de promover a paz, não a divisão.

Em outra ocasião, Edwards se recusou a ouvir fofoca sobre outros. Ele escreveu:

Tarde de quarta-feira, 31 de julho... Nunca procurarei ouvir relatos sarcásticos das faltas de outras pessoas. Nunca darei crédito a qualquer coisa dita contra outra pessoa, exceto quando houver uma razão muito clara para tanto, nem agirei de forma oposta a essas determinações.²²

Quando uma conversa difamadora era empurrada para ele, Edwards estava determinado a se recusar a crer nela, sem que houvesse “uma razão muito clara” para fazê-lo. Ao se guardar contra o recebimento de relatos possivelmente falsos sobre as ações ou palavras de outros, ele ajudava a manter a paz entre ele mesmo e os outros.

Num esforço para dar um bom exemplo para seu rebanho, Edwards tentou identificar falhas em seu caráter, de modo que, por meio delas, não influenciasse os outros sem perceber. Em seu diário, ele prometeu:

Dia do Senhor, 22 de novembro. Considerando que as pessoas por perto sempre [copiam] algumas falhas que nós mesmos não enxergamos ou das quais não estamos plenamente cientes, pois há muitas obras secretas de corrupção que escapam à nossa vista, das quais somente os outros têm

consciência; resolvi, portanto, que descobrirei, se puder fazê-lo por qualquer meio conveniente, quais falhas os outros encontram em mim ou que coisas vêem em mim que pareçam culpáveis, pouco amáveis ou inconvenientes.²³

Edwards admitiu que via os pecados dos outros muito mais prontamente do que descobria suas próprias iniquidades, por essa razão, ele se propôs a tentar compreender a perspectiva dos outros em relação as suas próprias falhas morais.

CORAÇÃO COMPASSIVO

Finalmente, Edwards se sentia impelido a buscar aquilo que fosse marcado pela bondade para com os outros. Decidiu que seu caráter deveria ser marcado por graciosa compaixão, livre de tudo o que era rude ou insensível. Conseqüentemente, escreveu a altamente detalhada quadragésima sétima resolução:

47. Resolvi esforçar-me ao máximo para rejeitar qualquer coisa que não esteja em conformidade com um temperamento bom, universalmente doce, benevolente, quieto, pacífico, satisfeito, afável, compassivo, generoso, humilde, manso, modesto, submisso, amável, diligente, trabalhador, caridoso, justo, paciente, moderado, perdoador e sincero. E resolvi fazer, em todas as ocasiões, o que tal temperamento me leve a fazer e analisar rigorosamente se tenho feito isso, todas as semanas (Manhã do dia do Senhor, 5 de maio de 1723).

Essa resolução era essencialmente um voto de demonstrar amor de maneira marcada pela doçura. As muitas palavras utilizadas para amor nesta resolução revelam a profundidade da piedade que Edwards procurava concretizar em sua vida. Ele prometeu ser “benevolente” ou cheio de gentil compaixão e misericórdia. Também se propôs a cultivar um temperamento que fosse “quieto”, não impetuoso ou arrogante; “pacífico” ou gentil; “afável”, que significa ser alguém com quem é fácil conviver; e “generoso”, marcado por liberalidade, não mesquinhez. Além disso, ele queria ser “humilde”, diminuindo a si mesmo diante dos outros; “manso” ou de espírito despretensioso; “modesto”, não procurando chamar atenção para si mesmo; “submisso”, sujeitando-se aos outros e “amável”, sentindo seu dever de amar os outros. A forma como Edwards se relacionava com os

outros era vitalmente importante para Deus e, por essa razão, para ele próprio.

As mesmas aspirações são vistas em seu diário, no qual ele prometeu:

Terça-feira, 18 de fevereiro. Resolvi agir com doçura, benevolência e de acordo com a 47^a resolução em qualquer estado de saúde, estando doente ou são; sem dor ou com dor; sonolento ou vigilante; e não sofrer perturbação no corpo para não perturbar minha mente.²⁴

Nesse ponto, Edwards afirmou que queria demonstrar um temperamento parecido com o de Cristo, principalmente em tempos de desconforto pessoal.

Edwards percebeu que deveria demonstrar uma maior sensibilidade para com os outros. Sentia que um aspecto chave para isso era recusar-se a rir das fraquezas dos outros. Tal leviandade não demonstraria amor abnegado. Ele escreveu: “Manhã de segunda-feira, 1 de abril. Penso ser melhor não me permitir rir das faltas, tolices e fraquezas dos outros”.²⁵ Semelhantemente, Edwards se dispôs a fazer com que todas as suas palavras fossem cheias de benevolência. Ele desejava que as suas relações sociais fossem marcadas por bondade, compaixão, harmonia, gentileza, cuidado e consideração: “Meio-dia de sábado, 17 de agosto. Que em geral haja algo de benevolente em tudo quanto eu falar”.²⁶ A descrição que aparece aqui é a de um homem esforçando-se para demonstrar o amor de Deus minuciosamente.

RESOLVIDO A AMAR

Edwards sabia que deveria ser resolvido a amar os outros. O amor não é meramente um sentimento afetuoso, compassivo. Também não é uma emoção superficial, momentânea. Em vez disso, o amor — o amor *verdadeiro, bíblico* — acontece muito mais profundamente. Envolve uma escolha intencional da vontade, de estender o amor de Deus aos outros. O amor, na realidade, é uma parte vital da busca pela santidade pessoal. Não pode haver crescimento em piedade sem a prática do amor. Assim, Edwards elevou a importância de demonstrar amor aos outros ao seu redor. Tal amor, ele acreditava, deve ser demonstrado de formas muito práticas e positivas, conforme refletem essas resoluções — iniciando conversas sobre coisas espirituais, impedindo a vingança, contendo a ira, mostrando bondade e revelando graça para com os outros.

É nesse ponto que o cristianismo deve tornar-se real para todos os crentes. Uma coisa é amar a Deus, que é perfeitamente santo e absolutamente justo. Mas é algo completamente diferente amar os outros, que são muito menos que perfeitos. É ainda muito mais desafiador amar os inimigos. Esse é o grande teste da vida cristã — amar o inamável. Mas esse é o amor de Deus, o qual somos chamados a imitar.

O amor que Deus exige de todos os crentes deve ser intencional, conforme Edwards demonstrou. Mas ainda que tal decisão de amar não seja escrita num papel, na forma de uma resolução pessoal, cada cristão deve escolher, na profundidade de seu íntimo, ser cheio de amor pelos outros. Se quisermos glorificar a Deus, tal amor santo é absolutamente necessário.

Que Deus incline seu coração a fazer esforços para amar as pessoas ao seu redor. Que você resolva fazer isso à medida que busca santidade pessoal, para a glória de Deus.

A Postura do Auto-exame

*Nenhum homem é mais relevante à presente condição do cristianismo do que Jonathan Edwards. Nenhum é mais necessário.*¹

— D. MARTYN LLOYD-JONES

Jonathan Edwards sabia que a contínua avaliação de sua vida espiritual era absolutamente necessária em sua busca por santidade. Do ponto de vista dele, uma vida que não é avaliada, simplesmente não vale a pena ser vivida, pois tal vida não poderia trazer glória a Deus. Portanto, ele se comprometeu com a constante vigilância de seu caminhar cristão, examinando regularmente suas atitudes e avaliando suas ações.

Anos depois, durante seu pastorado em Northampton, Edwards insistiu para que os membros de sua congregação examinassem cuidadosamente sua alma quando participassem da Ceia do Senhor. Primeiro ele pregou sobre examinar a si mesmo durante a comunhão, logo após ter se tornado pastor, em 21 de março de 1731, usando 1 Coríntios 11.28 como seu texto: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice”. Nesse sermão, escreveu Mark Valeri, Edwards “concentrou-se na responsabilidade de cada pessoa de se submeter a um intenso escrutínio antes de participar da Ceia... [Ele insiste para que as pessoas] examinem se estão presas a pecados e se estão determinadas a deixá-los”.² Falhar em fazer isso, ele insistia, convidaria a disciplina de Deus.

O que Edwards instava para que sua congregação fizesse não era nada que ele não houvesse praticado pessoalmente. Desde o momento de sua conversão, Edwards compreendeu a importância de se submeter à auto-análise. Várias de suas resoluções refletem seu compromisso com o escrutínio pessoal, especialmente as resoluções números 25, 37, 41, 57 e 60. É necessário estudar essas resoluções, a fim de entender a piedade de Edwards. Além disso, o auto-exame é crucial para nosso crescimento espiritual. Cada cristão que lê este livro deve examinar seu coração regularmente.

CONVERSÃO EXAMINADA

Em sua vigésima quinta resolução, Edwards procurou resistir às suas dúvidas sobre o amor de Deus por ele. Ele se propôs a investigar o mais profundo de sua alma para determinar a razão de ele questionar o amor de Deus. Fundamentalmente, Edwards queria se certificar de que era convertido de fato. Ele escreveu:

25. Resolvi examinar cuidadosa e constantemente o que é isso em mim, que me leva a duvidar, de alguma maneira, do amor de Deus, e direcionar todas as minhas forças para combater isso.

Edwards desejava ter convicção da firme lealdade de Deus, nunca hesitando em sua convicção de que havia sido transformado no objeto do amor eterno da divindade. Ele almejava a certeza de sua salvação. Para seu desalento, entretanto, descobriu que, às vezes, duvidava de seu estado diante de Deus. Por essa razão, ele se propôs a examinar “essa coisa” que lhe causava incerteza.

No primeiro registro em seu diário, Edwards se referiu a essa preocupação com a legitimidade de sua salvação:

18 de dezembro de 1722. Hoje fiz a 35^a resolução. As razões pelas quais questiono um pouco meu interesse pelo amor e favor de Deus são: 1. Porque não consigo falar tão plenamente da minha experiência dessa obra preparatória da qual falam os teólogos; 2. Não me lembro de ter experimentado a regeneração exatamente por meio daqueles passos que os teólogos dizem que, em geral, são tomados; 3. Não tenho sensibilidade suficiente para sentir as graças cristãs, principalmente a fé. Temo que o que eu sinto sejam apenas afeições hipócritas externas, as quais tanto os homens

perversos podem sentir como também os outros. O que sinto não parece estar suficientemente no íntimo e ser pleno, sincero e genuíno. Não parece tão substancial e forjado em minha própria natureza, da forma como eu desejaria que fosse; 4. Porque, às vezes, sou culpado de pecados de omissão e de comissão. Ultimamente tenho duvidado se tenho transgredido no falar. E decidi que, hoje não transgredi nisso.³

No ano seguinte, ele voltou a tratar desse tema da certeza da salvação num registro do diário:

Manhã de Segunda-feira, 12 de agosto. A principal coisa que agora me faz questionar meu bom estado, em alguma medida, é não ter experimentado a conversão segundo aqueles passos específicos, os quais o povo da Nova Inglaterra e os antigos dissidentes da Velha Inglaterra costumavam experimentar. Razão pela qual agora resolvi que nunca deixarei de analisar, até que descubra de modo satisfatório a base e o fundamento, o motivo real deles terem sido convertidos por meio daqueles passos.⁴

Todos esses registros revelam que Edwards preocupava-se com o fato de sua experiência de conversão não se encaixar no que lhe fora ensinado como o padrão normal. De acordo com a herança puritana, a conversão era “normalmente um processo árduo e não um momento isolado”,⁵ mas Edwards nunca experimentou uma prolongada agonia contra o pecado num período anterior à conversão. Como resultado, ele admitiu no registro acima, do dia 18 de dezembro, que geralmente não se sentia como um cristão. Conseqüentemente, temia que seu zelo religioso fosse apenas “afeições externas hipócritas” — uma atitude superficial e não salvífica para com Cristo, a qual até “homens perversos podem sentir”.

Por volta da mesma época, ele escreveu o seguinte, em seu diário:

Sexta-feira, 28 de maio. Parece-me que se eu sou convertido ou não, estou tão firmado na condição em que me encontro, que devo prosseguir nela por toda a minha vida. Contudo, por mais firmado que possa estar, ainda continuarei a orar a Deus para que não permita que eu esteja enganado quanto a isso e para que não me acomode numa condição perigosa. De vez em quando, questionarei tudo e provarei a mim mesmo, usando como auxílio alguns de nossos velhos teólogos, a fim de que Deus tenha oportunidades de responder às minhas orações e o Espírito de Deus me mostre meu erro, se estiver em algum erro.⁶

Com esse registro, o jovem Edwards revelou que não estava absolutamente certo de que era convertido. Mas acreditava que qualquer que fosse seu estado espiritual — “convertido ou não” — permaneceria no mesmo e não retrocederia ao seu modo antigo de vida. Contudo, continuaria a buscar a certeza sobre sua salvação. Primeiro, rogaria para que Deus não o deixasse ser enganado quanto à condição de sua alma. Em segundo lugar, ocasionalmente provaria ou testaria a si mesmo, de modo que Deus lhe mostrasse qualquer erro que estivesse cometendo em sua compreensão de sua condição espiritual. Ele sabia que não podia dar-se ao luxo de estar errado nesse ponto fundamental — a eternidade é longa demais e o lago de fogo é muito doloroso.

Em suma, as dúvidas de Edwards sobre o amor de Deus por ele tinham raízes nas suspeitas sobre *seu próprio* amor por Deus. Ele sabia que todos os crentes verdadeiros amam a Deus, portanto, concluiu que, se não amava a Deus supremamente, tinha motivos para questionar se possuía a fé salvífica. Edwards estava perdido quanto à razão dos puritanos insistirem em que a salvação sempre deve acontecer por meio de uma prolongada convicção e de um violento arrependimento. Por que ele foi convertido facilmente e por que lhe havia sido dado o conhecimento da doçura e beleza da santidade de Deus? A sua experiência era válida? Tal incerteza sobre seu estado espiritual necessitava de contínuo auto-exame. Ele estava

consciente da admoestação do apóstolo Paulo: “Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos” (2 Co 13.5a). Portanto, Edwards se propôs a examinar o seu interior, a fim de discernir se verdadeiramente havia nascido de novo.

PECADO EXPOSTO

Edwards também se propôs a examinar a si mesmo, a fim de desarraigar o pecado interior, de modo a cultivar a piedade. Ele estava bem consciente de que as ervas daninhas da iniquidade devem ser removidas se quisermos que as “agradáveis flores”⁷ da santidade se desenvolvam. Ser “verdadeiramente religioso”⁸ necessitava de uma análise regular de sua alma, para ver se havia perversidade a ser encontrada. Na resolução 37, Edwards escreveu:

37. Resolvi indagar todas as noites, quando estiver indo para a cama, em que fui negligente, que pecado cometi e em que situações neguei a mim mesmo; e fazer o mesmo ao final de cada semana, mês e ano (22 e 26 de dezembro de 1722).

Tão apaixonado era Edwards para ter uma vida parecida com a de Cristo, que se propôs a separar um tempo a cada noite para pensar sobre seu pecado. Nessa exploração da alma, ele consideraria primeiro em que havia sido “negligente” em seus deveres cristãos. Ele sabia que não devia ser relaxado, porque qualquer falha em observar um mandamento divino é pecado (Tg 4.17). Em segundo lugar, observaria que pecado havia cometido e prontamente o confessaria (1 Jo 1.9). Em terceiro lugar, investigaria em que havia se negado a carregar a sua cruz (Lc 9.23). O crescimento na santidade pessoal exigia vigilância em cada uma dessas áreas.

Edwards também tentou olhar adiante e prever que pecados ele poderia estar inclinado a cometer em várias situações. Ele escreveu: “Noite de quarta-feira, 9 de janeiro... Penso que seria vantajoso refletir a cada manhã sobre minhas ocupações e tentações, e sobre os pecados aos quais eu

estaria exposto naquele dia, e fazer uma resolução acerca de como aproveitar o dia e evitar aqueles pecados”.⁹

Edwards desejava ser extremamente específico em seu auto-escrutínio. Ele escreveu em seu diário: “Terça-feira, 10 de novembro. Quando estiver conversando, prestarei atenção a tudo que digo meramente para causar uma boa impressão sobre mim mesmo e o examinarei”.¹⁰ Edwards lutava contra o desejo de que os outros tivessem “uma boa impressão” dele. Conseqüentemente, prometeu prestar atenção — ou seja, observar cuidadosamente — *tudo* quanto dizia sobre si mesmo e que promovia a si mesmo. A forma de prevenir palavras egoístas era examinar esse tipo de afirmação e depois se arrepender, sempre que descobrisse um orgulho egoísta em seu falar.

Ele tinha a disposição de passar grande parte do tempo estudando seu coração. De fato, ele se propôs a parar dias inteiros para examinar a si mesmo:

11 de junho. Reservarei dias para meditar sobre assuntos em particular, assim como reservarei dias para estudar a enormidade dos meus pecados. Em outros momentos, estudarei o terror e a certeza da miséria futura dos homens descrentes, e a verdade e a certeza da fé, bem como das grandes coisas futuras e ameaçadoras, que são prometidas nas Escrituras.¹¹

Como vimos no capítulo 7, Edwards era comprometido com a meditação regular sobre vários assuntos, e isso incluía seu próprio pecado. Ele entendia que seu coração era enganoso (Jr 17.9) e que havia pontos em que ele era cego espiritualmente. Edwards tinha o compromisso de investir o tempo necessário para descobrir o pecado interior.

VIDA INSPECIONADA

Edwards não se contentava apenas em desarraigar o pecado e ter uma vida cristã medíocre. Queria se sobressair em sua caminhada com Cristo. Portanto, ele se dispôs a examinar sua vida em busca de formas de melhorar. Sabia que algumas decisões com as quais se defrontaria seriam entre o bem e o mal, mas outras seriam entre o bom e o melhor. Edwards era ávido por buscar o melhor, avançando para além do que é meramente bom. Com essa finalidade ele compôs sua quadragésima primeira resolução:

41. Resolvi perguntar a mim mesmo, ao final de cada dia, semana, mês e ano, em que aspecto poderia ter me saído melhor (11 de janeiro de 1723).

Com esse voto, Edwards se propôs a avaliar regularmente como poderia ter executado seus deveres cristãos de uma forma “melhor”. Essa auto-análise deveria ser abrangente: Edwards queria identificar maneiras de melhorar em todos os aspectos. Ele poderia ter orado mais efetivamente? Poderia ter estudado as Escrituras mais cuidadosamente? Poderia ter usado seu tempo mais estrategicamente? Poderia ter confessado seus pecados de forma mais completa? Eram perguntas desse tipo que Edwards fazia a si mesmo à medida que buscava a excelência em sua vida cristã.

Ao procurar se sobressair, Edwards recorreu ao auto-exame, a fim de detectar seu desempenho em qualquer tempo. Como vimos no capítulo 5, um padrão que Edwards usava para medir seu progresso era suas próprias “Resoluções”. Edwards desejava saber se a quebra de suas “Resoluções” estava em declínio ou em elevação, em determinadas épocas. Nesse plano de ação, vemos mais uma vez o intenso desejo de que sua vida espiritual

melhorasse. Calculando seu desempenho semanalmente, mensalmente e anualmente, ele procurou estimular seu crescimento espiritual de um nível de maturidade para o seguinte.

Edwards também usou vários capítulos das Escrituras para avaliar seu desempenho. Ele escreveu:

Manhã de sexta-feira, 27 de dezembro. Ao final de cada mês, examinarei rigidamente meu comportamento por meio de algum capítulo no Novo Testamento, mais especificamente composto por preceitos de vida. Ao final do ano examinarei meu comportamento, usando os preceitos do Novo Testamento, em geral, lendo muitos capítulos. Em algum momento no final do ano, também seria conveniente ler o livro de Provérbios com esse propósito.¹²

Ao comparar seu comportamento com o que lia em capítulos do Novo Testamento, que eram especialmente relevantes em termos de preceitos para a vida, esperava descobrir como estava se saindo e como poderia melhorar. Ele também escolheu o livro de Provérbios como uma porção particularmente útil das Escrituras para esse propósito.

DEVERES PROVADOS

Edwards resolveu fazer do auto-exame uma prioridade quando enfrentava períodos desagradáveis e difíceis. Ele entendia que Deus lhe havia dado obrigações que deveria desempenhar e queria ser fiel sempre. Portanto, dispunha-se a permitir que suas previsões acerca das dificuldades servissem como um sinal para examinar o desempenho de suas obrigações:

57. Resolvi que quando tiver medo de infortúnios e adversidades, examinarei se cumpro minha obrigação e decidirei cumpri-la, deixando que as coisas aconteçam conforme a providência as ordenarem. Até onde eu puder, não me preocuparei com nada além do meu dever e do meu pecado (9 de junho e 13 de julho de 1723).

Essa resolução parece indicar que Edwards percebeu que poderia ficar desorientado em meio às provações, perdendo de vista suas responsabilidades cristãs. Portanto, decidiu que nenhuma provação o distrairia ou o impediria de cumprir o seu dever. Decidiu que quando avistasse provações à frente, faria uma avaliação e, então, deixaria que as coisas acontecessem conforme a providência as ordenassem. Edwards sabia que, no fim, as provações eram mandadas pelo sábio e soberano Deus, para sua santificação e bem espiritual. Ele simplesmente desejava permanecer alerta e sensato durante esses períodos desafiadores.

Edwards considerava o cumprimento de seu dever cristão como algo de grande importância:

Manhã de quinta-feira, 4 de outubro de 1723. Hoje ficou seguro e estabelecido que Cristo Jesus me prometeu fielmente que, se eu fizer o que é

minha obrigação e de acordo com o melhor de minha prudência no assunto, minha condição neste mundo deverá ser melhor para mim do que qualquer outra condição e, melhor para meu bem-estar, por toda a eternidade.¹³

SENTIMENTOS MONITORADOS

Na resolução 60, Edwards estabeleceu outro sinal para o auto-exame. Ele escreveu:

60. Resolvi que me sujeitarei à mais rígida análise todas as vezes em que meus sentimentos começarem a parecer um pouco desordenados, quando eu estiver ciente da menor preocupação interior ou da menor irregularidade exterior (4 e 13 de julho de 1723).

O sinal de alerta aqui era os “sentimentos” de Edwards. Sempre que suas emoções estavam fora de forma “no mínimo que fosse”, ele se propunha a dedicar um tempo para entender a razão disso. Percebia que uma falta de paz interior serviria como um alarme de que algo estava errado dentro dele. Poderia ser que algum pecado, ainda não diagnosticado, estivesse causando uma falta de contentamento. Poderia ser que ele estivesse falhando em confiar em Deus, sendo, por isso, privado de sua alegria interior. Essas condições que alteram as emoções demandavam sua atenção, a fim de que pudesse fazer qualquer correção necessária.

A BUSCA PELA SANTIDADE

Nessas resoluções, descobrimos que Jonathan Edwards tinha um compromisso com o mais rigoroso auto-exame da vida cristã. Tal inspeção encerrava uma ampla série de atividades, desde a descoberta da autenticidade de sua salvação até a descoberta do pecado interior, à busca pelo melhor, em vez do bom, e à avaliação da atenção que ele tinha para com seus deveres. Ele enxergava toda essa auto-inspeção como espiritualmente saudável e crucial para o seu crescimento pessoal na graça.

O mesmo é verdade para cada crente. Somente por meio de um escrutínio regular de nós mesmos poderemos nos comprometer com a busca pela santidade pessoal o máximo possível. É de crucial importância que olhemos para nosso interior, examinando nossa alma e analisando nossas motivações, do jeito como Deus as faria conhecidas. Esse é o tipo de espiritualidade que Edwards procurou experimentar, e esse é o caráter autêntico que todos devemos buscar.

Devo concluir perguntando: Você está examinando a sua vida regularmente? Você está testando a si mesmo, para saber se está na fé? Você está procurando pecados em sua vida? Você está procurando evidências de seu crescimento espiritual? Você está considerando o cumprimento de seus deveres para com Deus? Que você seja fiel em seu auto-exame, observando o interior para estimular o crescimento exterior.

Apenas uma vida examinada é digna de ser vivida.

CONCLUSÃO

Soli Deo Gloria

Apesar da preocupação consigo mesmo, que a piedade puritana inevitavelmente requeria, Edwards tentava desesperadamente manter Deus à frente de sua consciência.¹

— GEORGE MARSDEN

Jonathan Edwards viveu com uma paixão motriz: *Soli Deo Gloria* — glória somente a Deus. Seu propósito principal em todas as coisas, seu abrangente alvo em tudo na vida, era trazer honra e majestade ao nome de Deus. Ele desejava exaltar a grandeza de Deus com cada fôlego que tomava e a cada passo que dava. Cada pensamento, cada atitude, cada escolha e cada tarefa *deveriam* ser para a glória de Deus.

Cada uma das setenta resoluções de Edwards estava centrada em sua paixão suprema pela honra de Deus. Mediante essas ambiciosas afirmações, Edwards seguiu sua paixão pela glorificação de Deus em todas as coisas. Sua visão centrada em Deus o impulsionava em todos os aspectos da vida.

Foi o Deus majestoso e santo em seu infinito ser, cuja soberania desconhece limites, cuja graça desconhece fronteiras, que Edwards manteve constantemente diante de seus olhos adoradores. Foi o Deus suficiente em si mesmo e todo-suficiente para seu povo que Edwards procurou agradar com todas as suas forças. Deus era a meta de Edwards na

vida cristã diária e a quem ele buscava com uma determinação radical e uma santa ambição. Entre todas as suas tarefas pastorais, Edwards permaneceu concentrado em Deus, que é o início, o meio e o fim de todas as coisas, a causa primária e o fim definitivo, e tudo o mais entre as duas coisas. O próprio Deus promoveu a sua glória como seu mais elevado objetivo, e Edwards, por semelhante modo, viveu, acima de tudo, para a glória de Deus.

Hoje, cerca de trezentos anos após a época de Edwards, há uma desesperada necessidade do surgimento de uma nova geração, que louve e promova a glória de nosso impressionante Deus, no cenário da história. Contemplar essa visão que cativa nossa alma, essa visão do todo-supremo, todo-soberano e todo-suficiente Deus, transforma as pessoas de modo a transformar suas vidas. É isso o que aprendemos de Edwards e é o que devemos experimentar em nossa própria vida. A nossa elevada teologia, centrada no próprio Deus, deve ser traduzida num viver cristão diário, de forma prática.

Que hoje Deus erga uma crescente multidão que se consuma no esforço de ser santa, assim como Ele é santo. Que Deus conceda à sua igreja um exército de seguidores de Cristo que seja radicalmente rendido e plenamente devotado a Ele. Que esse remanescente justo venha em tempo oportuno, em prol de outro Grande Avivamento, e que as “Resoluções” de Edwards sejam as pegadas seguidas por esse remanescente.

Soli Deo Gloria

As “Resoluções” de Jonathan Edwards

Sendo sensível ao fato de que sou incapaz de fazer qualquer coisa sem a ajuda de Deus, humildemente rogo-Lhe, pela sua graça, que me capacite a manter estas Resoluções até ao ponto em que elas sejam agradáveis à sua vontade, por amor a Cristo.

Lembre-se de ler estas Resoluções uma vez por semana.

1. Resolvi que farei tudo o que considerar ser mais importante para a glória de Deus e para o meu próprio bem, ganho e prazer, por todo o tempo que eu viver, sem levar em conta quando, quer seja agora ou num futuro muito distante. Resolvi fazer tudo que eu pensar ser o meu dever, principalmente para o bem e proveito da humanidade em geral. Resolvi fazer isso, sejam quais forem as dificuldades que eu encontre, ainda que muitas e grandes.
2. Resolvi me esforçar continuamente para descobrir novas formas e idéias para favorecer as coisas supracitadas.
3. Resolvi que se eu cair e me tornar insensível, de forma a negligenciar qualquer parte destas Resoluções, arrepender-me-ei de todas as coisas das quais puder me lembrar quando recobrar a lucidez.

4. Resolvi nunca fazer qualquer coisa, quer por meio da alma, quer por meio do corpo, nada mais, nada menos, que não glorifique a Deus; nem ser, nem sujeitar-me a tal coisa, se puder evitá-la.
5. Resolvi nunca perder um momento, mas aproveitar o tempo da forma mais vantajosa que puder.
6. Resolvi que enquanto estiver vivo, viverei com todas as minhas forças.
7. Resolvi nunca fazer qualquer coisa da qual eu devesse ter medo, caso esteja vivendo a última hora de minha vida.
8. Resolvi agir e falar, em todas as circunstâncias, como se ninguém fosse tão vil quanto eu, e como se tivesse cometido os mesmos pecados ou tivesse as mesmas fraquezas e defeitos das outras pessoas. Resolvi que deixarei que o conhecimento dos defeitos delas contribua apenas para que eu me envergonhe de mim mesmo e me permita uma ocasião para confessar meus próprios pecados e minha miséria a Deus.
9. Resolvi meditar bastante, em todas as ocasiões, sobre minha própria morte e sobre circunstâncias comuns relacionadas à morte.
10. Resolvi que ao sentir dor, pensarei nas dores do martírio e do inferno.
11. Resolvi que, ao pensar em qualquer problema teológico que precise ser esclarecido, farei imediatamente o que puder para esclarecê-lo, caso as circunstâncias não me impeçam de fazê-lo.
12. Resolvi que se eu sentir nisso deleite, como uma gratificação para o orgulho, para a vaidade ou para algo parecido, de imediato o eliminarei.

13. Resolvi esforçar-me por descobrir objetos apropriados de caridade e liberalidade.
14. Resolvi jamais fazer coisa alguma motivado por vingança.
15. Resolvi jamais experimentar qualquer das menores manifestações de ira em relação aos seres irracionais.
16. Resolvi jamais falar mal de qualquer pessoa, em qualquer grau de intensidade, ou em qualquer caso, de forma que haja a possibilidade de trazer-lhe desonra, a não ser que isso seja feito para bem real.
17. Resolvi que viverei do modo como desejaria ter vivido se estivesse no meu leito de morte.
18. Resolvi viver, em todo o tempo, da forma como acredito ser melhor, conforme os padrões de devoção que desenvolvo nos momentos em que tenho noções mais claras sobre o evangelho e o mundo vindouro.
19. Resolvi jamais fazer qualquer coisa da qual eu deva ter medo, no caso de não restar mais do que uma hora para eu ouvir a última trombeta.
20. Resolvi manter a mais rígida temperança no comer e beber.
21. Resolvi jamais fazer algo que se eu visse em outra pessoa, consideraria como uma justa ocasião para desprezá-la ou pensar mal dela.
22. Resolvi esforçar-me por obter toda a felicidade possível para mim no mundo vindouro, com todo o poder, vigor e com toda a veemência e impetuosidade de que sou capaz ou possa ter; de todos os modos que eu puder imaginar.

23. Resolvi que freqüentemente praticarei ações deliberadas para a glória de Deus, as quais pareçam improváveis de serem feitas. Depois analisarei as suas motivações iniciais, os seus desígnios e as suas finalidades, e as considerarei como uma violação da 4ª resolução, se descobrir que elas não foram feitas para a glória de Deus.
24. Resolvi que todas as vezes que praticar uma ação visivelmente má, analisarei a mesma até chegar a sua causa original e então me esforçarei cuidadosamente para não repeti-la, bem como para lutar e orar, com todas as minhas forças, contra o que a originou.
25. Resolvi examinar cuidadosa e constantemente o que é isso em mim, que me leva a duvidar, de alguma maneira, do amor de Deus, e direcionar todas as minhas forças para combater isso.
26. Resolvi livrar-me completamente daquilo que abate minha segurança.
27. Resolvi nunca me omitir em nada de livre vontade, a menos que essa omissão traga glória a Deus, e examinar minhas omissões freqüentemente.
28. Resolvi estudar as Escrituras do modo mais firme, constante e freqüente que puder, e perceber com clareza que estou crescendo no conhecimento delas.
29. Resolvi jamais considerar como uma oração, nem deixar passar despercebido um pedido de oração feito de uma forma que me impeça de esperar que Deus responda. Também não aceitarei como confissão algo que não possa esperar que Deus aceite.
30. Resolvi esforçar-me ao máximo, a cada semana, para atingir um patamar mais elevado no que se refere à religiosidade e ao exercício da

graça do que alcancei na semana anterior.

31. Resolvi nunca dizer coisa alguma contra alguém, exceto quando tal coisa se achar em pleno acordo com a mais elevada dignidade cristã e amor para com a humanidade, e em pleno acordo com o grau mais elevado de humildade e senso de meus próprios erros e falhas, bem como em pleno acordo com a Regra de Ouro, de tratar os outros como queremos ser tratados; e, sempre que disser qualquer coisa contra alguém, resolvi examiná-la rigorosamente à luz desta resolução.
32. Resolvi ser estrita e firmemente fiel à minha confiança de que a afirmação de Provérbios 20.6: “Mas o homem fidedigno, quem o achará?” não pode ser cumprida nem mesmo parcialmente a meu respeito.
33. Resolvi sempre fazer o possível para promover, manter e estabelecer a paz, desde que isso não seja feito em detrimento de outras áreas da vida cristã (26 de dezembro de 1722).
34. Resolvi não falar coisa alguma que não seja a pura e simples verdade.
35. Resolvi que todas as vezes que minha serenidade e tranqüilidade forem perturbadas pelo fato de questionar se cumpri todo meu dever, avaliarei meu questionamento e, depois, verificarei como tal problema foi resolvido (18 de dezembro 1722).
36. Resolvi jamais falar mal de alguém, a menos que tenha um motivo especificamente bom para isso (19 de dezembro de 1722).
37. Resolvi indagar todas as noites, quando estiver indo para a cama, em que fui negligente, que pecado cometi e em que situações neguei a

mim mesmo; e fazer o mesmo ao final de cada semana, mês e ano (22 e 26 de dezembro de 1722).

38. Resolvi jamais dizer qualquer coisa que seja ridícula ou motivo de risadas, no dia do Senhor (Noite de domingo, 23 de dezembro de 1722).
39. Resolvi jamais fazer coisas cuja legitimidade eu questione e, ao mesmo tempo, considerá-las e examiná-las mais tarde, a fim de saber se elas são lícitas ou não, a menos que eu já tenha questionado a legitimidade de omití-las.
40. Resolvi indagar, todas as noites antes de ir para a cama, se agi da melhor maneira que eu poderia ter agido em relação a comer e beber (7 de janeiro de 1723).
41. Resolvi perguntar a mim mesmo, ao final de cada dia, semana, mês e ano, em que aspecto poderia ter me saído melhor (11 de janeiro de 1723).
42. Resolvi freqüentemente renovar a dedicação de mim mesmo a Deus, a qual fiz em meu batismo e solenemente renovei quando fui recebido na comunhão da igreja; e a qual refiz solenemente neste dia 12 de janeiro, 1722-23.
43. Resolvi que a partir de hoje, até que eu morra, nunca mais agirei como se, de algum modo, pertencesse a mim mesmo, mas, como se pertencesse inteiramente a Deus, de acordo com a disposição em mim encontrada em 12 de janeiro de 1723, sábado.
44. Resolvi que nenhum outro objetivo que não seja religioso terá qualquer influência sobre minhas ações, e que, em circunstância

alguma, nenhuma ação que não possua propósitos religiosos será concretizada (12 de janeiro de 1723).

45. Resolvi nunca me permitir ter qualquer sentimento de prazer ou dor, alegria, tristeza; nenhum grau de sentimento ou circunstância alguma relacionada aos sentimentos, senão unicamente aquilo que sirva de auxílio à minha fé (12 e 13 de janeiro de 1723).
46. Resolvi jamais permitir que meu pai e minha mãe tenham a menor medida de inquietação por minha causa. Resolvi não permitir que eles experimentem os efeitos dessa inquietação, quer seja pela menor alteração no meu tom de voz ou por um movimento de meus olhos, e resolvi ser especialmente cuidadoso no tocante a essas coisas, em relação a qualquer pessoa de nossa família.
47. Resolvi esforçar-me ao máximo para rejeitar qualquer coisa que não esteja em conformidade com um temperamento bom, universalmente doce, benevolente, quieto, pacífico, satisfeito, afável, compassivo, generoso, humilde, manso, modesto, submisso, amável, diligente, trabalhador, caridoso, justo, paciente, moderado, perdoador e sincero. E resolvi fazer, em todas as ocasiões, o que tal temperamento me leve a fazer e analisar rigorosamente se tenho feito isso, todas as semanas (Manhã do dia do Senhor, 5 de maio de 1723).
48. Resolvi olhar constantemente, com a maior exatidão e diligência, e o mais rigoroso escrutínio, o estado da minha alma, de modo que eu saiba se realmente tenho um interesse em Cristo ou não; a fim de que, ao morrer, eu não tenha negligência alguma da qual me arrepender em relação a esse assunto (26 de maio de 1723).
49. Resolvi que tal coisa nunca acontecerá, se eu puder evitar.

50. Resolvi que agirei da forma que julgar ser a melhor e a mais prudente quando chegar ao mundo vindouro (5 de julho de 1723).
51. Resolvi que agirei, em todos os sentidos, como penso que desejaria ter agido se me achasse numa situação de condenação eterna (8 de julho de 1723).
52. Frequentemente ouço as pessoas idosas dizerem como teriam vivido, se pudessem voltar ao início de sua vida novamente. Resolvi que viverei da forma como desejarei ter vivido no caso de chegar a uma idade avançada (8 de julho de 1723).
53. Resolvi que quando eu me achar na melhor e mais feliz disposição mental, aprimorarei cada oportunidade, a fim de entregar ao Senhor Jesus a minha alma, confiar nEle e consagrar-me inteiramente a Ele; para que eu possa ter a certeza de minha segurança, sabendo que confio no meu Redentor (8 de julho de 1723).
54. Sempre que eu ouvir um elogio a qualquer pessoa, sobre algo que creio que também seria louvável em mim, resolvi que me esforçarei para imitá-la (8 de julho de 1723).
55. Resolvi me esforçar ao máximo para agir como creio que agiria, caso já tivesse visto a felicidade celestial e os tormentos do inferno (8 de julho de 1723).
56. Resolvi nunca ceder, o mínimo que seja, para diminuir minha luta contra minhas corrupções, por mais mal-sucedido que eu venha a ser.
57. Resolvi que quando tiver medo de infortúnios e adversidades, examinarei se cumpri minha obrigação e decidirei cumpri-la, deixando que as coisas aconteçam conforme a providência as

ordenarem. Até onde eu puder, não me preocuparei com nada além do meu dever e do meu pecado (9 de junho e 13 de julho de 1723).

58. Resolvi não só me abster de um ar de antipatia, mau humor e raiva enquanto converso, mas também exibir um aspecto de amor, alegria e bondade (27 de maio e 13 de julho de 1723).
59. Resolvi que ao ter consciência das provocações que conduzam a uma má índole e à ira, que esforçar-me-ei para sentir e agir como uma pessoa de boa índole; sim, em tempos como esses, manifestarei uma boa índole, embora eu pense que isso seria desvantajoso em outras circunstâncias, bem como, imprudente em outras ocasiões (12 de maio, 11 e 13 de julho).
60. Resolvi que me sujeitarei à mais rígida análise todas as vezes em que meus sentimentos começarem a parecer um pouco desordenados, quando eu estiver ciente da menor preocupação interior ou da menor irregularidade exterior (4 e 13 de julho de 1723).
61. Resolvi não ceder à desatenção, a qual percebo que deixa minha mente à vontade e relaxada, impedindo-a de manter-se plena e definitivamente inclinada à fé; seja qual for a desculpa que eu tenha para essa falta de atenção — a fim de que minha mente me incline a fazer o melhor a ser feito (21 de maio e 13 de julho de 1723).
62. Resolvi jamais fazer coisa alguma além do meu dever; e então, de acordo com Efésios 6.6-8, fazer o que é minha obrigação, com disposição e alegria, “como ao Senhor e não como a homens, certo de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor” (25 de junho e 13 de julho 1723).

63. Supondo que jamais tenha existido um único indivíduo no mundo que, ao mesmo tempo, pudesse ser inerentemente um cristão completo, com um caráter correto em todos os sentidos, que mantivesse o seu Cristianismo sempre brilhando com verdadeiro esplendor e que parecesse excelente e amável em todos os aspectos observáveis de seu caráter, resolvi agir como deveria agir, se eu lutasse com todas as minhas forças para ser esse cristão em meu tempo (14 de janeiro e 3 de julho de 1723).
64. Resolvi que ao encontrar aqueles “gemidos inexprimíveis” dos quais o apóstolo fala (Rm 8.26) e aquela alma consumida “por desejar incessantemente” os juízos de Deus, a qual o salmista descreve (Sl 119.20), usarei todo o meu vigor para promovê-los e não me cansarei de me esforçar, com sinceridade, para dar expressão aos meus desejos, nem me cansarei de repetir tal sinceridade (23 de julho e 10 de agosto de 1723).
65. Resolvi me exercitar nisto durante toda a minha vida, com toda a franqueza que é possível, ou seja, em declarar meus caminhos a Deus e abrir a minha alma a Ele: todos os meus pecados, tentações, dificuldades, tristezas, medos, esperanças, desejos e tudo em cada circunstância. Tal como o Dr. Manton diz em seu 27º sermão, baseado no Salmo 119 (26 de julho e 10 de agosto, 1723).
66. Resolvi que sempre me esforçarei para manter um aspecto e um ar benigno ao agir e falar, em todos os lugares, em qualquer tipo de companhia, a menos que o meu dever exija o contrário.
67. Resolvi, após passar por situações aflitivas, que avaliarei em que elas me tornaram melhor; que bem tirei delas e o que eu poderia ter aproveitado das mesmas.

68. Resolvi confessar a mim mesmo, com franqueza, tudo o que eu achar em mim mesmo, tanto os pecados quanto as fraquezas, e se essas coisas estiverem relacionadas à minha religiosidade, resolvo confessar tudo a Deus e implorar pela necessária ajuda dele. Dia 23 de julho e 10 de agosto de 1723.
69. Resolvi sempre fazer tudo aquilo que eu certamente desejaria ter feito, quando eu vir isto sendo feito por outras pessoas (11 de agosto de 1723).
70. Que haja algo de benevolente em tudo o que eu falar (17 de agosto, 1723).

PREFÁCIO

1. VAUGHN, David. A Divine Light: The Spiritual Leadership of Jonathan Edwards. Nashville: Cumberland House, 2007. p.156.

CAPÍTULO 1

1. LLOYD-JONES, D. Martyn. Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores. São Paulo, SP: PES, 1993.

2. GERSTNER, John. Jonathan Edwards: A Mini-Theology. Morgan, Pa.: Soli Deo Gloria, 1987, 1996. p.13.

3. BEEKE, Joel R.; Pederson, Randall J.. Meet the Puritans. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2006. p. 204.

4. GERSTNER, John. Jonathan Edwards: A Mini-Theology. Morgan, Pa.: Soli Deo Gloria, 1987, 1996. p.13.

5. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p.1.

6. WARFIELD, Benjamin B. The Works of Benjamin B. Warfield. Grand Rapids: Baker, 1991. p. 9:515.

7. KUIPER, B. K. The Church in History. Grand Rapids: Eardmans, 1951. p. 419.

8. NOLL, Mark . “Jonathan Edwards” in Evangelical Dictionary of Theology. Elwell, Walter A. (Ed.). Grand Rapids: Baker, 1984. p.366.
9. NICHOLS, Stephen J. “Jonathan Edwards: His Life and Legacy” in A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards. Piper John; Taylor, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 43.
10. NOLL, Mark . “Jonathan Edwards” in Evangelical Dictionary of Theology. Elwell, Walter A. (Ed.). Grand Rapids: Baker, 1984. p.366.
11. DANIEL, Curt. The History and Theology of Calvinism. Dallas, TX: Scholarly Reprints, 1993. p. 99.
12. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p.1.
13. SPROUL, R. C.. Book jacket. The Freedom of the Will. Morgan, Pa.: Soli Deo Gloria, 1996.
14. RAMSEY, Paul. “Editor’s Introduction” in Edwards, Jonathan. Freedom of the Will. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 1957, 1985. p. 2.
15. Para informações adicionais, veja Dodds, Elisabeth D. Marriage to a Difficult Man: The Uncommon Union of Jonathan and Sarah Edwards. Philadelphia: Westminster Press, 1976. p. 202-214.
16. HOUGHTON, S. M.. Sketches from Church History. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1980, 2001. p.182.
17. PEARSE, Meic. The Age of Reason: From the Wars of Religion to the French Revolution. Grand Rapids: Baker, 2006. p. 342.
18. STOUT, Harry S. apud Nichols, Stephen J.. Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 17.

19. LLOYD-JONES, D. Martyn. Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores. São Paulo, SP: PES, 1993.
20. Ibid.
21. Ibid.
22. VAUGHN, David. A Divine Light: The Spiritual Leadership of Jonathan Edwards. Nashville: Cumberland House, 2007. p. 144.
23. NICHOLS, Stephen J.. "Jonathan Edwards: His Life and Legacy" in A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards. Piper John; Taylor, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 30.
24. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p 744.
25. Ibid.
26. EDWARDS, Jonathan. "Personal Narrative" apud Murray, Iain. Jonathan Edwards: A New Biography. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1987. p. 35-36.
27. Ibid.
28. EDWARDS, Jonathan. Apud Larsen, Dale; Larsen, Sandy. Jonathan Edwards: Renewed Heart. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2002. p. 8.
29. NICHOLS, Stephen J.. Jonathan Edwards' Resolutions and Advice to Young Converts. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 5.
30. MARSDEN, George. "Biography" in The Cambridge Companion to Jonathan Edwards. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p. 25.
31. PACKER, J. I.. "The Glory of God in the Reviving of Religion" in A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards. PIPER,

John; TAYLOR, Justin (Eds.). Wheaton, IL: Crossway, 2004. p. 84.

32. Ibid.

33. LANE, Tony. A Concise History of Christian Thought. Grand Rapids: Baker, 2006. p. 188.

34. OLSON, Roger E. História da Teologia Cristã. São Paulo, SP: Editora Vida, 2000.

35. Ibid.

36. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 40.

37. KUIPER, B. K. The Church in History. Grand Rapids: Eardmans, 1951. p.420.

38. HOLMES, Stephen R. "A Mind on Fire" in Christian History. Issue 77, 2003 apud Nichols, Stephen J.

39. EDWARDS, Jonathan. "A Faithful Narrative of the Surprising Work of God" in The Works of Jonathan Edwards. V. 4: The Great Awakening. Goen, C. C. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1972. p. 151.

40. KUIPER, B. K. The Church in History. Grand Rapids: Eardmans, 1951. p. 420.

41. SHELLEY, Bruce L.. "The Great Awakening" in The New International Dictionary of the Christian Church. Douglas, J. D. (Ed.). Grand Rapids: Zondervan, 1974, 1978. p. 429.

42. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 222.

43. EDWARDS, Jonathan. "The Distinguishing Marks of a Work of the Spirit of God" in The Woks of Jonathan Edwards. V. 4. London: Yale University Press. p. 54

44. STORMS, Samuel. Signs of the Spirit: An Interpretation of Jonathan Edwards' Religious Affections. Wheaton, Ill.: Crossway 2007. p. 21.
45. BEEKE, Joel R. ; Pederson, Randall J.. Meet the Puritans. Grand Rapids, MI: Reformation Heritage Books, 2006. p. 226.
46. NICHOLS, Stephen J.. Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p.580.
47. MARSDEN, George. "Biography" in The Cambridge Companion to Jonathan Edwards. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p.33.
48. Ibid.
49. NICHOLS, Stephen J.. Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 60.
50. DEVER, Mark in "How Jonathan Edwards Got Fired, and Why It's Important for us Today" in Nichols, Stephen J.. in A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards. Piper, John; Taylor, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 133.
51. EDWARDS, Jonhathan apud Nichols, Stephen J.. Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p.61.
52. DEVER, Mark in "How Jonathan Edwards Got Fired, and Why It's Important for us Today" in Nichols, Stephen J.. in A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards. Piper, John; Taylor, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 129.
53. BEEKE, Joel R.; Pederson, Randall J.. Meet the Puritans. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2006. p.203.
54. EDWARDS, Jonathan apud Dodds, Elisabeth D.. Marriage to a Difficult Man: The Uncommon Union of Jonathan and Sarah Edwards. Philadelphia: Westminster Press, 1976. p.160.

55. DWIGHT, Sereno E.. “Memoir” in Edwards, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p. 178.
56. NOLL, Mark . “Jonathan Edwards” in Evangelical Dictionary of Theology. Elwell, Walter A. (Ed.). Grand Rapids: Baker, 1984. p. 366.
57. PIPER, John. A Paixão de Deus por sua Glória: Vivendo a Visão de Jonathan Edwards. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2008.

CAPÍTULO 2

1. PIPER, John. A Paixão de Deus por sua Glória: Vivendo a visão de Jonathan Edwards. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008. p. 52.
2. DWIGHT, Sereno E.. “Memoir” in EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p. xi.
3. Ibid.
4. CLAGHORN, George S.. “Introduction” in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. “Letters and Personal Writings”. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 741.
5. Ibid.
6. LESSER, M. X.. Reading Jonathan Edwards: An Annotated Bibliography in Three Parts, 1729-2005. Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans, 2008. p. 245.
7. NICHOLS, Stephen J.. Jonathan Edwards’ Resolutions and Advice to Young Converts. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 5.
8. EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 14, Sermons and discourses, 1723-1729. Minkema, Kenneth P. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1997. p. 60-66.

9. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. London: Yale University Press. V. 16. p. 759.
10. DWIGHT, Sereno E.. "Memoir" in EDWARDS, Jonathan. *The Works of Jonathan Edwards*. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p. xxiv.
11. STORMS, Samuel. *Signs of the Spirit: An Interpretation of Jonathan Edwards' Religious Affections*. Wheaton, Ill.: Crossway 2007. 217.
12. NICHOLS, Stephen J.. *Jonathan Edwards' Resolutions and Advice to Young Converts*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 11.
13. Ibid.
14. MURRAY, Iain. *Jonathan Edwards: A New Biography*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1987. p. 42.
15. MINKEMA, Kenneth P.. "Personal Writings" in *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards*. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p. 40.
16. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 741.
17. Ibid. p. 742.
18. As virtudes de Benjamin Franklin estão listadas em sua autobiografia. Essa obra foi originalmente publicada em Paris como *Memoires De La Vie Privee*, um ano após a morte de Franklin. Foi publicada dois anos depois, em inglês, como *The Private Life of the Late Benjamin Franklin*, LL.D (1793). Hoje é conhecida como *The Autobiography of Benjamin Franklin* e no Brasil, como *A Autobiografia de Benjamin Franklin*.
19. FRANKLIN, Benjamin. *A Autobiografia de Benjamin Franklin*. Coleção Clássicos da Democracia. São Paulo: Editora Ibrasa, 1963.

20. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 743.
21. Ibid. 742-743.
22. MINKEMA, Kenneth P.. "Personal Writings" in *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards*. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p. 40.
23. Ibid.
24. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 741.
25. MINKEMA, Kenneth P.. "Personal Writings" in *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards*. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p. 40.
26. MARSDEN, George. *Jonathan Edwards: A Life*. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 50.
27. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 743.
28. NICHOLS, Stephen J.. *Jonathan Edwards' Resolutions and Advice to Young Converts*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 5.
29. MURRAY, Iain. *Jonathan Edwards: A New Biography*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1987. p. 42.
30. GURA, Philip F.. *Jonathan Edwards: America's Evangelical*. New York: Hill and Wang, 2005. p. 31.

31. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 741.
32. Ibid.
33. Ibid.
34. NICHOLS, Stephen J.. *Jonathan Edwards' Resolutions and Advice to Young Converts*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 5.
35. SCHAFER, Thomas A.. "Editor's Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 13. *The Miscellanies* (Entry Nos. 1-z, aa-zz, 1-500). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1996. p. 39.
36. Ibid.
37. GONZALEZ, Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo*. V. 3. *Da Reforma Protestante ao Século XX*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
38. NOLL, Mark. "Jonathan Edwards, Moral Philosophy and the Secularization of American Christian Thought" in *Reformed Journal*, 33. February 1983. p. 26.
39. PACKER, J. I. "The Glory of God in the Reviving of Religion" in *A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards*. PIPER, John; TAYLOR, Justin (Eds.). Wheaton, IL: Crossway, 2004. p. 86.
40. MORRIS, William S.. *The Young Jonathan Edwards: A Reconstruction*. Eugene, Ore.: Wipf & Stock, 2005. p. 44.
41. "The Shorter Catechism" in *The Westminster Confession of Faith*. Atlanta: Committee for Christian Education & Publication, 1990. p. 3
42. Ibid.
43. MORRIS, William S.. *The Young Jonathan Edwards: A Reconstruction*. Eugene, Ore.: Wipf & Stock, 2005. p. 44.

44. Ibid. 45.

45. MINKEMA, Kenneth P. "Personal Writings" in *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards*. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p. 40.

46. Ibid.

47. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 744.

48. MURRAY, Iain. *Jonathan Edwards: A New Biography*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1987.

49. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 743.

50. NICHOLS, Stephen J.. *Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p.39.

51. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 743.

52. NICHOLS, Stephen J.. *Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p.39.

53. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1972. p. 759.

54. Ibid. p. 765.

55. NICHOLS, Stephen J.. *Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p.39.

56. MURRAY, Iain. Jonathan Edwards: A New Biography. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1987. p. 42.

57. Ibid. p. 50.

58. STORMS, Samuel. Signs of the Spirit: An Interpretation of Jonathan Edwards' Religious Affections. Wheaton, Ill.: Crossway 2007. p. 155.

CAPÍTULO 3

1. DEWITT, John. "Jonathan Edwards: A Study" in Biblical and Theological Studies. Birmingham, Ala.: Solid Ground Christian Books, 1912, 2003. p. 126.

2. DANIEL, Curt. The History and Theology of Calvinism. Dallas, TX: Scholarly Reprints, 1993. p. 99.

3. DWIGHT, Sereno E.. "Memoir" in EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p. xx.

4. NICHOLS, Stephen J.. Jonathan Edwards' Resolutions and Advice to Young Converts. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 10.

5. Essa verdade sobre a fraqueza do crente é ensinada em várias passagens: João 15.5, Romanos 7.15-23; 2 Coríntios 3.5a, 12.9-10 e Gálatas 3.3; 5.17.

6. DWIGHT, Sereno E.. "Memoir" in EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p. xx.

7. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 760.

8. Ibid. p. 761.

9. Ibid. p. 764-765.

10. Ibid. p. 767.

11. A verdade de que o crente deve rogar a Deus para capacitá-lo a cumprir os deveres da vida cristã é ensinada em Efésios 1.18-23, 3.20-21 e em Colossenses 1.9-11.

12. Essa verdade da suficiência do poder de Deus, capacitando o crente a viver a vida cristã de uma maneira que agrada a Deus é ensinada em João 15.4-5; Atos 1.8, 1 Coríntios 12.6, 15.10; 2 Coríntios 2.14, 3.5, 12.9-10; Efésios 3.20-21, 5.18; Filipenses 1.6, 2.13 e Colossenses 1.29.

13. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. Vl. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 741.

14. NICHOLS, Stephen J.. Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 38.

15. DWIGHT, Sereno E.. "Memoir" in EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p. xx.

16. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16: Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 760.

17. Ibid. p. 764.

18. MORRIS, William S.. The Young Jonathan Edwards: A Reconstruction. Eugene, Ore.: Wipf & Stock, 2005. p. 44.

19. Essa verdade fundamental é ensinada nas Escrituras em vários lugares: Salmos 40.8, Mateus 6.10, 26.39-42; Lucas 22.42; João 4.34, 5.30, 6.38; Atos 21.14; Romanos 12.1-2 e Colossenses 1.9.

20. STORMS, Samuel. Signs of the Spirit: An Interpretation of Jonathan Edwards' Religious Affections. Wheaton, Ill.: Crossway 2007. p. 182.

21. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 53.

22. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16: *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 762.
23. Ibid.
24. VAUGHN, David. *A Divine Light: The Spiritual Leadership of Jonathan Edwards*. Nashville: Cumberland House, 2007. p. 32.
25. Essa ênfase na busca da glória de Cristo em todas as coisas é asseverada em toda a Escritura: Mateus 17.5; João 5.23, 13.31-32; Romanos 1.4-5; 1 Coríntios 15.28, Filipenses 2.9-11 e Colossenses 1.18.
26. NICHOLS, Stephen J.. *Jonathan Edwards: A Guided Tour of His Life and Thought*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 156.
27. NICHOLS, Stephen J.. *Jonathan Edwards' Resolutions and Advice to Young Converts*. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 10.
28. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 729.
29. Ibid. p. 760.
30. Ibid. p. 761.
31. EDWARDS, Jonathan. "Personal Narrative" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 800.
32. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in EDWARDS, Jonathan. *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 741.
33. Ibid. p.

34. DANIEL, Curt. The History and Theology of Calvinism. Dallas, TX: Scholarly Reprints, 1993. p. 99.

35. Esse princípio de auto-análise para o crente é ensinado nas seguintes passagens: Salmos 17.3, 26.2, 139.23-24; Provérbios 4.23; 1 Coríntios 11.28; 2 Coríntios 13.5 e Gálatas 6.4.

36. NICHOLS, Stephen J.. Jonathan Edwards' Resolutions and Advice to Young Converts. Phillipsburg, N. J.: P&R, 2001. p. 11.

37. Gerstner, John H. The Rational Biblical Theology of Jonathan Edwards. V. 1. Powhatan, Va.: Berea Publications, 1991. p. 13.

38. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 760.

39. Ibid. p. 772.

CAPÍTULO 4

1. BOICE, James Montgomery; Ryken, Philip Graham. The Doctrines of Grace: Rediscovering the Evangelical Gospel. Wheaton, IL: Crossway Books, 2002. p. 49.

2. EDWARDS, Jonathan. "Dissertation on the End for Which God Created the World" in The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1834, 1979. p. 119.

3. EDWARDS, Jonathan. "Personal Narrative" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 795.

4. GURA, Philip F. Jonathan Edwards: America's Evangelical. New York: Hill and Wang, 2005. p. 31.

5. The New Shorter Oxford English Dictionary. Oxford/New York: Oxford University Press, 1933, 1993. V. 2. p. 2563-2564.
6. CLAGHORN, George S.. "Introduction" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. "Letters and Personal Writings". New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 741.
7. DWIGHT, Sereno E.. "Memoir" in EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p. xi.
8. Ibid. p. xxiii.
9. VAUGHN, David. A Divine Light: The Spiritual Leadership of Jonathan Edwards. Nashville: Cumberland House, 2007. p. 203.
10. DWIGHT, Sereno E.. "Memoir" in EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p. xxiii.
11. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 763.
12. Ibid.
13. HOLMES, Stephen R.. God of Grace and God of Glory: An Account of the Theology of Jonathan Edwards. Grand Rapids: Eerdmans, 2000, 2001. p. 12.
14. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 770.
15. Ibid. p. 775-776.
16. Ibid. p. 778.

CAPÍTULO 5

1. VAUGHN, David. A Divine Light: The Spiritual Leadership of Jonathan Edwards. Nashville: Cumberland House, 2007. p. 153.
2. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 45.
3. MURRAY, Iain. Jonathan Edwards: A New Biography. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1987. p. 41.
4. Ibid. p. 42.
5. Ibid.
6. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 45.
7. Ibid.
8. EDWARDS, Jonathan. "Personal Narrative" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 796.
9. Ibid.
10. Ibid.
11. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 769.
12. Ibid. p. 761.
13. Ibid. p. 765.
14. Ibid. p. 767.
15. EDWARDS, Jonathan. "Personal Narrative" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 803.

16. Ibid. p. 802.
17. Ibid. p. 803.
18. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 766.
19. Ibid.
20. Ibid. 777.
21. Ibid. 764.
22. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 56.
23. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 776.
24. Ibid. p. 775.
25. Ibid. p. 761.
26. Ibid. p. 778.
27. EDWARDS, Jonathan. "Personal Narrative" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 802.

CAPÍTULO 6

1. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 490.
2. WHITNEY, Donald S.. "Pursuing a Passion for God Through Spiritual Disciplines: Learning from Jonathan Edwards" in A God-Entranced Vision

of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards. Piper, John; Taylor, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 123-124.

3. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 51.

4. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 783.

5. Ibid. p. 761.

6. Ibid. p. 780.

7. Ibid. p. 784.

8. Ibid. p. 774.

9. Ibid. p. 761.

10. Ibid. p. 769.

11. STEIN, Stephen J.. "Introduction" in EDWARDS, Jonhathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 5. Apocalyptic Writings. New Haven, Conn.: Yale University press, 1977. p. 1.

12. GERSTNER, John H. The Rational Biblical Theology of Jonathan Edwards. V. 1. Powhatan, Va.: Berea Publications, 1991. p. 484.

13. Ibid.

14. EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 9. A History of the Work of Redemption. Wilson, John F. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1989. p. 494-495.

15. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 768.

CAPÍTULO 7

1. PIPER, John. A Paixão de Deus por sua Glória: Vivendo a visão de Jonathan Edwards. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.
2. CLAGHORN, George S.. “Introduction” in EDWARDS, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 16. “Letters and Personal Writings”. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 741.
3. Ibid.
4. EDWARDS, Jonathan. “Personal Narrative” in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 792.
5. GURA, Philip F. Jonathan Edwards: America’s Evangelical. New York: Hill and Wang, 2005. p. 33.
6. Ibid. p. 35.
7. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p.53.
8. EDWARDS, Jonathan. “Diary” in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 764.
9. Ibid. p. 767.
10. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 251.
11. Ibid. p. 51.
12. PIPER, John. A Paixão de Deus por sua Glória: Vivendo a visão de Jonathan Edwards. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

13. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 784-785.
14. Ibid. p. 785.
15. Ibid. p. 772.
16. Ibid. p. 786.
17. Ibid. p. 761.
18. Ibid. p. 763.
19. Ibid. p. 789.
20. MARSDEN, George. *Jonathan Edwards: A Life*. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 133.
21. PIPER, John. *A Paixão de Deus por sua Glória: Vivendo a visão de Jonathan Edwards*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.
22. WHITNEY, Donald S.. "Pursuing a Passion for God through Spiritual Disciplines: Learning from Jonathan Edwards" in *A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards*. PIPER, John; TAYLOR, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 110.
23. HAYKIN, Michael A. G.. *A Sweet Flame: Piety in the Letters of Jonathan Edwards*. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2007. p. 5.
24. Ibid. p. 7.
25. HOPKINS, Samuel. "The Life and Character of the Late Reverend Mr. Jonathan Edwards" in *Jonathan Edwards: A Profile*. Levin, David (Ed.). New York: Hill and Wang, 1969. p. 40-41.
26. HAYKIN, Michael A. G.. *A Sweet Flame: Piety in the Letters of Jonathan Edwards*. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2007. p.

4.

27. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 785-786.

28. Ibid. p. 779.

29. Ibid. p. 801.

30. Ibid. p. 797.

31. Ibid. p. 779.

32. Ibid. p. 780.

33. HOPKINS, Samuel. "The Life and Character of the Late Reverend Mr. Jonathan Edwards" in *Jonathan Edwards: A Profile*. Levin, David (Ed.). New York: Hill and Wang, 1969. p. 39.

34. HAYKIN, Michael A. G.. *A Sweet Flame: Piety in the Letters of Jonathan Edwards*. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2007. p. 6.

35. WHITNEY, Donald S.. "Pursuing a Passion for God through Spiritual Disciplines: Learning from Jonathan Edwards" in *A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards*. PIPER, John; TAYLOR, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 113.

36. Ibid.

37. HAYKIN, Michael A. G.. *A Sweet Flame: Piety in the Letters of Jonathan Edwards*. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2007. p. 6.

38. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 797.

39. Ibid. p. 789.

40. WHITNEY, Donald S.. "Pursuing a Passion for God through Spiritual Disciplines: Learning from Jonathan Edwards" in *A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards*. PIPER, John; TAYLOR, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 115.

41. Ibid. p. 114.

42. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 769.

43. "A Resolução da Quarta-feira" foi o apelido que Edwards deu à resolução 16. Veja capítulo 8.

44. Ibid. p. 770-771.

45. WHITNEY, Donald S.. "Pursuing a Passion for God through Spiritual Disciplines: Learning from Jonathan Edwards" in *A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards*. PIPER, John; TAYLOR, Justin (Eds.). Wheaton, Ill.: Crossway, 2004. p. 115-116.

46. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 769.

47. Ibid. p. 759.

48. Ibid. p. 760.

49. Ibid.

50. Ibid. p. 759.

51. Ibid. p. 760.

CAPÍTULO 8

1. SPROUL, R. C.. "Foreword" in *Altogether Lovely: Jonathan Edwards on the Glory and Excellency of Jesus Christ*. Morgan, Pa: Soli Deo Gloria, 1997. p. v.
2. MARSDEN, George. *Jonathan Edwards: A Life*. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 37.
3. PACKER, J. I.. "The Glory of God in the Reviving of Religion" in *A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards*. PIPER, John; TAYLOR, Justin (Eds.). Wheaton, IL: Crossway, 2004. p. 82.
4. DODDS, Elisabeth D.. *Marriage to a Difficult Man: The Uncommon Union of Jonathan and Sarah Edwards*. Philadelphia: Westminster Press, 1976. p. 71.
5. EDWARDS, Jonathan. "Personal Narrative" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. Claghorn, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 799.
6. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. CLAGHORN, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 779.
7. Ibid. p. 788.
8. MINKEMA, Kenneth P.. "Personal Writings" in *The Cambridge Companion to Jonathan Edwards*. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p. 42.
9. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in *The Works of Jonathan Edwards*. V. 16. *Letters and Personal Writings*. CLAGHORN, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 780-781.
10. MARSDEN, George. *Jonathan Edwards: A Life*. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 36-37.
11. Ibid. p. 37.

12. Ibid. p. 38.

13. Ibid.

14. EDWARDS, Jonathan. “Diary” in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. CLAGHORN, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 779-780.

15. Ibid. p. 774.

16. Ibid. p. 787.

17. Ibid. p. 769.

18. MINKEMA, Kenneth P.. “Personal Writings” in The Cambridge Companion to Jonathan Edwards. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p. 770.

19. EDWARDS, Jonathan. “Diary” in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. CLAGHORN, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 770

20. Ibid. p. 787.

21. Ibid. p. 768.

22. Ibid. p. 777.

23. Ibid. p. 787. A palavra “copiam”, que aparece em colchetes nessa citação está no lugar de “espreitam”, que é usada na edição de Yale. A palavra “copiam” aparece na edição da Banner of Truth Trust, na obra The Works of Jonathan Edwards. V. 1. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1834, 1979. p. xxxv.

24. Ibid. p. 785.

25. Ibid. p. 768.

26. Ibid. p. 779.

CAPÍTULO 9

1. LLOYD-JONES, D. Martyn. Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores. PES, São Paulo, SP.
2. VALERI, Mark. "Self-Examination and the Lord's Supper" in Edwards, Jonathan. The Works of Jonathan Edwards. V. 17. Sermons and Discourses, 1730-1733. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1999. p. 262.
3. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. CLAGHORN, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 759.
4. Ibid. p. 779.
5. MARSDEN, George. "Biography" in The Cambridge Companion to Jonathan Edwards. Stein, Stephen J. (Ed.). Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007. p. 22.
6. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. CLAGHORN, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 788.
7. EDWARDS, Jonathan. "Personal Narrative" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. CLAGHORN, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 796.
8. Ibid.
9. EDWARDS, Jonathan. "Diary" in The Works of Jonathan Edwards. V. 16. Letters and Personal Writings. CLAGHORN, George S. (Ed.). New Haven, Conn.: Yale University Press, 1998. p. 761-762.
10. Ibid. p. 787.
11. Ibid. p. 789.

12. Ibid. p. 783.

13. Ibid. p. 781.

CONCLUSÃO

1. MARSDEN, George. Jonathan Edwards: A Life. New Haven, Conn./London: Yale University Press, 2003. p. 50.



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso website www.ministeriofiel.com.br